



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
MESTRADO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO**

MIRIAM MENDES COSTA

**AS RELAÇÕES DE PODER NO PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO DOS
RELIGIOSOS DA CONGREGAÇÃO PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA
NO NORTE GOIANO (1950-1970)**

ARAGUAÍNA
2017

MIRIAM MENDES COSTA

**AS RELAÇÕES DE PODER NO PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO DOS
RELIGIOSOS DA CONGREGAÇÃO PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA
NO NORTE GOIANO (1950-1970)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins (PPGCULT/UFT), câmpus de Araguaína, como requisito parcial e final à obtenção do título de Mestre em Cultura e Território.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Rodrigues

ARAGUAÍNA
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C837r Costa, Miriam Mendes.

As relações de poder no processo de territorialização dos religiosos da Congregação Pequena Obra da Divina Providência no Norte Goiano (1950-1970). / Miriam Mendes Costa. – Araguaína, TO, 2017.

143 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Rodrigues

1. Orionita. 2. Antigo Norte Goiano. 3. Poder e Discurso. 4. Territorialização. I. Título

CDD 306

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



MIRIAM MENDES COSTA

**AS RELAÇÕES DE PODER NO PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO DOS
RELIGIOSOS DA CONGREGAÇÃO PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA
NO NORTE GOIANO (1950-1970)**

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território, da Universidade Federal do Tocantins, para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 20/09/2017, pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'J. Rodrigues', is written above a horizontal line.

Prof. Dr. Jean Carlos Rodrigues
Orientador e Presidente da banca – UFT/PPGCULT

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Plábio', is written above a horizontal line.

Prof. Dr. Plábio Marcos Martins Desidério
Membro examinador interno – UFT/PPGCULT

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Sylvio', is written above a horizontal line.

Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho
Membro examinador externo – UFPR/PPG

DEDICATÓRIA

A pessoa mais importante dessa existência, eu mesma, por ter conseguido me superar e descobrir que era capaz de fazer o que eu queria e não o contrário como já fiz outras vezes.

Ao meu querido filho, Bruno Mendes Lima, que ficou ouvindo minhas queixas e resumindo sempre em seus dizeres: “Mãe eu tenho certeza que você vai conseguir fazer esse trabalho, não sei o porquê de tanta reclamação”.

Ao meu querido amigo, Wilson Ferrer Pinto, que através de sua paciência e capacidade profissional tem me mostrado a cada dia que posso confiar em quem eu sou e nas coisas que faço.

As pessoas que investiram sua energia, vida e coração para fazer parte da história da região do antigo Norte Goiano, e dessa forma construíram parte do que ela representa nos dias de hoje.

AGRADECIMENTOS

Ao Universo por ter me proporcionado a oportunidade, a saúde e disposição para buscar um pouco mais de conhecimentos acadêmicos e através deles poder refletir e melhorar cada vez mais o que amo ser: professora.

A minha querida amiga Valdivina Télia pelo primeiro convite para participar do Grupo de Estudos História e Cultura - GEHCULT, através do qual me despertou a vontade de estar novamente nesse espaço privilegiado que é a Universidade.

Aos professores do GEHCULT por criarem um espaço rico e diverso para uma infinidade de discussões, através das quais pude sentir inquietações e ao mesmo tempo fazer uma porção de descobertas, além de tornar esse “bat” local e momento um ambiente apaixonante.

Ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território pela garra em empreender esse projeto de mestrado interdisciplinar do qual faço parte e sinto orgulho de compor a primeira turma.

Aos professores Airton Sieben, Dernival Venâncio Ramos Júnior, Elias da Silva, Euclides Antunes de Medeiros, Luiza Helena Oliveira da Silva, Marivaldo Cavalcante, Martha Victor Vieira, Plábio Marcos Martins Desidério, através dos quais pude estabelecer uma proximidade com temas e linhas teóricas que não faziam parte de meus conhecimentos.

Ao meu orientador pelas conversas, pela paciência nas correções, pelas diversas idas e vindas ao texto, pela disponibilidade e atenção nos momentos mais críticos da produção e pelo aprendizado que durante a relação de orientação pudemos estabelecer.

Aos membros da banca examinadora professor Dr. Plábio Marcos Martins Desidério e, em especial ao membro externo professor Dr. Sylvio Fausto Gil Filho pelas considerações valiosíssimas durante a qualificação, as quais espero ter atendido em sua maior parte ao longo do trabalho, para fazer valer o esforço de deslocamento de sua cidade.

A todas e todos os colegas que compuseram a primeira turma do PPGCULT e que fizeram parte desse momento, umas com mais proximidade: Maiza Lôbo e

Bruna Cardoso; outras que já tinha: Lillian e Daise, as quais moram em meu coração, outros nem tanta proximidade, mas com a certeza de que ficarão guardados na memória, pois fizeram parte dessa trajetória e das partilhas dos lanches e cafés.

Aos novos amigos que esse ambiente me proporcionou: Plábio Desidério, Mariana Matos, Rosária Nakashima, Matheus Lobo, Hélio Márcio, em especial Sariza Oliveira e Dernival Venâncio, que me tiraram do sufoco e do desespero por várias vezes tendo como recurso um elemento lúdico: o desenho.

Aos amigos, colegas e conhecidos que disponibilizaram material de pesquisa de suas bibliotecas particulares, em especial à professora Vera Caixeta, meu agradecimento e o comprometimento em devolver todos os livros, revistas e circulares emprestadas.

Aos padres orionitas que me disponibilizaram o material que tinham à disposição sobre a Pequena Obra da Divina Providência e sua atuação na região do antigo Norte Goiano. Em especial ao padre Eduardo Seccatto Caliman, pelos livros orionitas a mim presenteados.

Para encerrar, meus agradecimentos especiais ao padre Remigio Corazza por ter disponibilizado seu tempo para me conceder as entrevistas utilizadas neste trabalho, levando em consideração que em sua tenra idade de 97 anos se mostrou bastante lúcido em suas colocações. Também agradeço a todas e todos os entrevistados de 2006 que contribuíram para que eu pudesse entender um pouco mais dos sujeitos dessa pesquisa: os padres orionitas.

*E aqueles que foram vistos dançando foram
julgados insanos por aqueles que não podiam
escutar a música. (Friedrich Nietzsche)*

RESUMO

O trabalho apresentado foi construído a partir da busca em compreender como se constitui o processo de territorialização dos religiosos da Congregação Pequena Obra da Divina Providência no antigo Norte Goiano, hoje estado do Tocantins, entre as décadas de 1950 a 1970. Esta análise tem como base de investigação as relações de poder que foram estabelecidas através das ações dos padres orionitas na construção dos templos religiosos católicos, de unidades de saúde e de escolas. O caminho traçado em torno de se conseguir a compreensão dessa temática, foi entender o discurso da constituição da Congregação Orionita; depois perceber a apropriação de sentidos simbólicos que foram se estabelecendo na região entre os religiosos e a comunidade local, a partir das vozes da Igreja Católica Apostólica Romana e por último, perceber através das desobrigas como foram sendo constituídos os campos de poder na região. Assim, para se fazer essa análise se buscou elementos a partir das narrativas tanto dos orionitas quanto das pessoas que tiveram contato com esse grupo em sua chegada, utilizando elementos da Análise de Discurso para entender os ditos e interditos do texto. Além de se perceber que este trabalho missionário realizado pelos padres orionitas se encontrava num contexto de ocupação territorial frente aos religiosos protestantes. Dessa forma, concluímos que a região do antigo Norte Goiano foi uma localidade propícia para o processo de territorialização dos orionitas, pois estavam respaldados por um poder maior, o qual passou a ser reconhecido através da ação destes religiosos católicos na região.

Palavras-Chave: Orionita; Antigo Norte Goiano; Poder; Territorialização; Discurso.

ABSTRACT

This work investigates the constitution of the process of territorialization of the religious priests of the Congregação Pequena Obra da Divina Providência located in the ancient north of Goiás state, now state of Tocantins, from 1950 to 1970's. This analysis is based on investigation of the relations of power that were established through the actions of the Orionitas priests in the construction of the Catholic religious temples of health units and schools. In order to understand this theme we researched the discourse of the constitution of the Congregação Orionita; secondary, it was necessary to comprehend the appropriation of symbolic meanings that were established in the region between the religious and the local community since the voices of the Roman Catholic Church perceiving through the "desobrigas" how some relation of power were constituted in the region. This way, in the analysis we searched for elements from the narratives of both, Orionitas and the people who were in contact with them upon their arrival. It was used the Discourse Analysis theory to understand the discourses data. It is highlighted that this was a region of disputes between Catholics and Protestants. In this way, we conclude that the region of the ancient north of Goiás was a propitious local for the territorialization process of the Orionitas because they worked for a powerful religious order which came to be recognized through the actions of these religious Catholics in the region.

Keywords: Orionita; Ancient North of Goiás; Power; Territorialization; Discourse.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1: Mapa da área de atuação da missão orionita - Identificação dos limites da Prelazia de Tocantinópolis | 73 |
| Figura 2: Mapa do antigo estado de Goiás – destaque para Norte Goiano até 1988, atual Tocantins, e extremo Norte Goiano | 74 |
| Figura 3: Foto da Catedral de Tocantinópolis na década de 1970 | 82 |
| Figura 4: Foto da Catedral de Tocantinópolis em 2006..... | 83 |
| Figura 5: Foto da Visita Canônica de 1954 | 85 |
| Figura 6: Verso da foto da Visita Canônica de 1954 | 85 |
| Figura 7: Foto do padre Quinto Tonini às margens do rio Tocantins..... | 91 |
| Figura 8: Foto da Bula Papal da criação da Prelazia de Tocantinópolis | 108 |
| Figura 9: Mapa da divisão da missão orionita - região do antigo Norte Goiano | 113 |
| Figura 10: Diagrama dos campos sociais - interpretação segundo Bourdieu (2004) para ilustrar a dinâmica da região do antigo Norte Goiano | 118 |
| Figura 11: Foto do Pe. José Vicente e o maquinário de projeção | 123 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|----------|---|
| BR-153 - | Rodovia Transbrasiliana ou Rodovia Belém-Brasília |
| CDH - | Centro de Documentação Histórica |
| CELAM - | Conselho do Episcopado latino-americano |
| CNBB - | Conferência Nacional dos Bispos do Brasil |
| FDP - | Filhos da Divina Providência |
| GEO - | Grupo de Estudos Orionitas |
| ISO - | Instituto Secular Orionita |
| MA - | Maranhão |
| MJO - | Movimento Juvenil Orionita |
| MLO - | Movimento Laical Orionita |
| PA - | Pará |
| Pe. - | Padre |
| SECLEDO | Secretariado Latinoamericano Educacional Orionita |
| UFT - | Universidade Federal do Tocantins |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| RESUMO..... | 7 |
| ABSTRACT | 8 |
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES | 9 |
| LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS | 10 |
| SUMÁRIO..... | 11 |
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1. HISTÓRICO DA “ PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA” | 22 |
| 1.1. A FORMAÇÃO DISCURSIVA DOS PADRES ORIONITAS | 39 |
| 2. PERCEPÇÕES SOBRE O TERRITÓRIO NO ANTIGO NORTE GOIANO | 51 |
| 2.1. A ATUAÇÃO DOS RELIGIOSOS ORIONITAS NO ANTIGO NORTE GOIANO | 66 |
| 2.2. OS PRIMEIROS PASSOS PARA A TERRITORIALIDADE ORIONITA..... | 70 |
| 2.3. AS EXPRESSÕES SIMBÓLICAS NA CONSTRUÇÃO DA TERRITORIALIDADE ORIONITA..... | 97 |
| 3. AS RELAÇÕES DE PODER E A TERRITORIALIDADE ORIONITA..... | 105 |
| 3.1 A TERRITORIALIZAÇÃO ORIONITA ATRAVÉS DAS DESOBRIGAS | 116 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 131 |
| REFERÊNCIAS..... | 136 |

INTRODUÇÃO

Para dar início ao texto desta dissertação, passaram pela cabeça, dedos e escritas iniciais muitas formas e considerações, nas quais estávamos imersos e que gostaríamos de discutir ao longo da produção textual. No entanto, e somente a partir de vários olhares, começamos a entender o que realmente poderia ser discutido em relação aos sujeitos que colaboraram com estudo, construindo, aos poucos, o que nos provocava a escrever sobre os religiosos orionitas, pertencentes à Congregação Pequena Obra da Divina Providência.

Os principais questionamentos que contribuíram para a discussão dessa temática estavam relacionados às bases nas quais se constituíram o processo de territorialização dos religiosos da Congregação Pequena Obra da Divina Providência no antigo Norte Goiano, entre as décadas de 1950 a 1970, as quais instigaram mudanças nas concepções e visões dessa localidade em contato com os atores desse processo, conhecidos na região como padres orionitas.

A escolha por esta temática também está relacionada ao fato de procurarmos compreender a discussão elaborada a partir de um debate interdisciplinar, na interlocução entre dois universos conceituais: território e cultura. Dessa forma, a discussão teórica desse trabalho trará autores que possam contribuir com a temática escolhida – a construção das relações de poder no processo de territorialização dos orionitas no antigo Norte Goiano. Além disso, selecionamos discussões que possam contribuir para respondermos, por meio dessa vertente, a interdisciplinaridade, que não se refere apenas a cultura e nem apenas a território, mas onde se entrecruzam essas duas áreas de pesquisa.

Pensar sobre a interdisciplinaridade é relacionar o conhecimento numa perspectiva em que a pesquisa possa ser discutida através de várias vertentes, num processo de interação, em que as diversas discussões acadêmicas possam ser relacionadas às maneiras de se entender uma área do conhecimento. Nesse sentido, pretendemos ampliar as condições de interpretação, que não comportam condições segmentadas para explicar os aspectos da vida e das condições sociais humanas, que são bastante complexas, contribuindo para perceber que “a

interdisciplinaridade depende [...] basicamente de uma mudança de atitude perante o problema do conhecimento, da substituição de uma concepção fragmentária pela unitária do ser humano” (FAZENDA, 1991, p. 31). Dessa forma, pensar que várias áreas do conhecimento possibilitam uma interlocução que contribui para entender melhor o objeto de estudo, através de novos olhares para as relações de poder que se estabeleceram entre as décadas de 1950 a 1970, no antigo Norte Goiano.

A interdisciplinaridade não é uma nova teoria, conforme discutido por Fazenda (1991), mas uma nova forma de articular autores e teorias na discussão de um problema, através da qual, tanto cultura como território, possam ser discutidos como forma de ampliar e trazer outras percepções no processo de construção e da interlocução do pesquisador. É nesse exercício que reside a pesquisa e a escrita que prima por "buscar o conhecimento, uma das atitudes básicas a serem desenvolvidas em quem se pretende empreender um projeto interdisciplinar, [que] só pode ser entendido no seu exercício efetivo” (FAZENDA, 1991, p. 96).

Depois de entendermos que o trabalho deveria estabelecer uma relação de interdisciplinaridade, o próximo passo foi refletir qual seria o direcionamento a ser seguido dentro da pesquisa para que se pudesse tornar apaixonante o que estávamos tentando escrever, pois partilhamos da concepção de que não há condições de produzir sobre o que não queremos ou sobre aquilo com o que não nos identificamos. Com os questionamentos em relação à dissertação e procurando entender o porquê estávamos escrevendo sobre os orionitas, ouvimos uma das gravações feitas para a pesquisa deste trabalho.

Nessa entrevista, concedida em 22 de junho de 2016, o Pe. Corazza, religioso orionita que fez parte dos primeiros grupos que vieram para região do antigo Norte Goiano, havia despertado uma curiosidade, pois no questionamento sobre a percepção deste sujeito na chegada à região do antigo Norte Goiano, ele respondeu que: “a pergunta é muito bonita, porque me senti realizado, porque finalmente era padre, eu devo àquela cidade, não obstante da dificuldade encontrada, Filadélfia era a verdadeira missão”. O relato de Corazza (2016) sobre se sentir padre a partir da vinda para a região do antigo Norte Goiano, nos fez refletir sobre quais acontecimentos poderiam ter contribuído para que esse indivíduo pudesse ter essa percepção e quais elementos estavam presentes nessa fala que poderiam ser

entendidos a partir da pesquisa sobre a Congregação Pequena Obra da Divina Providência. Além disso, a curiosidade em estudarmos esse grupo não é nova, pois em outros momentos, para atender a outras demandas dos orionitas, já havíamos participado de trabalhos de pesquisa sobre esses religiosos.

No ano de 2006 foram feitas pesquisas e busca por documentos, fotos e informações sobre a atuação dos orionitas no antigo Norte Goiano, realizadas através de viagens pela região e para as localidades nas quais a missão orionita se estabeleceu. Esse trabalho teve o direcionamento de uma pesquisadora e professora de História que fazia parte do quadro de funcionários do Colégio Divina Providência (colégio pertencente aos orionitas), situado no Jardim Botânico, na cidade do Rio de Janeiro. As investigações feitas a partir dessas viagens e visitas às cidades por onde eles passaram resultaram em pastas de documentos, das quais também fazem parte entrevistas com padres orionitas, padres diocesanos e pessoas da comunidade que haviam tido contato com os padres orionitas no período das décadas de 1950 a 1970.

Nas localidades que foram visitadas, além das entrevistas, também foram obtidos livros, fotografias, revistas, cópias de partes dos livros de tombo, de batizados e casamentos das paróquias, dependendo da disponibilidade do pároco e da organização da paróquia, pois, nas cidades de Ananás, Araguatins, Babaçulândia, Filadélfia, Itaguatins, Nazaré e Xambioá, não há mais a presença dos religiosos orionitas à frente das paróquias, ficando restritos às cidades de Araguaína e Tocantinópolis no período de realização deste estudo, em 2006.

A partir dessa investigação, o interesse em estudar um pouco mais sobre os orionitas ficou mais aguçado, além da proximidade que se tem estabelecida com os sujeitos da pesquisa, os padres orionitas. Esse fato se dá porque, por mais de duas décadas, existe uma relação de trabalho na instituição educacional de Araguaína, Colégio Santa Cruz e, mais recentemente, por volta de cinco anos, na Faculdade Católica Dom Orione. Além das atividades laborativas, outro ponto de proximidade se dá pela participação no Secretariado Latino Americano, composto por representantes da Argentina, Brasil e Chile e que tem o intuito de pensar as diretrizes da educação orionita nesses países.

Estudar os orionitas foi também um exercício para entendermos um pouco sobre a região e, para que pudéssemos realizar esse trabalho, tomamos como base as reminiscências tomadas da memória de um dos padres orionitas e de pessoas que conviveram com esses religiosos, o que foi algo interessante e prazeroso de ser feito, pois exigiu um exercício para entendermos os discursos emitidos e as vozes que ecoavam dentro deles, tanto a partir de outros religiosos como da própria instituição Pequena Obra da Divina Providência. Além de que, essa atividade contribuiu para captarmos informações, ditos e interditos que não estão presentes em outras fontes de pesquisa.

Além de observarmos as concepções desse grupo de indivíduos, conhecidos pelas pessoas da região como padres orionitas, foi sendo construída a motivação para escrevermos sobre esse eles, entre tantas outras situações que poderiam ser investigadas e estudadas. No entanto, tendo em vista esses sujeitos como principais elementos para o estudo, foi se construindo os contornos do problema de pesquisa que nasceu a partir da seguinte indagação: no processo de chegada e contato com a comunidade da região do Antigo Norte Goiano, nas décadas de 1950 a 1970, se constitui as bases para o processo de territorialização dos missionários orionitas?

Para responder ao problema de pesquisa, foram feitas algumas escolhas metodológicas, e dentre elas, as entrevistas obtidas com o Pe. Remigio Corazza, um dos sujeitos que estava presente na vinda dos primeiros orionitas na década de 50, além de ser o único sobrevivente do grupo ao qual fez parte. No período que foi entrevistado para a construção deste trabalho estava com 97 anos de idade, e ainda demonstrava bastante lucidez em relação às informações que foram dadas. No entanto, é pertinente destacarmos que este ainda possui um sotaque bastante carregado, que mistura, de vez em quando, um pouco das palavras da sua língua materna, o italiano, com a língua portuguesa, aumentando o grau de dificuldade na hora da transcrição das entrevistas.

Entre novembro de 2015 a julho de 2016, foram feitas cinco entrevistas em períodos diferenciados, dependendo da disponibilidade que o Pe. Remigio Corazza apresentava, e dentre elas, foram selecionadas aquelas que poderiam colaborar para a temática pensada para essa dissertação. Além disso, outro fator contributivo foram as leituras, estudos e os novos olhares para os sujeitos da pesquisa que se

deram após o início das atividades desenvolvidas para esse mestrado, tendo um pouco mais claro quais seriam os caminhos que a pesquisa deveria seguir.

Na maioria das vezes não tivemos dificuldade em obter as informações sobre o trabalho, no entanto, em alguns momentos foi necessário, primeiro, vencer a resistência do Pe. Corazza, já que mencionava não ter nada para falar que não estivesse escrito em seus livros ou que tivesse sido partilhado em outros momentos, além de mencionar que outros padres ou pessoas da região eram mais conhecedores da história das missões (e que, por isso, poderiam contar melhor sobre o período da chegada deles na região do antigo Norte Goiano).

Para vencermos essa barreira inicial, mencionamos que desenvolvíamos um trabalho de escrita sobre a história dos orionitas, elaboramos questões que pudessem orientar o entrevistado, mas também obtivemos entrevistas nas quais solicitamos que contasse sobre sua vida, lembrando também que tivemos o cuidado de não estender os momentos de entrevista, que versaram em torno de 30 a 40 minutos, no máximo, incluindo o momento de chegada, preparação, gravação e agradecimento.

Foram utilizadas também neste trabalho, entrevistas obtidas em 2006, através de uma pesquisa realizada nas cidades Ananás, Araguaína, Araguatins, Itaguatins, Nazaré, Tocantinópolis e Xambioá com pessoas da comunidade local. As escolhas foram realizadas a partir das indicações dos párocos da cidade, de outras pessoas indicadas por eles ou ainda ligadas às escolas, postos de saúde ou atividades paroquiais que tiveram contato com os padres orionitas nas décadas de 1950 a 1970, na região nomeada como antigo Norte Goiano. Essa atividade que culminou na busca de informações, livros, fotos e documentos foi incentivada pelos próprios orionitas que tinham interesse em compor materiais que servissem para a escrita sobre eles nessa região.

Além das entrevistas mencionadas, foram usados documentos e imagens que fizeram parte de outro momento de pesquisa, ocorrido em 2013, em companhia da professora Vera Lúcia Caixeta, da Universidade Federal do Tocantins, em Tocantinópolis. Durante esse momento tivemos o contato com a documentação de criação da Diocese, cartas enviadas ao bispo, documentos da cúria, revistas e circulares disponibilizadas pelo bispo da época, Dom Giovane Pereira de Melo.

Dentre os livros que discorrem sobre as atividades dos orionitas no Antigo Norte Goiano, o principal utilizado para esse trabalho foi escrito pelo padre Tonini (1959), orionita que fez parte das primeiras expedições que vieram para a região. O livro “Dom Orione: entre diamantes e cristais” foi elaborado e datilografado quando ele residia em Montevideú, a partir de narrações dos momentos vivenciados, segundo ele, nas “selvas equatoriais”. Neste escrito se observa além das narrativas, a maneira como os religiosos enxergavam a região.

Outros materiais aproveitados foram enviados pelo GEO - Grupo de Estudos Orionitas da Argentina, pois um dos principais membros e pesquisadores reside atualmente nesse país, e o contato com ele se deu nos momentos de reunião do secretariado educacional. Além de informações, livros e documentos disponibilizadas pela Congregação Orionita através dos seus religiosos.

Em relação ao grupo estudado e que está sendo nomeado dentro do trabalho como padres orionitas, como são conhecidos na região, é necessário lembrar que eles pertencem à Congregação Pequena Obra da Divina Providência, e são chamados de “Filhos da Divina Providência”, nomes que aparecerão ao longo do texto de acordo com o que estiver sendo mencionado. No entanto, as pessoas entrevistadas se referem a esse grupo como padres orionitas, dessa forma é possível que seja também, em sua maior parte, utilizado por ser uma escolha mais própria da maneira como são conhecidos os sujeitos que fazem parte da instituição.

A maneira mais formal é utilizada apenas em documentos ou em momentos oficiais, além do que, na região que estamos tratando, antigo Norte Goiano, atual Tocantins, eles foram chamados apenas de padres orionitas. Dessa maneira, se destaca que esse termo será apropriado para o trabalho, para que não se corra o risco, em alguns momentos, de se ter outra conotação à fala ou interpretação do que deve ser utilizado, principalmente a partir do tratamento das fontes e bibliografias escolhidas para a composição deste material.

Para entendermos a área de atuação desses sujeitos, tomamos como base a localidade pertencente ao recorte que é objeto deste trabalho e será delimitada pelo território ocupado por estes indivíduos, criado através da bula papal, em 1954, assinada pelo papa Pio XII e que foi nomeado de Prelazia de Tocantinópolis. A área contemplava as regiões localizadas ao extremo norte, no encontro entre os rios Tocantins e Araguaia; a oeste, limitada pelo estado do Pará; a leste, pelo estado do

Maranhão e ao sul, pelas prelazias de Miracema e Cristalândia, mais especificamente, na divisão a partir da cidade de Nova Olinda (PIAGEM & SOUSA, 2000).

Partindo dessas considerações, buscaremos refletir nessa investigação a fim de refletir sobre o processo de territorialização dos orionitas através das relações de poder estabelecidas na região desde a chegada desses religiosos, com o intuito de descobrir se as principais atividades empreendidas por eles entre as décadas de 1950 a 1970 colaboraram para esse processo, nesse período que é recorte deste estudo e no qual se estabeleceram no antigo Norte Goiano,

Essa temática terá como base o questionamento de que as ações empreendidas pelos religiosos pertencentes à Pequena Obra da Divina Providência constituíram um território orionita no antigo Norte Goiano, partindo do princípio que esse grupo através das construções dos templos religiosos católicos, de unidades de saúde e escolas, foi estabelecendo as principais atividades para o processo de territorialização.

O período escolhido, entre as décadas de 1950 a 1970, justifica-se por entendermos que foi o momento em que esse grupo se estabeleceu no Centro-Oeste do país à época, trazendo consigo características peculiares das regiões e do país do qual haviam migrado (norte da Itália) para uma realidade diferenciada do que conheciam anteriormente, nascendo desse processo novas perspectivas, tanto para a população que estava estabelecida na região quanto para o grupo dos orionitas.

Na busca por responder à temática escolhida para o trabalho, foram traçados como objetivos específicos: (i) contextualizar historicamente a constituição da Pequena Obra da Divina Providência a partir dos discursos emitidos pelos orionitas; (ii) analisar o processo de territorialização dos religiosos orionitas no antigo Norte Goiano no período entre 1950-1970; e (iii) entender como se estabeleceram as relações de poder a partir dos discursos da Igreja Católica trazidos pelos orionitas e a comunidade do antigo Norte Goiano, no processo de formação territorial durante o período nomeado de missionário - 1950 a 1970.

E, no intuito de atender aos objetivos propostos, as considerações feitas em primeiro plano se relacionam ao poder simbólico exercido pelo grupo dos religiosos

orionitas em relação à comunidade local, mostrando como esse elemento foi norteador da presença desses indivíduos, pois suas bases foram constituídas através das relações de poder no antigo Norte Goiano. Levando em consideração que esses religiosos representavam uma instância de poder (Igreja Católica Apostólica Romana) e, com isso, carregavam uma legitimação do poder que exerceram, pois “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem [...] é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia” (BOURDIEU, 1989, p.15).

Essa legitimação do poder simbólico, discutido em Bourdieu (1989), nos remete ao fato de que, ao chegar à região do antigo Norte Goiano, os padres orionitas traziam consigo algo que era representativo para a localidade: o fato de serem pertencentes a um grupo religioso que detinha um capital simbólico que, em certa medida, já era conhecido e reconhecido por parte dessa comunidade local, conseqüentemente mostram que “o peso dos diferentes agentes depende de seu capital simbólico, isto é, do reconhecimento, institucionalizado ou não, que recebem de um grupo” (BOURDIEU, 1998, p. 59).

Nesse processo, o poder religioso toma outras dimensões e outras instâncias, assumindo uma função que segundo Bourdieu (2013, p. 46) “só poderá cumprir na medida em que possa suprir [...] a força material ou simbólica possível de ser mobilizada por um grupo ou classe, assegurando a legitimação de tudo que define socialmente este grupo ou esta classe”, elemento que será observado através dos momentos de interação que foram sendo constituídos com a comunidade local usando como mecanismo principal, as desobrigas.

Para entendermos como as desobrigas¹, juntamente com a construção de escolas, unidades de saúde e templos religiosos, contribuíram para o processo de territorialização, tomamos por base os aspectos teóricos discutidos em Raffestin (1993), pois, a partir destas atividades, observamos características de apropriação

¹ A palavra “desobriga”, dada frequentemente e tradicionalmente pelo nosso povo (bispo Alano Du Noday) e pelos missionários, tem uma significação que se prende à obrigação religiosa: obrigação de ouvir a palavra de Deus, de receber os sacramentos, de participar da missa, [sic] de fazer a Páscoa, confessando e comungando ao menos uma vez por ano [...] “Desobriga”, pois, significa descarregar a consciência, cumprindo os deveres cristãos (PIAGEM & SOUSA, 2000, p. 103). Ou ainda como menciona Caixeta (2014, p. 113) A desobriga ocorre fora das sedes das paróquias, por todo o interior [...] Elas podem ser consideradas uma simplificação das “santas missões”.

da região, em que “a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações reais recolocadas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal (RAFFESTIN, 1993, p.162), e que pudessem atender às necessidades de instituições como a Igreja Católica Apostólica Romana e o Estado, que estavam, em determinada medida, distantes tanto no aspecto físico como simbolicamente.

O processo de apropriação poderá ser analisado a partir das discussões sobre o conceito de civilização apresentados por Elias (1994), em que procura mostrar como as características, refinamentos das maneiras sociais, suavização e polidez do “homem civilizado” torna-se o ideal da sociedade e, mesmo que expressando a classe alta europeia, se vê observado na região, que é discutida através do olhar dos religiosos orionitas, cujo olhar era enviesado por uma percepção colonizadora.

Partindo desse aporte teórico, o trabalho baseia sua construção metodológica a partir das entrevistas com pessoas que conviveram com os orionitas no período missionário, 1950 a 1970, no antigo Norte Goiano, com um dos representantes religiosos, Pe. Remigio Corazza. Também farão parte desse material os livros produzidos pelos orionitas, circulares, documentos, fotos adquiridas durante as pesquisas (realizadas em 2006 com a professora Maristela Crestani Andrade) e em 2013 (com a professora Vera Lúcia Caixeta), além do material coletado em 2016 e 2017, durante a geração dos elementos supracitados, necessários para essa dissertação.

Para análise do *corpus* (os escritos e as entrevistas) nos valem da Análise de Discurso (AD), a fim de interpretarmos os sentidos e as formações discursivas presentes na pesquisa realizada, pois “compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se reproduz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos” (ORLANDI, 1995, p. 20), transformando esse conjunto em elementos dinâmicos do processo.

Isso remete ao fato de que as formações discursivas carregam dentro de si componentes ideológicos que marcam suas expressões, pois tornam-se elementos constitutivos de um grupo, como é o caso dos padres orionitas, que serão estudados tendo como preceito que “as palavras mudam de sentido ao passarem de uma

formação discursiva para outra, pois muda sua relação com a formação ideológica” (ORLANDI, 1988, p. 18).

Tendo em mente essas considerações, construímos o texto discutindo, no primeiro capítulo, os elementos históricos que assinalaram a constituição da Congregação Pequena Obra da Divina Providência e a sua marca discursiva a partir da escolha do próprio nome, além de que mostrar como essas percepções contribuíram como elemento motivador na vinda dos religiosos para a região.

O segundo capítulo versa sobre a chegada dos orionitas à região do antigo Norte Goiano, na década de 1950, procurando mostrar como foram construídos os elementos dessa proximidade tendo como pano de fundo as desobrigas, e que contribuíram para o processo de territorialização desses religiosos, utilizando o poder simbólico exercido a partir da Igreja Católica Apostólica Romana como uma das principais maneiras na relação com a comunidade local. Neste capítulo também se buscará delinear as principais bases através das quais os orionitas ficaram conhecidos durante o período de chegada até 1970, período missionário, que foi a tríade orionita: saúde, educação e religião.

Para finalizar, no terceiro capítulo, abordaremos como o processo de territorialização contribuiu para que a região do antigo Norte Goiano pudesse se constituir e, ao longo das duas décadas de atuação, ser delineada a partir da presença dos religiosos orionitas, além de mostrar como, por meio de suas ações, construíram os campos de poder simbólico em torno das concepções que também foram sendo constituídas na região.

Partindo dessas considerações, se buscará realizar a pesquisa na tentativa de compreender as percepções sobre o processo de territorialização dos orionitas através das relações de poder estabelecidas na região desde a chegada desses religiosos. Além de procurar identificar se as principais atividades empreendidas por eles, entre as décadas de 1950 a 1970, colaboraram para esse processo, no qual se relaciona ao momento de chegada e estabelecimento desse grupo no antigo Norte Goiano, período também nomeado de missões.

1. HISTÓRICO DA “ PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA”

A Congregação Pequena Obra da Divina Providência foi fundada na região norte da Itália, na cidade de Tortona, em 1893, por Luís Orione, e teve como marco inicial a abertura de um colégio na região. A partir dessa construção, a Congregação Orionita se expandiu para outras localidades, tendo como principais cidades italianas citadas por Papàsogli² (1991, p.14) San Remo, Roma, Gênova, Milão e Messina. Essas localidades em que os orionitas atuaram referem-se apenas à primeira metade do século XX. Além disso, suas fundações não ficaram restritas ao país de origem, já que, posteriormente, se instalaram no Brasil, Argentina, Polônia, Estados Unidos, Inglaterra e Albânia, entre outros países na segunda metade do século XX.

O nome da Congregação Orionita é normalmente referido como orionita, dando a entender que é chamada dessa maneira pela facilidade em utilizar a nomenclatura a partir do sobrenome do fundador, Luís Orione, mais usual do que o nome completo pelo qual ela é registrada, também como forma de se criar uma identidade. Além disso, é conhecida dessa maneira pelas pessoas que tiveram contato com os padres orionitas, tanto na região que está sendo estudada (antigo Norte Goiano, atual estado do Tocantins) quanto em outras localidades em que estão inseridos ou mesmo entre aquelas pessoas que desenvolvem atividades para este grupo.

Outro fato que podemos citar é que os vários grupos instituídos por ela são nomeados a partir do nome Orione, como o MLO (Movimento Laical Orionita), MJO (Movimento Juvenil Orionita), ISO (Instituto Secular Orionita), SECLEDO (Secretariado Latinoamericano Educacional Orionita), e mesmo as documentações, livros, panfletos, circulares ou páginas oficiais que puderam ser pesquisados, utilizam a nomenclatura Congregação Orionita ao invés do nome completo da Pequena Obra da Divina Providência.

² Autor da principal biografia feita sobre o fundador da Pequena Obra da Divina Providência, segundo as informações constantes no livro que tem data de publicação no Brasil de 1991, período anterior ao fato de Luís Orione ter sido considerado santo pela Igreja Católica Apostólica Romana, fato que ocorreu em 16 de maio de 2004. Não há informações disponíveis sobre o autor do livro, no entanto, fontes oficiais mencionaram que ele era um biógrafo profissional e que por isso foi escolhido para a produção dessa escrita.

Dessa forma, utilizaremos “Congregação Orionita” e “Congregação Pequena Obra da Divina Providência” como sinônimos, sendo que, em alguns momentos, o nome completo nas referências à instituição e “orionita” na maior parte do tempo quando forem mencionados os religiosos que congregam na mesma.

A Congregação Pequena Obra da Divina Providência, de acordo com as fontes históricas oficiais orionitas³, teve seu nascimento relacionado à criação do Colégio São Bernardino, em Tortona, no ano de 1893, e este fato esteve envolvido em acontecimentos que fazem parte dos discursos incorporados e repetidos pelos representantes desta congregação, pois valeu-se desse momento para se construir os elementos que “compõem as condições de produção do discurso” (ORLANDI, 1988, p. 18), ao se utilizar dos fatos ocorridos nessa fundação como constituintes dos discursos que foram produzidos por este grupo de religiosos.

Para tentarmos mostrar um pouco desse aspecto, se faz necessário voltarmos um pouco no tempo e discorrermos sobre um detalhe escolhido e tratado como elemento importante na fundação da Congregação Orionita: o fato de que, antes de ser constituída como uma Congregação Orionita, Luís Orione já desenvolvia um trabalho que pode ser pensado como um “embrião”, chamado de *Oratório Festivo* ou *Oratório São Luís*. Datado de 1892, envolvia atividades realizadas nas dependências da catedral de Tortona, reunindo alunos expulsos das salas de catequese ou que consideravam as discussões tratadas pelo clérigo⁴ mais interessantes que aquelas que estavam sendo discutidas em suas salas.

Essa experiência teve uma breve existência, pois a duração se deu entre março de 1892 a julho de 1893, segundo as descrições do Pe. Rigo (1993), pois a presença cada vez maior do número de crianças e jovens nas atividades propostas pelo clérigo Luís Orione começou a atrapalhar a vida dentro da catedral. A

³ Autores como OLIVEIRA (2001), PAPASOGLI (1991), Pa (1997), RIGO (1993), SCANO (1999), Cadernos do Grupo de Estudos Orionitas (2001) e circulares “A Fátima Brasileira” “A Pequena Obra da Divina Providência” e “Dom Orione”.

⁴ Dentro da organização interna dos padres orionitas algumas terminologias são utilizadas, um delas é o clérigo que é um título para o ingressante na Congregação que está em estudos para se tornar sacerdote e contempla o período após o Noviciado, primeiro ano de experiência da vida religiosa. O período após o Noviciado o pretendente faz os votos temporâneos e passa a ser chamado de clérigo. Na etapa subsequente ele deixa de ter esse título recebendo outro de diácono. O diaconato se inicia um ano antes de ser nomeado na Congregação como um sacerdote. Interpretação das Constituições e Normas da Pequena Obra da Divina Providência - Dom Orione (2007).

inquietação desse grupo criava muitos burburinhos dentro dessa localidade, suscitando muitas reclamações em relação a atividade organizada dentro do pátio da catedral de Tortona.

Para obedecer ao bispo – ao qual chegavam muitas queixas, devido a vivacidade e os distúrbios feitos pelos seus garotos –, Luís Orione teve que fechar o Oratório festivo [...] “Tive que dar a notícia aos meninos – recordava mais tarde – que saíram cabisbaixos, pensando que nunca mais poderiam brincar. Com o coração angustiado os vi sair; eu estava mesmo desmontado e sem consolo Amarrei as chaves nas mãos de Maria e, com a morte no coração, subi para o meu pequeno quarto na torre da catedral”. (RIGO, 1993, p. 30)

Em 15 de outubro de 1893, dois meses após o fechamento do Oratório Festivo, Luís Orione, aos 21 anos, constituiu o colégio de São Bernardino, na cidade de Tortona – Itália, considerado pela Congregação como a primeira fundação da Pequena Obra da Divina Providência. Vale ressaltar que, nesse período inicial, o fundador ainda não era um sacerdote, pois ainda restavam dois anos para ser ordenado, fato que ocorreu no ano de 1895.

Mesmo não contando com a condição de sacerdote, Luís Orione inaugurou essa unidade educativa para rapazes pobres, abertura essa que contou com a autorização do bispo de Tortona, que na época era Dom Bandi. Esse momento é retratado como algo especial dentro da Congregação, pois refletiria parte das características do fundador, que seria, segundo o seu biógrafo Papàsogli (1991), um homem tomado de iniciativa e com um olhar à frente dos tempos, frase repetida por diversos religiosos orionitas.

Nesse aspecto é importante observarmos que os discursos constituídos como parte da Congregação Orionita, e repetidos à medida que se conformavam com as ideias pensadas pelo fundador e por seus seguidores, religiosos ou não, deram continuidade ao processo de composição da congregação, sendo as narrativas elaboradas por estes sujeitos como “o conjunto de formações discursivas [...] interdiscurso, que também está afetado pelo complexo de formações ideológicas” (LAGAZZI-RODRIGUES & ORLANDI, 2015, p.20), pois se constitui a partir das concepções discursivas religiosas católicas.

Essa formação discursiva religiosa se refere ao que se deve ou não ser dito, também se relaciona com o local de onde se emite um discurso, quais as regras envolvidas nesse dizer e o que marca o lugar social para a formação de sentidos. As abordagens neste sentido, se dão a partir das regras para os dizeres que os orionitas produzem a partir do lugar que representam e que está dentro universo religioso católico, por isso pode ser observado que: “o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa” (LAGAZZI-RODRIGUES & ORLANDI, 2015, p. 18).

Partindo dessas discussões, e tendo por objeto os escritos oficiais que relatam a vida de Luís Orione, observamos outro elemento que é destacado na descrição de sua vida e constituição da Congregação: o fato do fundador ser jovem e impetuoso e isso ter colaborado para a existência e expansão do trabalho criado por ele aos 21 anos de idade, conforme se relata abaixo:

Ainda bem jovem, Luís Orione, [...] deixa o claustro da vida de apóstolo e irrompe pelos bastiões da vanguarda, clérigo, apóstolo, fundador! Começa, então, o milagre de uma vida que se multiplica num infinito número de filhos espirituais, que se transforma nas diversas e desconhecidas almas caídas na órbita de sua ação apostólica. (PATTARELLO, 1997, p. 28)

Outro destaque que é dado nas descrições encontradas é o de que ele se anteciparia à sua ordenação, momento ao qual a Igreja Católica Apostólica Romana confere a uma pessoa os ministérios sagrados, para tornar-se um sacerdote, pois realizou atividades que não eram esperadas de um jovem estudante. De acordo com as descrições observadas, o qualificaram tendo como base uma de suas expressões: “é necessário caminhar à frente dos tempos” (Pequena Obra da Divina Providência, 1996), expressão encontrada em escritos e depois repetida nas falas deste grupo de indivíduos, que desperta para a observação de como as características do grupo de religiosos orionitas foram sendo constituídas e, posteriormente, repetidas.

Pensando nessas repetições, que fazem parte da construção dos sentidos que formaram as características que compõem a Congregação Pequena Obra da Divina Providência, e o que elas significam para a composição discursiva desse grupo, percebemos que as concepções tomadas desde o fundador ou que são

atribuídas a ele continuam a ser utilizadas como formação discursiva religiosa. Isso mostra que através dessa perspectiva se constrói uma relação de reconhecimento e de pertencimento, prática de linguagem que aproxima aqueles que se consideram parte deste grupo, pois “as palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas” (ORLANDI, 2009, p. 43). Como exemplo a expressão utilizada e repetida por este grupo, com intuito de constituir o discurso de que o fundador, Luís Orione, estava à frente dos tempos.

Esse elemento discursivo se percebe através da história contada por seus religiosos e escritores oficiais, na qual, para dar início a essa congregação religiosa, João Luís Orione⁵ precisava alugar uma casa na região norte da Itália, em Tortona, onde morava e estudava, e dessa forma, montar um colégio para os meninos pobres da região. No entanto, não possuía o valor necessário para esse aluguel, que era de 400 liras, pedidas pelo dono do imóvel.

A narração sobre essa passagem continua numa descrição que menciona os sentimentos de euforia e preocupação de Luís Orione ao voltar da conversa que havia tido com o dono do imóvel (PAPÀSOGLI, 1991). Esta situação havia contribuído para que ele voltasse disperso em seus pensamentos, pois estava preocupado com o valor que lhe haviam cobrado. Segundo os registros, além do já exposto, outro fator contribuiria para que ele estivesse angustiado: não ter nenhuma fonte de renda ou influência para conseguir essa quantia, sendo assim, não imaginaria como encontrar alguém que pudesse ajudá-lo em seu intento de abrir um colégio na região.

Segundo o que é descrito em Papàsogli (1991), Luís Orione, no caminho de volta ao local de moradia e trazendo essas inquietações dentro de si, encontrara-se com uma idosa, moradora da região, que conhecia o trabalho desse religioso e que

⁵ Apesar da maioria dos documentos encontrados sobre o fundador da Congregação Pequena Obra da Divina Providência terem o nome grafado Luís Orione, seu nome completo era João Luís Orione. A escolha se deu pelo fato de seu nascimento ter acontecido em 23 de junho de 1872, na cidade de Pontecurone, norte da Itália, mas o batizado em 24 de junho, e em homenagem ao santo do dia, São João, foi batizado tendo como o primeiro nome João. Esse aspecto é retratado através de uma breve biografia constante em Oliveira (2001, p. 16). As documentações e textos encontrados só mencionam o nome João relacionado ao seu batismo, na maioria das documentações encontradas, está grafado apenas Luís Orione, inclusive o nome que carrega como santo: São Luís Orione. A data de seu falecimento foi 12 de março de 1940, aos 67 anos, de problemas cardíacos, na cidade de San Remo, na Itália (PAPÀSOGLI, 1991).

também era conhecida por ele. Nesse encontro, a senhora Angelina Poggi, sabendo que o clérigo Luís Orione queria abrir um colégio, teria oferecido o valor exato de 400 liras como pagamento para que ele pudesse aceitar o sobrinho como aluno do colégio que ele queria organizar e abrir, resolvendo, a partir desse momento, a questão primordial que impedia o início das atividades da Congregação Orionita.

O nome dessa senhora é omitido na maioria das fontes pesquisadas, tratada apenas como uma senhora ou uma velhinha. Seu nome aparece na biografia descrita por Papàsogli (1991), despertando a atenção para o fato de que esse silenciamento do nome também é elemento para entender a forma de recontar a história envolvendo essa personagem, através da qual se percebe a criação de uma dinâmica no imaginário de quem lê ou ouve a história contada, pois a construção de elementos significativos procuram mostrar a capacidade de entender os desígnios da Divina Providência, como sendo exercido por uma senhora, elemento que também contribuiu para significar a devoção orionita à Nossa Senhora, pois, segundo Scano (1999, p. 75), “seus grandes ideais de vida [São Luís Orione] foram aqueles de querer salvar todos os homens [...] por isso seu carisma definiu-se em ‘Papa e Pobres’ com grande devoção a Maria, a Mãe de sua obra e da (sic) Igreja”.

Além do que foi destacado, também se faz necessário mencionar que o encontro entre Luís Orione e sua benfeitora teria se dado especificamente numa ponte próxima ao Santuário de Nossa Senhora da Guarda, em Tortona. Esse local se tornou o templo principal para a Congregação Orionita e a ponte passou a servir de marco histórico para a cidade italiana, já que esse momento é tratado como o início dessa congregação e o santuário como o principal elemento simbólico da instituição Pequena Obra da Divina Providência, além de servir como componente da história da cidade, da história da Congregação Orionita e de toda a mística criada em torno dessa instituição.

Este aspecto nos remete às discussões tratadas por Porto (2010) quando elabora a concepção de que “o discurso é mais forte do que a frase, [...] é feito de outros discursos [...] nunca é transparente e de significação evidente” (p. 45), o que nos permite compreender que as enunciações não estão despidas de conceitos e que eles se remanejam dependendo do contexto e dos sujeitos que estão inseridos no processo, como exemplificado nos elementos desta pesquisa que configuram

explicações sobre o próprio nome da Congregação Orionita ou mesmo das devoções que estabelecem a estrutura religiosa a partir de elementos constituídos em sua história.

As descrições sobre o momento em que a Congregação começa a ser constituída podem ser observadas nas fontes oficiais entre outros autores que discorrem sobre esse grupo, mas as configurações de suas falas não são muito diferenciadas no tocante sobre esse tema. Nesse momento de criação também se justificaria o nome da Congregação Orionita, pois, segundo o que é descrito pelo fundador, ele acreditava que a quantia oferecida pela senhora Angelina Poggi havia sido a resposta do poder de Deus ao seu pedido, por isso a Congregação foi nomeada de Pequena Obra da Divina Providência, como pode ser percebido através da descrição feita sobre esse momento:

De fato, com a permissão do Bispo, ele aluga uma casa, no bairro de São Bernardino, para meninos pobres, uma parte dos quais eram desejosos de seguir o caminho sacerdotal. Porém, deve pagar 400 libras de aluguel, em uma semana. *“Quando estava voltando para a catedral – lembrará muitas vezes – uma velhinha, que eu conhecia, me disse: – se você aceita no colégio o meu sobrinho, tenho em casa quatrocentas libras e dou todas para você!... – Eu volto, então, à casa do proprietário com o dinheiro: Onde você o roubou? – me pergunta Pasqual Stassone. – Nada de roubo – respondi – é a Divina Providência!...”* (RIGO, 1993, p. 33)

A escolha do nome é contada pelos pertencentes à Congregação Orionita como um momento de realização do seu fundador, pois segundo as repetições que se fazem há sempre um destaque para a sua crença na Divina Providência, que neste caso, pode ser representada por esta senhora, elemento que de alguma forma também se observa nas falas de outros religiosos, inclusive entre aqueles que fizeram parte das missões religiosas, período de trabalho entre os anos de 1950 a 1970, na região conhecida como antigo norte do estado de Goiás, atualmente pertencente ao estado do Tocantins⁶.

⁶ O estado do Tocantins foi criado através do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e sua instalação de deu a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, conforme o artigo 13, momento a partir do qual deixa de pertencer ao estado de Goiás e passa a constituir uma nova unidade da federação. Art. 13. É criado o Estado do Tocantins, pelo desmembramento da área descrita neste artigo, dando-se sua instalação no quadragésimo sexto dia após a eleição prevista no § 3º, mas não antes de 1º de janeiro de 1989. § 1º - O Estado do Tocantins integra a Região Norte e limita-se com o Estado de Goiás pelas divisas norte dos Municípios de São Miguel do Araguaia,

Essa formação discursiva que está em curso desde a concepção da instituição até o momento que se torna a “Congregação Pequena Obra da Divina Providência”, não está dissociada dos preceitos que envolvem esse ambiente religioso, através do qual se produzem sentidos que respondem a um posicionamento ideológico, conforme menciona Orlandi (2009) quando elabora os conceitos sobre essa questão na Análise de Discurso.

As posições ideológicas dão sentido às escolhas realizadas, pois as palavras utilizadas são revestidas do momento histórico, do local de onde se emite e das concepções de quem emite um determinado discurso, dando contribuições para que, a partir deles, se possa compreender os elementos que compõem um posicionamento ou mesmo uma escolha. Lembramos que tomamos discurso não são apenas como um objeto constituído de falas, mas tudo o que se emite e que emana um posicionamento.

Partindo dessa concepção, podemos trazer para a interpretação do contexto o funcionamento da linguagem, que não deve ser vista apenas como a decodificação de um código linguístico, mas pertencente a todo um contexto social que carrega para dentro dele uma estrutura ideológica que não é vista, de forma clara pelos indivíduos, mas que está permeada de concepções que respondem às crenças de todas as ordens, destacamos que crença não significa apenas o acreditar religioso, mas o fato de presumir aspectos que envolvem o meio social e as concepções das pessoas que dele fazem parte.

Todo falante e todo ouvinte ocupa um lugar na sociedade, e isso faz parte da significação. Os mecanismos de qualquer formação social têm regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações (posições) dessas situações no interior do discurso: são as formações imaginárias. O lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, é constitutivo de significações. Tecnicamente, é o que se chama relação de forças no discurso. (ORLANDI, 1988, p.18)

Porangatu, Formoso, Minaçu, Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Campos Belos, conservando a leste, norte e oeste as divisas atuais de Goiás com os Estados da Bahia, Piauí, Maranhão, Pará e Mato Grosso. § 2º - O Poder Executivo designará uma das cidades do Estado para sua capital provisória até a aprovação da sede definitiva do governo pela Assembléia Constituinte. § 3º - O Governador, o Vice-Governador, os Senadores, os Deputados Federais e os Deputados Estaduais serão eleitos, em um único turno, até setenta e cinco dias após a promulgação da Constituição, mas não antes de 15 de novembro de 1988, a critério do Tribunal Superior Eleitoral.

O nome da instituição “Pequena Obra da Divina Providência” servirá como elemento motivador, pois seus religiosos acreditavam que, mesmo estando distante de sua terra natal, a crença na “Divina Providência” era a maneira na qual poderiam incorporar as percepções como representantes religiosos e posicionamentos ideológicos que, posteriormente, foram traduzidos para a região do antigo Norte Goiano, onde desenvolveram o trabalho nomeado de missionário.

Tendo essa percepção em mente, vamos observando que o nome dado à “Pequena Obra da Divina Providência”, não é somente um nome, mas traz consigo uma variedade de sentidos que serão reproduzidos por seus representantes à medida que vão fazendo parte da comunidade local e, dessa forma, passam a contribuir para as características simbólicas que vão se estruturando no antigo Norte Goiano, e que passam também pelo que é atribuído ao fundador Luís Orione, elemento base da instituição orionita.

As duas expressões que compõem o nome são interessantes e requerem uma observação, conforme destaca Pattarello (1997), ao mencionar que a “Pequena Obra” se mostra através das palavras escolhidas uma tentativa de se diferenciar de outras ordens ou congregações com maior porte ou mesmo maior tempo de existência, mas, em especial, observamos que está voltada para mostrar que, por maior que ela pudesse se tornar, sempre seria algo pequeno em relação ao todo de uma instituição que é a Igreja Católica Apostólica Romana.

O outro elemento do nome que é a “Divina Providência” tem suas explicações baseadas nas experiências narradas para a criação da instituição, pois nestes discursos é interessante observarmos a repetição desse conceito de que ela passa a existir por vontade de um ser maior e divino, nome atribuído e utilizado em diversos textos como resultado da crença desse grupo de indivíduos e incorporada a partir da construção dos sentidos que respondiam às suas concepções, conforme menciona Papàsogli (1991) em sua biografia sobre o fundador e a Congregação Orionita.

Essas criações exemplificadas estão entendidas aqui como componentes das relações linguísticas estabelecidas entre os primeiros interlocutores dessa instituição religiosa e os conceitos que foram elaborados para dar base à sua constituição. Esses elementos são produzidos em todo o processo e, ao mesmo tempo,

apropriados pelos religiosos orionitas, além de repetidos para definirem os aspectos constitutivos desse grupo, conforme observa-se na explicação de Bourdieu (1998):

As competências linguísticas constituem capacidades de produção socialmente classificadas que caracterizam unidades linguísticas de produção socialmente classificadas, e ao mesmo tempo, configuram capacidades de apropriação e de apreciação que, por sua vez, definem mercados eles mesmos socialmente classificados. (BOURDIEU, 1998, p. 54)

Além da nomeação da Congregação, um outro aspecto que está no conjunto da fundação desse universo orionita é o carisma da caridade, característica pertencente a este grupo e que contribui para estabelecer as bases nas quais os religiosos ou mesmo os leigos sentem-se diferentes de outros grupos religiosos. O carisma é a particularidade utilizada nesse exercício e que incorpora um modo distinto do exercício da religiosidade católica.

Para os religiosos orionitas a mensagem deixada pelo fundador de que “só a caridade [...] salvará o mundo” (PATTARELLO, 1997, p. 24) é observada como elemento norteador das atividades que eles desenvolveram tanto no país de origem, quanto na região que está sendo estudada, pois o olhar para os mais pobres estava presente na concepção do ideário deste carisma e com ele a explicação de que deveriam se preocupar com os grupos que eram vistos como abandonados ou excluídos socialmente.

Os aspectos que envolvem a utilização desse carisma orionita vão aos poucos construindo as explicações de mundo dos religiosos ou leigos que passam a fazer parte desta congregação, ou mesmo através das ações que empreendem e acreditam fazer parte das aspirações de seu fundador, Luís Orione. Além de tornar um elemento aglutinador para as pessoas que escolheram fazer parte desse grupo ou para aquelas que são atendidas por eles, o carisma contribui para a composição das características linguísticas que constituem um elemento aglutinador em torno do que se pode nomear de campo linguístico de acordo com Bourdieu (1998).

As características linguísticas são muito importantes para esse grupo de religiosos, porque foi observada a existência de uma relação dessa nomeação com os conceitos que procuram ilustrar, tanto o nome da Congregação Orionita, quanto

às atividades que exerceram no antigo Norte Goiano. Esse elemento explicativo se faz necessário para que possamos destacar que o período que está sendo estudado obteve o nome de missionário, pois tinham em mente que era responsabilidade desse grupo de religiosos “a grande tarefa de conservar e propagar a fé” (PATTARELLO, 1997, p. 113).

Uma primeira pergunta que surge é o porquê de um período específico da presença dos padres ser considerado como missões e, depois, ter sido renomeado de outra maneira, deixando de se chamar período missionário, como pudemos observar a partir dos livros e entrevistas que foram encontradas ou que estavam à disposição para as análises. Sob esta perspectiva, o nome dado a este período por este grupo de religiosos, entre os anos de 1950 a 1970 requer observação, pois é o momento que contempla a chegada dos primeiros religiosos orionitas no Antigo Norte Goiano.

Uma das explicações é que as missões eram vistas pela Igreja Católica Apostólica Romana como atividades orgânicas, desenvolvidas em determinadas regiões com o objetivo de difundir a fé católica através da presença de seus religiosos e da inserção de afazeres cotidianos relacionados aos rituais e preceitos católicos, situação que não é nova em sua história, já que esse tipo de atividade foi utilizado pela instituição no Brasil e em outras e diversas localidades.

As concepções de que partem os religiosos católicos para atuar, tanto no Brasil quanto em diversas partes do mundo, estão baseadas nas premissas de que a humanidade não-cristã deveria conhecer seus preceitos e crenças, pois “na história da Igreja Católica Apostólica Romana, com efeito, o impulso missionário sempre foi um sinal de vitalidade, inspiração e apoio voltado para a missão universal de anunciar Cristo a todos os povos” (NUNES, 2008). Esse preceito, que se pode nomear de eurocêntrico, tem a instituição católica como referência para todo o restante do mundo.

A atividade missionária tinha como foco principal o deslocamento de pessoas das regiões entendidas como centrais do globo terrestre para regiões vistas como periféricas. Inicialmente, esse processo se deu da Europa para os diversos países da América, como no caso do Brasil, e, no século XX, para regiões mais específicas do país, onde o Estado não havia conseguido estabelecer sua inserção como

ocorreu nas localidades Centro-Sul do país, num movimento semelhante com o que havia acontecido no processo inicial de colonização, partindo dos centros para a periferia do próprio país.

Esse processo colonizador inicia sua expressão na história do Brasil com a chegada dos europeus no século XV, no entanto, ele não desaparece do contexto ao longo dos séculos, e é possível observarmos suas manifestações atravessando outros momentos da história do país ou de suas regiões, como é o caso do recorte espaço-temporal aqui abordado. A vinda dos missionários europeus para a região do antigo Norte Goiano também possui essa característica, já que ela é vista como uma localidade necessitada da presença de pessoas, organismos ou instituições que a pudessem transformar num ambiente “desenvolvido”, adequado aos moldes das regiões Centro-Sul do país.

O desenvolvimento pensado para a região foi visto pelos primeiros padres orionitas como uma maneira de saneamento, pois, em sua visão, faltavam cuidados com a saúde, educação e religião. A função que procuraram estabelecer foi a de criar condições para que estas atividades pudessem ser desempenhadas, a partir do olhar ocidental europeu. Esses religiosos vinham da Itália para atuar nessa localidade, tendo um olhar civilizador, mas com um discurso de que traziam melhorias para a região, pois nesse processo, os religiosos orionitas demonstravam que, por meio de sua atuação, conseguiriam transformar as condições de vida que se tinha no antigo Norte Goiano.

Essa discussão pode ser contemplada na concepção de civilização mencionada por Elias (1994), para quem “conceito de civilização [...] expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo [...] a sociedade ocidental [...] se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas ‘mais primitivas’” (p. 23), o que nos dá elementos para a compreensão do que foi pensado para a região, já que, através desse processo, trouxe parâmetros e características escolhidas para mostrar a ideia do que era civilizado e, dessa forma, empreender as mudanças que foram pensadas para a localidade estudada.

O olhar que se direcionou para a região norte do país tinha como princípio a ideia de que esta região estaria desguarnecida e/ou necessitada da presença do Estado, o que pode ser observado tanto pela necessidade de religiosos para

trabalhar nessa região, como expresso pelo o bispo Dom Alano Du Noday (PIAGEM e SOUSA, 2000), quanto pela preocupação da Santa Sé em atender ao seu pedido e enviar um novo grupo, os orionitas, para o trabalho religioso, além das descrições observadas em Tonini (1959) ou Caixeta (2014) sobre as condições de vida que eram percebidas na região.

Para o antigo norte do estado de Goiás, a vinda dos religiosos da Congregação Pequena Obra da Divina Providência está permeada deste mesmo direcionamento, pois se for utilizada apenas uma ótica (a de uma parte dos chegantes a estas terras), a dos orionitas, a forma como viam a região era marcada pela falta de saúde, educação, elementos que configurem representações culturais ou mesmo religiosas, já que o olhar eurocêntrico dos missionários católicos não permitia ver outras representações como resultantes da realidade cotidiana desse território e das pessoas estabelecidas na região.

Nesse aspecto, pode-se dizer que não significava que a população desconhecia totalmente a fé cristã, que seria a primordial preocupação do grupo de religiosos, mas não a exercia da mesma maneira como que eram vistos ou aceitos como designados pela Santa Sé, por isso os primeiros missionários procuraram agir em diversas frentes para atender às demandas que traziam como principal, no sentido de se fazer entender a partir dos preceitos da Igreja Católica Apostólica Romana ou mesmo reforçar a fé católica.

Um exemplo em que observamos a ação dos padres orionitas e seu olhar no reforço das crenças e características católicas oficiais pode ser encontrado através da narração disposta nos livros do padre Tonini (1959) e Corazza (2004) na qual se deparam com uma moradora da região que estava “arrebanhando pessoas” para uma localidade mais afastada dos lugares conhecidos, tendo como justificativa o fato de que recebera um sinal divino de uma cruz que havia caído do céu e, com o grupo que a acompanhava, passara a procurar o lugar onde esta cruz estava.

A reação dos padres está descrita na entrevista “Relatos de História de Vida” obtida com o Pe. Corazza (22/06/2016): “Araguaína tomou a frente por causa da luta religiosa que teve nesta terra [...] a luta com o romeiro, a luta com a velha do sertão e a luta com a velha do cruzeiro”. Outro exemplo relatado no livro do padre Tonini

(1959) reforça o posicionamento em discussão sobre as crenças e as características oficiais católicas:

– Preferistes, - disse categórico [Tonini] – a feiticeira ao Evangelho, portanto ficai com ela. Irei embora daqui amanhã. Nenhum padre virá mais aqui, se toda a cidade não se arrepender daquilo que fez. Comigo, neste instante, sairá também a imagem do Sagrado Coração. (TONINI, 1959, p. 51)

Esse reforço das características da instituição e da fé católica, que podem ser observadas nos relatos acerca das ações e situações dos padres orionitas em relação à região se valem de um discurso autorizado, pois a partir do campo religioso emitem esse poder, conforme descrito por Bourdieu (1998) ao mencionar que: “o poder das palavras é apenas o poder delegado do porta-voz cujas palavras [...] constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia de delegação de que ele está investido” (p. 87).

Essa discussão sobre a missão e o intuito para o qual foi constituída pode ser entendida por meio da análise de estudos tratados, principalmente nos departamentos das universidades que estudam sobre a História ou Geografia da Religião, por exemplo. Por isso, para apresentarmos um pouco mais de elementos ao falarmos dessa apropriação do termo *missões*, e para quais interesses ela serviu, escolhemos um conceito elaborado por Gonzales (2008), que traz a seguinte discussão:

Tradicionalmente, o termo “missões” cria uma imagem de movimento unidirecional: do mundo cristão ao mundo não cristão. Por essa razão, por muito tempo, as missões associavam-se a uma prática missionária eclesiocêntrica, na qual a igreja era protagonista da missão. (...) Portanto, as missões são as atividades dirigidas a estender a fé cristã, mesmo em lugares onde a fé já existe. As “missões” são o que a igreja tem feito – bem ou mal – na gestão de estender a fé fora e dentro das fronteiras onde ela mesma está arraigada. (GONZALES, 2008, *apud*. GONÇALVES, 2014, p. 20)

A terminologia *missão* foi sendo utilizada como um elemento constante na fala e nos escritos oficiais orionitas e, aos poucos, tomando uma importância na região e na própria Congregação Orionita. A presença dos orionitas no antigo Norte de Goiano vai se corporificando e mostrando que suas ações e princípios são

resultantes da forma como compreendem o processo civilizador, que reside a partir do olhar dos padres europeus italianos, para uma localidade que diferia do que consideravam ser uma região civilizada como aquela da qual haviam saído para o Brasil.

Pensar nas mudanças que se pretendia para essa localidade partindo do princípio que o padrão europeu era o modelo ideal de sociedade, constituía uma maneira de se ver e uma percepção de mudança, tanto no olhar de quem vinha, quanto no olhar de quem os recebia, pois, nesse processo, parte dessas comunidades acreditavam que eram mais simples ou até mesmo primitivas no comparativo com as características e conhecimentos trazidos por estes representantes europeus, que eram considerados como civilizados.

[...] Conceitos como “civilização” e Kultur [...] foram usados repetidamente até se tornarem instrumentos eficientes para expressar o que pessoas experimentam em comum e querem comunicar [...] A história coletiva neles se cristalizou e ressoa [...] O processo social de sua gênese talvez tenha sido esquecido há muito. Uma geração os transmite a outra sem estar consciente do processo como um todo, e os conceitos sobrevivem enquanto [...] retiver [...] uma função na existência concreta da sociedade. (ELIAS, 1994, p. 26)

Essa intencionalidade em estender esses conceitos numa região que, até a metade do século passado, era vista como um local desguarnecido em todas as instâncias e abandonada pelo Estado, nesse caso específico, carrega uma preocupação religiosa, pois os orionitas são convidados pela Santa Sé para fazerem parte desse movimento, no qual se traz como preceito de que, para além das concepções religiosas católicas, as manifestações vistas e encontradas nessa localidade são erros de percepção ou mesmo confusão daquela população, para a qual não estariam claros os preceitos da Igreja Católica Apostólica Romana.

Esse movimento traz como traço principal a crença de que apenas a Igreja Católica Apostólica Romana possui uma concepção “verdadeira”, que possa estabelecer a ligação entre os fiéis e sua fé, demonstrando, através de diversos recursos, como as outras representações religiosas não estabeleceriam essa conexão e, dessa forma, se posicionando como a única e verdadeira representante das ideias transcendentais. Por isso, parte do trabalho realizado nas missões tinha a

característica de se apresentar como detentor da fé verdadeira, distinguindo-se das manifestações encontradas na região, pois, segundo eles, essas experiências existentes eram uma interpretação equivocada das atividades ou prerrogativas religiosas não oficiais.

Para contribuir com essa demanda, e na busca por esvaziar as concepções de outros grupos, a maneira mais utilizada nesse processo foi o uso de um discurso que partia dos representantes da Igreja Católica Romana, que foram percebendo o poder ideologicamente reconhecido que essa instituição possuía, ecoando a partir dos enunciados produzidos desde a chegada nessa região. Esses discursos residem na perspectiva de que "tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades" (ORLANDI, 1988, p. 17), elementos que começam a fazer parte das formas de organização que se estabelecem na região do antigo Norte Goiano a partir da chegada dos padres orionitas.

Dessa maneira, vão se construindo os sentidos a partir da emissão dos discursos elaborados pelo grupo que se insere nessa localidade, conhecida como antigo Norte Goiano, para a qual se prepara e se pensa novas concepções, a partir não apenas dos conceitos que trazem da formação religiosa propriamente dita, mas também da localidade de onde partem que é a Europa. Além do mais, como representantes de uma fé que se apresentava como portadora da "verdadeira mensagem", como foi sendo constituída a partir da vinda dos padres orionitas.

Ao se mencionar tal percepção orionita quando da chegada à região, não podemos simplesmente pensar que um grupo que se adentra vem apenas para mudar utilizando "a régua e o compasso", pois não é pertinente acreditar que as vivências sociais podem ser simplesmente manipuladas: elas são construções a partir de um processo que se constitui cotidianamente e, dessa forma, marca a história de uma região.

Nesse conjunto de situações representativas da região do antigo Norte Goiano, entre as décadas de 1950 a 1970, nas quais se insere a Congregação Pequena Obra da Divina Providência, não podemos deixar de mencionar que esse grupo traz consigo uma concepção ideológica diferente daquela encontrada na região. Como diz Orlandi (2009, p. 42), "podemos dizer que o sentido não existe em

si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”.

Essas posições ideológicas se dão a partir da presença dos padres católicos orionitas, pois muitas das características que respondiam aos conceitos religiosos mais tradicionais e difundidos pela Santa Sé vão sendo ordenados por este grupo, ao mesmo tempo que procuram se distanciar das manifestações religiosas populares, estabelecendo uma visão impositiva para região. Os rituais dos cultos, a organização dos sacramentos, as festividades religiosas são disciplinadas a partir do olhar de retificação de uma cultura católica. Os discursos produzidos na interlocução desses dois grupos, orionitas e comunidade local, contribuiriam para mudanças em relação às formas de representação religiosa, além de outras maneiras de se ver e constituir o mundo no qual estavam inseridos.

Nesse sentido, um componente para interpretarmos a vinda desse grupo de religiosos para a região do antigo Norte Goiano está relacionado ao fato de que eles, representantes religiosos oficiais, foram sendo preparados com as características que apresentam nos discursos de uma religiosidade mais tradicional. Esses elementos vão sendo repetidos pelos orionitas, transformando o conjunto de ideias pensadas em toda a formação desses religiosos, como uma ideia com a qual todos comungam, pois as representações simbólicas perpassam e se observam nas falas e ações que são mostradas a partir da própria constituição da Congregação Orionita.

Quando mencionamos a repetição, não queremos dizer que era um processo mecânico de reprodução de informações, textos ou concepções. Essa repetição acontecia a partir da crença de que os orionitas eram investidos da verdadeira forma de se relacionar com o mundo religioso católico e, assim a comunidade passa a incorporar os discursos, que não são percebidos como externos, porque à medida em que são internalizados, são concebidos como elementos próprios do discurso de quem o emite, e não como concepções que foram sendo aprendidas no processo de interação social.

Todo o processo de formação discursiva desse grupo de religiosos foi sendo constituído a partir de elementos pensados para a sua concepção, quando, por exemplo, são mencionadas as características do fundador como um educador, já que o elemento que dá início a esta Congregação Orionita (que não foi uma igreja,

como poderia se esperar de um padre ou mesmo um clérigo) seria a criação de uma escola, que é o que vai revelar, a partir desse elemento, como alguns posicionamentos que foram sendo tomados pelo grupo de religiosos que se organizou em torno dessa Congregação Orionita. Dessa forma, ao considerarmos esse elemento como algo que traz a matiz desse grupo de religiosos, podemos pensar que a existência da construção de um espaço físico (escola) seria suficiente para entender como o olhar desse grupo foi sendo pensado para essa característica, dentro do qual vão se repetindo e retransmitindo para outros religiosos ou mesmo às comunidades para os quais são participantes.

Pensar dessa maneira seria empobrecer ou esvaziar o princípio norteador para a qual a Congregação Orionita foi criada, além de que não foi propriamente constituída apenas para repetir as palavras e concepções, mas para destacar uma nova percepção de como se via o mundo e as formas como eles percebiam ou pensavam a existência desse grupo que se dava a partir das concepções ideológicas que não nasceram do nada, mas das concepções sociais de onde esse grupo se organizou.

1.1. A formação discursiva dos padres orionitas

Os discursos que foram sendo reproduzidos na região do antigo Norte Goiano trazem dentro deles uma gama de concepções que se deram a partir dos conceitos trazidos pelos padres orionitas italianos e seus olhares para a localidade da qual entraram em contato, constituindo, a partir desse processo, elementos que serão escritos e descritos, assentados em relações de poder, pois temos, nesse conjunto, um grupo que se vê como detentor da fé e outro grupo (supostamente necessitados desta fé), tomada para si por estes representantes religiosos.

Essa narrativa, que foi sendo constituída na região e para ela, não possui apenas um sentido, pois procura atender aos diversos grupos sociais que constituem essa localidade, tendo como ponto de partida os chegantes, que irão mudar a percepção da localidade, já que os padres não eram personalidades

presentes nesse contexto na década de 1950 – havia apenas um contato esporádico, que não estabelecia uma proximidade, situação que, aos poucos, foi se modificando com a vinda dos orionitas.

Juntamente com essa nova presença, se inserem outras percepções por parte da comunidade, já que nesse processo acomodam-se maneiras de pensar e organizar sua história, pois elementos estão sendo inseridos nessa relação social e no imaginário desse grupo. Com a presença de indivíduos que não faziam parte dessa organização e que além de estarem ocupando espaços sociais, estão também estabelecendo mudanças nas relações de poder existentes nesses grupos que já estavam presentes na região do antigo Norte Goiano.

Essa nova concepção que foi gerida modificou também a forma como os indivíduos se organizavam, já que esse novo elemento social traz consigo novas relações de poder, provocando reorganizações internas para que esse novo pudesse ser contemplado dentro de um processo existente. Contribuindo com essa mudança, temos também uma linguagem constituída e utilizada por estes indivíduos, que vai sendo incorporada a partir do contato que se estabeleceu junto à população, provocando novas formas de pensar e imaginar a própria organização:

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. (ORLANDI, 2009, p. 42)

O imaginário que constitui a “Congregação Orionita” nasce com a concepção religiosa da providência divina e, com ela, se estende para outras regiões do mundo – uma temática que se repete nas produções do grupo – que, não por acaso compõe o seu nome oficial (Pequena Obra da Divina Providência) já que as explicações que vão sendo dadas, mesmo antes de sua constituição oficial, se remetem a essa expressão e continuam a ser utilizadas como resposta às atividades e expressões que vão sendo elaboradas ao longo da história dos orionitas.

O trabalho missionário também foi um dos elementos constitutivos das características do fundador Luís Orione e uma das vertentes da “Congregação Pequena Obra da Divina Providência”. De acordo com o que foi destacado por

Oliveira (2001, p. 25), “os destinatários de sua ação missionária são os pobres, os órfãos, os aleijados, os coxos, os excluídos da sociedade [...] a todos Dom Orione abre o coração e os braços”. Esses elementos serviram como um dos fatores contributivos para que os padres orionitas, seguindo as concepções do fundador, pudessem se sentir motivados a exercer o trabalho além-mar.

Esse aspecto pode ser percebido após o decreto oficial e aprovação diocesana da Congregação Pequena Obra da Divina Providência, em 21 de março de 1903, quando se depara com as considerações destacadas pelo biógrafo principal de Luís Orione e já dando mostras de sua intencionalidade para o trabalho fora da localidade onde se instalara, norte da Itália: “a responsabilidade que assumira ao resolver que a Obra se estendesse a muitos lugares, a muitos povos, sobretudo às mais diversas atividades apostólicas” (PAPÀSOGLI, 1991, p. 140). Tal observação também indica o discurso que vai sendo constituído para fazer parte dos elementos que vão sendo promovidos e apontados como parte das percepções e das posturas repetidas pelos religiosos em suas falas, além das características da Congregação Orionita e do seu fundador.

A Congregação Orionita estava em seus primeiros anos quando foi convidada para o trabalho missionário no Brasil: “o primeiro pedido de missionários orionitas veio do Bispo de Mariana, Dom Silvério Pimenta” (PATTARELLO, 1997, p. 115), no ano de 1907. No entanto, nesse período, os orionitas ainda necessitavam de uma maior organicidade interna e, por isso, o bispo, Monsenhor Igino Bandi, não concordou com a vinda desses religiosos, orientando que essa atividade aguardasse um pouco mais para ser realizada, a qual se deu no ano de 1914.

Segundo Pattarello (1997), essa situação se deu em função de o bispo de Tortona, responsável pela região e, por extensão, pela atuação dos padres orionitas, se preocupar com o fato da Congregação Orionita ser apenas um embrião, com quatro anos de aprovação, sem condições financeiras para custear um trabalho fora do país de origem e também sem a quantidade necessária de pessoas (religiosos) que pudessem ser disponibilizados para um trabalho missionário.

Durante os anos de 1907 a 1914, os orionitas teriam mudado a percepção do bispo de Tortona, responsável pela região onde estavam sediados, principalmente após o trabalho realizado por Luís Orione e seus adeptos no auxílio a Messina,

localidade ao sul da Itália, pertencente à região da Sicília, que ficou destruída pelo terremoto de 1908 (PAPÀSOGLI, 1991). No período entre 1908 a 1912, o fundador da Congregação Orionita teria trabalhado em atividades que puderam ajudar na recuperação da região, demonstrado uma grande habilidade em articular pessoas e recursos para a localidade afetada. A partir desse novo olhar, os orionitas teriam conquistado a confiança de seus superiores e ampliaram sua atuação para além da Itália, contribuindo para o fato de virem para o Brasil.

No Brasil, os orionitas inauguraram suas primeiras atividades na cidade de Mar de Espanha, em Minas Gerais, no ano de 1914, com a abertura de um orfanato-escola e, posteriormente, em 1921, na cidade do Rio de Janeiro, a partir da inauguração de uma Casa de Preservação⁷ além de que, nesse mesmo ano, passaram a colaborar com as funções desenvolvidas na capela da Achirópita, na cidade de São Paulo, com o intuito de atender aos imigrantes italianos que circundavam essa região.

A Congregação Pequena Obra da Divina Providência, que iniciou suas atividades a partir da vinda, no início do século XX, se espalhou por boa parte do Brasil e está presente em 14 dos estados brasileiros e no Distrito Federal, sendo composta por três províncias⁸: duas masculinas, nomeadas de Nossa Senhora de Fátima (1946), inaugurada no Rio de Janeiro, com sede atual em Brasília; e Nossa Senhora da Anunciação (1985), com sede no bairro da Bela Vista, em São Paulo; além de uma província feminina chamada de Nossa Senhora Aparecida (1949)⁹, com sede atual no bairro do Braz, em São Paulo.

⁷ Instituto que atendia menores abandonados na cidade do Rio de Janeiro. “Quando Dom Orione visitou o Brasil pela primeira vez, logo foi iniciado o trabalho no Instituto de Preservação, no Rio de Janeiro. A nova atividade teve início quando Dom Orione com o Dr. Enéias de Mar de Espanha, foi até o Rio de Janeiro para aceitar esta missão (15 outubro de 1921)” (GRUPO DE ESTUDOS ORIONITAS, Caderno III, 2003, p. 36).

⁸ A Congregação Pequena Obra da Divina Providência é composta no Brasil por três províncias religiosas que são áreas de uma comunidade religiosa, nesse caso, os orionitas. “Chama-se província o conjunto de casas, erigido canonicamente pela autoridade legítima, que forma parte imediata de um instituto, sob um mesmo Superior (Dicionário de Direito Canônico, 1993, p. 631).

⁹ A missão [feminina] no Brasil teve início aos 23 de março de 1949, com três irmãs provenientes da missão Argentina [...] As missionárias chegaram o porto do Rio de Janeiro aos 15 de março [...] esperaram oito dias [...] antes de viajarem à capital mineira, Belo Horizonte, onde fixaram residência junto à obra dos FDP [Filhos da Divina Providência], “Lar dos meninos”, na Pampulha (OLIVEIRA, 2012, p. 348).

A atuação desse grupo de religiosos e religiosas também se deu por vários países da América Latina além do Brasil, que foram Argentina, Chile, México, Paraguai, Uruguai e Venezuela, onde a existência de obras, construções e número de pessoas participantes ou envolvidas nas atividades desenvolvidas por este grupo só é comparável ao local de nascimento, que foi a Europa, onde possui sede de atuação no Vaticano, além de várias localidades da Itália. No continente europeu, outros países onde se tem a presença dos orionitas são: Albânia, Bielorrússia, Espanha, França, Inglaterra, Irlanda, Polônia, Romênia, Suíça, Ucrânia, além de outras partes do mundo, como Burkina Faso, Costa do Marfim, Quênia, Madagascar, Moçambique e Togo, além da atuação na Jordânia, Índia, Filipinas e Estados Unidos da América¹⁰.

A atuação missionária dos orionitas por diversas partes do mundo, em especial pelos países que consideravam estar em condições precárias de vida, tem como ponto de partida o olhar europeu como um agente civilizador, pois a partir dele se podia “expressar a auto-imagem da classe alta europeia em comparação com outros, que seus membros consideravam mais simples ou mais primitivos” (ELIAS, 1994, p. 54). Nesse caso, a expressão se deu através do trabalho empreendido por este grupo de religiosos. Além disso, o pano de fundo para esse trabalho desenvolvido pelo orionitas estava relacionado à necessidade de expandir a fé católica para as localidades que estavam relacionadas aos modelos mostrados anteriormente

Dom Orione não cruza os braços. Está tomado de fragor revolucionário. Trata-se de uma batalha que não pode esperar. Trata-se de vencer inimigos da Igreja que querem levar à ruína o trono de Pedro. Para ele, trata-se de uma guerra santa, entre o bem e o mal, entre a fé e a razão modernista, entre a religião e o poder secular do estado pagão. (GRUPO DE ESTUDOS ORIONITAS, 2000, p. 46)

Observamos que a Congregação Orionita se expandiu a partir da concepção de seu fundador de que era preciso buscar forças para fazer frente às mudanças

¹⁰ As informações pertinentes aos locais onde a congregação está atuando foram coletadas através do mapa encontrado no site <http://www.orionitas.com.br/nossas_comunidades.php> e no catálogo anual de endereços dos religiosos e que destacam as localidades no Brasil. No caso dos países somente foram encontradas as informações no endereço <<http://www.donorione.org/paesi.asp>>, pois não dispunha de documento impresso.

que ele enxergava como inimigas da fé. Nesse sentido, as características que compõem esse pensamento são “[...] as margens do dizer, do texto” (ORLANDI, 2009, p. 30). Nessa situação em particular, procuramos refletir sobre a intencionalidade dos orionitas ao decidirem por atuar em países da América Latina, primordialmente, onde se detiveram nas regiões que demonstravam uma intensa pobreza e descaso por parte das autoridades políticas.

É interessante observarmos que os olhares estão voltados principalmente para duas regiões: a latino-americana, como mencionada em destaque no parágrafo anterior, e africana, pois nessas localidades está concentrado o maior número de alunos que são atendidos nas escolas orionitas, destacando como primordial para esse grupo a atuação no ambiente educacional, já que trazem consigo a percepção de que se deslocaram para os lugares no intuito de se tornarem os novos conquistadores dessas populações e utilizam a área educacional para que possam se inserir e atingir seu intento.

Como mencionado, a atuação inicial se deu nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, e uma característica contributiva para que pudessem se expandir para outras partes do país foi um processo interno após a Segunda Guerra Mundial, período que os padres que estavam no país reestabelecem o contato com a Cúria Geral (sede da Congregação Orionita) e, a partir das necessidades apresentadas, é criado, em 1947, um governo provincial com intuito de colaborar com o trabalho de evangelização pensado, em especial, para região Norte do Brasil.

A criação da Província Nossa Senhora de Fátima, em setembro de 1946, com sede no Rio de Janeiro – então responsável pelas atividades desenvolvidas no Brasil, e que inicialmente eram nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo –, contribuiu para que os padres orionitas que estavam no Brasil pudessem atuar com maior autonomia no trabalho que estava sendo pensado, desde a abertura de novas paróquias, passando pela construção das obras assistenciais e culminado com as atividades missionárias, como ocorreu no antigo Norte Goiano, mais especificamente nas décadas de 1950 a 1970.

Com essa nova organização, os orionitas conseguiram se expandir para outros estados brasileiros, o que provocou outras mudanças, pois a quantidade de lugares onde atuavam requereu uma nova divisão de governo provincial no Brasil,

criando-se outra unidade, com sede em São Paulo, no ano de 1985, chamada de Província Nossa Senhora da Anunciação, responsável pelo estado citado, além do Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.

O primeiro governo provincial orionita continuou nomeado da mesma maneira, mas a sede se deslocou para a cidade de Brasília no ano de 1985, acompanhando o desmembramento em duas províncias, tendo sob a responsabilidade as atuações dos padres nos estados: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Pará, Ceará e Rondônia.

A vinda dos orionitas para o antigo Norte Goiano se deu na década de 1950, especificamente no ano de 1952. Nesse período, a Província responsável pela ação missionária tinha sede no Rio de Janeiro e a chegada desses representantes na região das missões esteve envolvida em situações trágicas, de acordo com os relatos desses religiosos, pois, pouco tempo após o início da estada dos primeiros missionários, aconteceu a morte de dois dos três religiosos que vieram para a cidade de Tocantinópolis, sede da missão orionita e local onde se iniciaram as atividades nessa região. Tal evento ocorreu em menos de duas semanas após a chegada dos religiosos, que estavam morando na cidade, envolvendo o momento no qual resolveram atravessar o rio Tocantins para Porto Franco, no estado do Maranhão, com o intuito de enviar correspondências para os superiores da Congregação Orionita e seus familiares na Itália. Na volta dessa visita e durante a travessia foram surpreendidos por uma forte chuva, que teria contribuído para que a canoa virasse e morressem afogados o padre Egidio e o irmão Serra, salvando-se apenas padre André Alice, conforme a descrição mostrada por Tonini (1959):

No escuro da cerração, ao claror dos relâmpagos, foi vista uma canoa emborcada. Os dois barqueiros e o Padre A. Alice se agarraram nas bordas. Os três gritavam a plenos pulmões, implorando socorro. O Padre Egidio Addobati e o irmão Serra recomendaram a alma ao Senhor, juntando as mãos e desapareceram nos fundos remoinhos daquele terrível rio, cuja largura naquele lugar, calcula-se de aproximado mil metros. (TONINI, 1959, p. 15)

Essa situação marcou a chegada dos orionitas na região do antigo Norte Goiano, pois os religiosos escolhidos para vir para a região, tinham sido preparados anteriormente para atuar nessa localidade mas, em consequência da morte de dois

deles e da ausência do padre André Alice, sobrevivente do acidente mas que precisava se recuperar, criou-se um breve momento de indecisão em relação ao fato de terem condições ou não de continuar com a missão que lhes fora confiada, situação que rapidamente foi contornada ao chamarem Pe. Tonini para assumir o trabalho na região. Assim, mesmo “com um ano de sacerdócio, sem saber ainda a língua, deveria substituir o grupo de missionários, escolhidos com tanto cuidado e perspicácia pelos Superiores” (TONINI, 1959, p. 18).

A presença dos orionitas estava permeada das preocupações que Igreja Católica Apostólica Romana tinha nesse período? A Santa Sé via como necessidade a ocupação dos espaços territoriais e simbólicos da região norte do Brasil? Esses questionamentos partem da preocupação de que nesta localidade havia poucos padres que pudessem atender às populações locais como era esperado pela Igreja Católica. Além disso, na década de 1950, houve uma busca entre as ordens religiosas, por representantes que pudessem vir ao Brasil para conduzir o trabalho missionário (terminologia atribuída aos indivíduos tanto católicos quanto de outras representações religiosas), que teriam a responsabilidade de adentrar em regiões que ainda eram vistas como áreas afastadas e que apresentavam a necessidade de serem “ocupadas” pelo grupo que se deslocava para estas regiões.

Várias congregações foram consultadas para que pudessem vir para essa região, no entanto, muitas delas se negaram a vir por estarem atuando em outras regiões do Brasil ou de outro país, e por não terem interesse em vir para uma região tão distante dos centros do país, já que estes deslocamentos e ocupação necessitariam de um dispêndio financeiro que elas não estavam dispostas ou não tinham condições para realizar.

No tocante ao grupo de orionitas, a diferença residiu no fato de a Congregação ser nova em relação a outras existentes e ter interesse em ampliar sua atuação territorial, pois uma das ideias defendidas por seu fundador, Luís Orione, seria a da necessidade em se expandir para as regiões mais carentes do mundo, como por exemplo a América Latina, em especial países (como o Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e Peru) e também para outros países (como o México).

A partir da chegada dos padres orionitas na região do antigo Norte Goiano, aos poucos foram se delineando os elementos característicos e se percebendo

como a população interagiu com esse grupo de indivíduos, que passaram a vivenciar o trabalho de uma missão religiosa e que foram aos poucos se descobrindo enquanto missionários, porque teria sido nessa vivência que eles se descobririam como tais representantes, já que o outro, pertencente à comunidade da região do Norte Goiano, passa a vê-los como padres, representantes de uma fé cristã e com uma proximidade que eles não haviam experimentado em terras europeias.

A religião nesse contexto será utilizada para se pensar quais as características simbólicas são observadas através da materialidade apresentada no meio, já que os locais são reflexos dos grupos humanos, de suas concepções e perspectivas, dentre elas o espaço no qual esses seres atuam e articulam suas formas de vida e suas concepções simbólicas, permeando essas localidades de significados que representam o mundo onde vivem.

A Congregação Pequena Obra da Divina Providência tem uma história muito recente, pois seu fundador viveu de 1872 a 1940, e o processo de canonização pelo qual passou a ser considerado santo pela Igreja Católica é datado de 16 de maio de 2004, depois de transcorridos 64 anos de sua morte e 40 anos do início do processo, o que é um período curto se pensado a partir da Igreja Católica Apostólica Romana, que requer dois “milagres” ocorridos em tempos diferenciados e que sejam devidamente comprovados a partir de uma investigação feita pela Santa Sé.

No dia 16 de maio de 2004, o Papa João Paulo II canonizou seis novos beatos, entre os quais se encontra São Luís Orione, um padre italiano, nascido no final do século XIX (23/06/1872), que fez do amor à Igreja e aos Pobres os dois grandes fios de sua existência. Assim é Luís Orione: amante da Igreja, servidor dos pobres, fascinado por Nossa Senhora, totalmente entregue à Providência Divina. Que sua vida, agora proposta como modelo, possa convencer à nossa humanidade que “só a caridade salvará o mundo”. (PEREIRA, 2017)

Em relação ao processo de canonização de São Luís Orione, não se têm materiais publicados no Brasil e, por isso, as informações aqui apresentadas foram baseadas nos documentos internos da Congregação Pequena Obra da Divina Providência, Província Nossa Senhora de Fátima, enviados pelo secretário provincial, Pe. Geovani dos Santos Pereira, através de email (enviado em 25 de

maio de 2017), no qual descreve como se deu o processo de beatificação até o momento do fundador da Congregação Pequena Obra da Divina Providência ser considerado santo, em 2004.

O processo da canonização pode ser recontado a partir dos elementos que motivaram os religiosos da Congregação Orionita, e ele inicia quando descobriram que o corpo do fundador não havia se decomposto, mesmo depois de “sepultado devotamente na cripta do Santuário da Guarda [Tortona] e encontrado incólume vinte e cinco anos depois, em 1965”¹¹. Essa descoberta se deu após uma enchente ocorrida na região norte da Itália, em Tortona, em meados dos anos de 1960. Nessa enchente, o interior do Santuário de Tortona havia sido inundado e, para se fazer a limpeza do local, foi necessária a retirada dos restos mortais das criptas, situação que levou à descoberta de que o corpo de Luís Orione ainda estaria intacto, transformando essa descoberta num milagre, fato observado pelos representantes orionitas e que colaborou para o início do processo de canonização.

Essa descoberta passou a fazer parte das histórias que compõem a Congregação Orionita e também serviu como elemento motivador ao se pensar que ele possuía algo diferenciado dos restantes dos mortais, numa visão religiosa, pelo fato de que o corpo do fundador estaria incorruptível, elemento que também passa a compor as características simbólicas que constituem essa Congregação Orionita e as crenças que os religiosos que a compõem vão incorporar à medida que fazem parte dela. Esse relato motiva os religiosos italianos orionitas a verem seu fundador nomeado santo, o que propicia o início do processo de canonização, no ano de 1963, através das primeiras documentações enviadas à Santa Sé.

O processo de canonização possui três momentos e, durante eles, o candidato é nomeado de venerável, beato e, por último, santo¹². O primeiro passo para esse reconhecimento nasce no momento em que a Igreja Católica Apostólica

¹¹ Informação retirada do site do Vaticano, a partir do link sobre Luís Orione, constante na homilia de canonização em 16 de maio de 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20040516_orione_po.html>. Acesso em: 05 de agosto de 2017.

¹² O entendimento sobre esse processo se baseou inicialmente nas documentações internas enviadas por email pelo secretário da Província orionita Brasil Norte, padre Geovani dos Santos Pereira, em 25 de maio de 2017, e através da constituição apostólica “Divinus Perfectionis Magister” sobre o modo de proceder nas causas de canonização dos santos, páginas 307 a 310, referente ao cânone 1403, parte constituinte do Código de Direito Canônico (1983).

Romana reconhece que a pessoa, ao longo da vida, possuiu uma postura exemplar (baseada nas virtudes cristãs), no caso do padre Luís Orione, uma vida dedicada às pessoas mais pobres que ele nomeava de “almas e almas”.

Esse reconhecimento se deu em 06 de fevereiro de 1978, a partir do qual passou a ser chamado de venerável. O segundo momento se relaciona a um milagre ocorrido e atribuído a essa pessoa falecida, que teria ocorrido com um jovem italiano, chamado Giorgio Passamonti, que se encontrava em estado de coma e que se recuperou, segundo seus familiares, a partir dos pedidos feitos a Luís Orione – o reconhecimento desse milagre se deu em 26 de outubro de 1980, passando a receber o título de beato. A última etapa desse processo acontece depois da confirmação de um segundo milagre, que no caso em questão está relacionado ao senhor Pierino Penacca, também italiano, que, em 1990, fora diagnosticado com câncer pulmonar e que, segundo também sua família, através da intercessão desse beato, teria sido curado. Esse segundo milagre, depois de comprovado pela Santa Sé, contribuiu para que ele fosse considerado santo, fato que ocorreu em 16 de maio 2004.

Em relação às informações mencionadas acima, encontramos apenas um parágrafo, constante no livro do padre argentino e orionita, Fornerod (2011), que reproduz, de modo breve, a biografia do fundador da Congregação Orionita, já que não se percebe em sua obra esse elemento como a principal preocupação nas discussões, pois ele trata em sua publicação das características voltadas mais para as pessoas que conviveram com o fundador Luís Orione e que, de alguma forma, contribuíram para a formação do “carisma orionita”, no qual a Congregação Orionita está baseada.

Sus restos mortales descansan en el Santuario de “Ntra. Sra. de la Guardia”, en Tortona. Juan Pablo II, definiéndolo “*una genial expresión de la caridad cristiana*”, lo beatificó el 26 de octubre de 1982. Desde el “Gran Jubileo” del año 2000, la reliquia insigne de su corazón, incorrupto, se encuentra en Buenos Aires, en el “Pequeño Cottolengo Argentino”. Juan Pablo lo canonizó el 16 de mayo de 2004.¹³ (FORNEROD, 2011, p.17)

¹³ Tradução feita pela autora – Seus restos mortais descansam no Santuário de “Nossa Senhora da Guarda”, em Tortona. João Paulo II, o definiu “*uma genial expressão da caridade cristã*”, o beatificou em 26 de outubro de 1982. Desde o “Grande Jubileu” no ano 2000, a relíquia insígnia de seu coração, incorrupto, se encontra em Buenos Aires, no “Pequeno Cotolengo Argentino”. João Paulo II o canonizou em 16 de maio de 2004.

A história da Congregação Pequena Obra da Divina Providência ainda carece de mais produções sobre a forma como foi constituída e também sobre a sua história, pois o que se pode perceber durante a pesquisa é que, em grande parte do que foi estudado, se encontra uma repetição das histórias ou das cronologias já contadas e recontadas pelos autores que escrevem sobre Luis Orione ou sobre a Congregação Orionita.

A juventude que a Congregação Orionita apresenta, em termos de existência, pode ser percebida ao destacarmos que a aprovação diocesana para o funcionamento se deu em 1903, os principais marcos de sua história são datados, por exemplo, em 1940, com a morte do fundador; 1952, com a vinda para o antigo Norte Goiano; 1982, com sua beatificação; e, o mais recente, de 2004, elemento principal para os religiosos orionitas, com a canonização de Luís Orione (FORNEROD, 2011).

O destaque para esses elementos tem uma explicação para este trabalho em particular, pois um dos sujeitos que contribuiu para a pesquisa, Pe. Remigio Corazza, foi contemporâneo do fundador da Pequena Obra da Divina Providência. Este colaborador disponibilizou seus livros e tempo para as entrevistas, que foram gravadas, versando sobre sua história dentro dessa Congregação Orionita e sua vinda para a região do antigo Norte Goiano.

2. PERCEPÇÕES SOBRE O TERRITÓRIO NO ANTIGO NORTE GOIANO

O processo chamado de territorialização orionita é percebido a partir da vinda dos padres pertencentes à Congregação Pequena Obra da Divina Providência para a região do antigo Norte Goiano, como um movimento que inclui a chegada, o olhar que tinham para essa região e também as interferências que foram estabelecidas, por meio das quais conseguiram se instalar e, em diversos graus, se “apropriar” no sentido de se conhecer parte dessa região.

Esses processos, que foram chamados de missões orionitas, podem ser entendidos ao tomarmos como exemplo a descrição feita por um dos primeiros padres a se estabelecer na região e que narrou seu contato e experiência ao vir do Rio de Janeiro, em um voo da Força Aérea Brasileira, responsável por trazer da capital do país, nesse período da década de 1950, do Rio de Janeiro, as correspondências para a região, e nessa situação em especial, também como mecanismo de apoio no transporte dos religiosos que foram direcionados para o trabalho que estava sendo pensado para a região.

Nessa viagem ele descreve como se deu a sua primeira percepção da região, destacando como era cheia de vegetação e sem muitas habitações, características entendidas como contraponto às pertencentes ao seu ambiente social, o continente europeu. O padre menciona num dos trechos de seu livro que “Eram duas horas da tarde; nove horas de vôo. Havia sobrevoado terras férteis, bosques sem fim, regiões desabitadas. Horas de vôo sem uma casa!” (TONINI, 1959, p. 19).

Esse olhar estrangeiro que busca, através do que conhece, conceber a nova região que está sendo incorporada e apresentada, e pode ser observado a partir dos escritos desse grupo, porque, por mais que vislumbassem ou mesmo procurassem entender a localidade para onde estavam se direcionando, o contato com ela trouxe, como ponto de partida, o comparativo com os locais de onde haviam saído, já que nesse contato o que se marca como elemento diferencial é o que se conhece ou de onde se conhece, num exercício de diferenciação entre o que está estabelecido e nos objetivos a que se quer chegar para transformar a localidade onde passam a ser inseridos.

Os padres orionitas chegaram nessa região com a “missão” de resgatar as almas e torná-las católicas, apesar de parte delas serem consideradas católicas. No entanto, o papel desse grupo de religiosos, e um dos principais objetivos, residia na tentativa de fazer a população abandonar as práticas populares realizadas ou outras formas de religiosidades praticadas, através do trabalho que havia sido pensado para essa localidade, os quais foram realizados em grande parte através das desobrigas realizadas na missão orionita e que serviu como elemento e fator de contribuição para que se pudesse conhecer a região e delimitar o que se pode chamar de território orionita.

O território então passa a ser um terreno onde podem ser construídos os elementos que comunicam pensamentos e características pensadas pelos padres orionitas através de um sistema (RAFFESTIN, 1993), que não se restringe a apenas pensar nas formas, mas que vai para além delas, para as quais se entende a formação territorial em termos simbólicos, através da qual se comunica na passagem do espaço para o território como características da representação social de um grupo.

Não se trata pois do “espaço”, mas de um espaço construído pelo ator, que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema sêmico, Portanto, o espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, o melhor, do território visto e/ou vivido. É, em suma, o espaço que se tornou território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação. (RAFFESTIN, 1993, p. 147)

O sistema pensado pelo autor está relacionado à forma como o território foi sendo constituído através das ações utilizadas por este grupo de religiosos no que foi convencionado pela Congregação Orionita como local das missões, pois o recorte temporal entre 1950 a 1970 foi nomeado de período missionário, dando mostras de como era visto este local e quais os interesses que estavam destacados a partir da nomeação atribuída por esta instituição católica. Esse sistema carrega também as relações de poder que atravessam as relações sociais que existem e outras que foram sendo construídas a partir do contato com esse grupo de indivíduos vindos da Europa para a região Norte do Brasil.

Nessa relação de poder se destaca a constituição de uma localidade como sendo inicialmente um espaço e, à medida que é confrontado com as relações sociais, passa a ser constituído como um território, dotado de elementos nos quais estão presentes, além do aspecto físico apresentado inicialmente, as relações pelas quais se produz essa transformação, que nessa relação constitui o território, conforme discutido por Raffestin (1993).

Algumas interpretações sobre a forma como Raffestin (1993) discute o conceito de território remetem ao fato de que suas considerações residem no âmbito da Geografia Política. No entanto, o próprio autor faz sua crítica em relação a esta concepção, apontando ser necessário estender essa percepção política para além do Estado, para um sistema que circula de dentro dessa dimensão e da prática humana e que pode ser considerada a partir das relações de poder que existem nessa esfera.

Nesta região, através das atividades desenvolvidas junto a população do antigo Norte Goiano, as que mais despertavam a atenção dos religiosos e da comunidade eram as chamadas desobrigas, atividades que eram realizadas junto às comunidades através das quais se realizava a catequese, os batizados, casamentos, missas e momentos de descontração para que se pudesse conhecer as diversas comunidades que estavam espalhadas por esta região.

Não podemos deixar de mencionar que as desobrigas eram favorecidas pelo fato de que a população do antigo Norte Goiano, na década de 1950, era em grande parte rural. Sendo assim, viviam em certa dispersão, pela própria constituição das moradias estarem localizadas em fazendas, chácaras ou sítios. Dessa forma, os momentos nos quais as desobrigas ocorriam eram tidos como algo especial, pois, através dessa manifestação, provocava alteração na rotina dos moradores da região e possibilitavam a reunião de um grande número de pessoas que estavam distribuídas pelas propriedades rurais.

As desobrigas eram realizadas utilizando animais de carga, como burros, no intuito de se adequar ao terreno e à região, além do fato de não possuírem meios motorizados para este serviço, através dos quais se deslocavam e levavam os materiais necessários para o trabalho. Além disso, se demandava grandes períodos

de viagem, podendo durar meses para que pudessem atingir o maior número possível de pessoas e locais.

Para que as desobrigas acontecessem contavam com o apoio de proprietários rurais da região, que sediavam em suas fazendas ou sítios essas atividades, além de colaborar com a anterior divulgação do período que aconteceria a desobriga em sua propriedade, mostrando a relação que foi constituída entre os padres e os proprietários da região, que desperta para a construção das novas relações de poder, que começam a ser desenhadas nessa região com a chegada dos padres orionitas.

Os primeiros contatos estabelecidos através das desobrigas contribuíram para que os orionitas pudessem entender de que forma os espaços materiais e simbólicos poderiam ser constituídos, pois se tinha em mente a necessidade de dar sentido à vinda desse grupo para a região e este sentido também deveria ser percebido pelos grupos sociais que aqui estavam estabelecidos, já que “[...] os homens não podem, entretanto, viver sem dar sentido àquilo que os cerca” (CLAVAL, 2014, p. 299).

A vinda dos orionitas, além de ser um fator estratégico, também mostrou como o poder da Igreja Católica se fazia presente nesta localidade tão distante dos considerados centros do país, como as regiões Sul e Sudeste. Portanto, mesmo com uma presença física pouco significativa até a vinda desse grupo de religiosos, a chegada na região demonstrou uma mudança na perspectiva dos moradores, principalmente dos que se declaravam católicos, além das maneiras como se deram as novas configurações territoriais, redimensionando e dando novos sentidos a esse território que se configura com novas relações entre a comunidade do antigo Norte Goiano e os padres italianos, como menciona Claval (2014).

Objetivando entender essa localidade como algo a ser construído, tomamos para análise um dos trechos do livro do Pe. Tonini (1959, p.11): “cheios de entusiasmo chegaram os primeiros missionários [...] visitaram de imediato o centro da missão para tomar conhecimento das necessidades mais urgentes”. Essa demonstração manifesta a concepção daqueles chegantes e destaca o olhar desses sujeitos para o horizonte como algo a ser desbravado.

Além de contribuir para que imaginassem o que fariam para a região, já que se sentiam os “salvadores” das almas que aqui residiam e para as quais levariam os conhecimentos que pudessem tirá-las da ignorância e dos moldes como viviam para tornar-se verdadeiros cristãos como destaca Tonini (1959) em diversos momentos de seu texto quando se refere ao fato de que essa localidade precisava ser repensada, “purificada” a partir da forma como se relacionavam com os rituais religiosos, com a educação e com a saúde. Tal tentativa de “purificação” mencionada está relacionada ao olhar civilizador que constituía as percepções trazidas por estes europeus, pois enxergavam nessa região as necessidades civilizatórias como extensão das formas que conheciam, e as diferenças encontradas eram tidas como faltantes, já que o exemplo primordial era aquele no qual haviam sido constituídos, modelo e olhar europeu.

Para entendermos essa percepção de sentidos através dos quais os religiosos orionitas estavam imbuídos nesse processo, tomamos como alicerce as discussões tratadas por Elias (1994), pois faz considerações a respeito do que esses sujeitos pensam sobre ser civilizado, discutindo quais elementos nessa concepção demonstram ou qualificam os sujeitos ou as características nomeadas como civilizadas. As percepções constituídas a partir do olhar destes padres, pertencentes à Congregação Pequena Obra da Divina Providência, fazem contraponto às características encontradas na região do antigo Norte Goiano, pois, a partir da ótica e os olhares europeus, os comportamentos e os lugares encontrados precisavam ser modificados e adequados para todos os indivíduos.

Civilisé, era como cultivate, poli, ou policé, um dos muitos termos, não raros usados como sinônimos, com os quais os membros da corte gostavam de designar, em sentido amplo ou restrito, a qualidade específica de seu próprio comportamento, e com os quais comparavam o refinamento de suas maneiras sociais, seu “padrão”, com as maneiras de indivíduos mais simples e socialmente inferiores. (ELIAS, 1994, p. 54)

Nestes elementos discutidos sobre o conceito e percepção do que é ser civilizado, podemos perceber as maneiras pelas quais se busca interagir através dos aspectos que apreendemos no mundo e aqueles que não são perceptíveis no âmbito concreto da relação social, projetando para além dessa categoria aquilo que está intrínseco nessa relação, já que se pode mencionar que, na concepção que os

sujeitos elaboram deles e do meio que ocupam, não se tem apenas o que é concreto, mas também se constitui de características que são pertencentes às constituições simbólicas dos indivíduos.

Esse processo nasce das experiências vividas pelos grupos humanos em sua tentativa de entender como se dão os sentidos das coisas e dos lugares no mundo que ocupam, criando elementos que possam servir para externar o que geram os sentidos necessários para a compreensão de que os indivíduos por mais que possuam perspectivas particulares, estão mediados pela realidade social e por suas percepções e características dos lugares que compõem.

Distinguir esses elementos que deixam suas marcas na enunciação se mostra relevante para pensarmos que eles existem e congregam o meio como lugar de manifestação dos sujeitos e a maneira como eles se acham representados, pois “o espaço frequentado pelos homens jamais se limita ao espaço desnudado pela observação” (CLAVAL, 2014, p. 148). Assim, dele fazem parte características do grupo social, a forma como interagem com o local onde se estabelecem, além das representações simbólicas que se encontram dinamizadas nesse processo de interação com o meio e com os outros seres humanos.

Com esta percepção se dá os primeiros contatos dos padres orionitas com a região do antigo Norte do estado de Goiás, trazendo consigo vestimentas negras, principal indumentária utilizada por este grupo de padres, da qual não podiam prescindir, pois era um dos marcadores de poder com o qual queriam ser vistos pela população, mesmo numa região de calor extremo durante quase todo o ano. Essa característica era um dos elementos através do qual se dava a corporeidade das concepções religiosas católicas que traziam, pois através das construções de novas percepções simbólicas e materiais buscavam atender às necessidades que eles externavam e entendiam como pertinentes para iniciar os trabalhos nessa região.

Partindo da inquietação por entender como se deu o processo de formação dos aspectos territoriais, que hoje são percebidos pelas localidades por onde os religiosos católicos atuaram e que nasceram como parte da presença desse grupo na região, é que se procurou perceber como os elementos de poder simbólico compuseram a relação entre os orionitas e a comunidade local entre 1950 a 1970.

Os orionitas também possuíam esse olhar missionário, pois vieram para o antigo Norte Goiano, trazendo a percepção de que poderiam transformar essa região com o trabalho que desenvolveriam, tomando como princípios a saúde, a educação e a religião, pois enxergavam nessa comunidade local características e crenças populares a serem combatidas, pelo fato de entenderem que não eram as práticas aceitas pela Santa Sé – posicionamento que contribui para submissão das populações às suas concepções através do poder exercido desde a chegada à região.

Além de adentrar e mapear as regiões do Brasil, as missões foram pensadas como forma de se conhecer as características das localidades e das pessoas que viviam distantes das consideradas centrais. Através desse processo, realizado por diversos grupos religiosos católicos ou não-católicos, se buscava desenvolver atividades que pudessem suprir as necessidades principais por onde atuavam, já que esses locais não dispunham qualquer tipo de atendimento pelo estado. Para esse grupo populacional se dirigiam os missionários, com o intuito de difundir os preceitos religiosos, utilizando como justificativa atender os indivíduos que viviam desguarnecidos das condições primárias de vida.

Nesse sentido, uma das vertentes utilizadas por este grupo de religiosos foi baseada na mesma percepção de como se via a região, no início do século XX, já que através do relato tratado por Neiva e Penna (CAIXETA, 2014), médicos sanitaristas que viajaram por várias regiões do interior do Brasil, incluindo o Norte do estado de Goiás, mencionavam os indivíduos dessa região como sujeitos vivendo no atraso e na barbárie, tanto no aspecto material quanto no aspecto espiritual.

Como católicos, os referidos médicos apontam para o cotidiano e a vivência religiosa da população goiana como a cristalização da resignação, da ignorância, como forma de resistência frente à precariedade da vida. Para eles, naquele purgatório, o sertanejo enfrenta as dificuldades cotidianas através da fé, da reza, da simpatia. Para exemplificar o quanto os princípios religiosos estão sendo colocados em risco, Neiva e Penna registram suas práticas e crenças. Distantes do Rio de Janeiro e das grandes capitais do país, os sertanejos comuns – espalhados pelo interior, e pequenas cidades, vilas, fazendas e sítios – aprendem, pela experiência, formas próprias de praticar a sua fé, muito distantes dos cânones religiosos oficiais. (CAIXETA, 2014, p. 51)

Das características traçadas por estes viajantes, padres orionitas, de olhar europeizante, na década de 1950, podemos compreender como se deu a inserção desses religiosos no antigo Norte Goiano, pensando na maneira como eles foram vistos pela população que era atendida por pouquíssimos padres que trabalhavam na região, localidade onde se depararam com práticas religiosas populares que não eram aceitas pela Igreja Católica como ritos pertencentes ao mundo católico apostólico romano.

As congregações que estavam presentes antes da chegada dos orionitas e que irão dividir o trabalho realizado nessa localidade, como os dominicanos e franciscanos, no final do século XIX, também vieram, obedecendo às solicitações da Santa Sé, com o mesmo intuito de resgatar as práticas católicas da mesma maneira que eram exercidas em Roma, além de trazer um olhar que desprezava as atividades e práticas conduzidas pelos habitantes desta região. Olhavam as práticas religiosas populares e viam a necessidade de reconduzi-los às práticas oficiais católicas; olhavam as condições de saúde e entendiam que havia um completo desconhecimento dos cuidados com está área; olhavam as condições educacionais e viam apenas o completo abandono e a ignorância que imperava. Um olhar constantemente avaliador, dominante, porque só conseguiam ver a região como precária e necessitada de uma redenção ou de quem os pudesse redimir.

Em meados do século XX assumem a missão na região do antigo Norte Goiano os padres da Congregação Pequena Obra da Divina Providência, com o intuito de integrar essa realidade aos moldes que traziam através dos olhares europeus, dos quais agora se valiam como maneira de atuar nesse novo ambiente, um tanto diferenciado dos quais conheciam, mostrando o que seria, segundo Tonini (1959), uma profunda determinação, ligada ao seu entusiasmo apostólico.

Pe. Quinto Tonini deixou uma das principais obras produzidas pelos padres orionitas para a região do antigo Norte Goiano, pois são poucos os materiais publicados por ou sobre essa Congregação. No entanto, “Entre diamantes e cristais” (TONINI, 1959) é uma das principais fontes de pesquisa para entender a região a partir do olhar desse grupo. No entanto, ao mencionar sobre o entusiasmo que ele demonstrava, é importante tentarmos entender quais os sentidos que perpassam essa construção discursiva, pois “todo discurso contém dentro de si a presença do

outro, uma formação discursiva traz a sua própria identidade, no entanto, mostra em que situações ela permite que outras formações interfiram em sua proposta discursiva” (PORTO, 2010, p. 42).

A proposta discursiva elaborada para explicar a região perpassa pelas percepções que os indivíduos que fizeram parte dela foram reproduzindo enquanto proposta de inserção nesse meio, pois os dizeres deste local formam, a partir do contato com a comunidade e das elaborações que vão sendo pensadas, uma interação entre esses dois grupos: religiosos orionitas e comunidade local. A preocupação dos religiosos orionitas ao se instalaram na região do antigo Norte Goiano, estava relacionada à contraposição daqueles que pertenciam a outras representações religiosas, como os evangélicos, os espíritas, os umbandistas, pois viam nesses grupos um contraponto ao trabalho que tinham para realizar, por isso não percebemos uma tentativa de diálogo nessa chegada com representantes religiosos de outras vertentes, pelo contrário, o que pudemos observar foram os embates entre esses grupos na região.

O principal grupo combatido durante o período de 1950 a 1970 foram os protestantes, pois os padres orionitas procuravam se contrapor ao trabalho desenvolvido por eles, ocupando os espaços ou mesmo as atividades nas quais atuavam, como as escolas ou templos religiosos construídos. Vistos como rivais ao trabalho dos orionitas, essa disputa de poder pendeu favoravelmente, em vários momentos, para os religiosos católicos, em função de termos no país a principal concepção religiosa baseada na Igreja Católica Apostólica Romana, levando em consideração, um pouco da história do país e da Igreja Católica¹⁴, além da presença e desse poder religioso.

Destacadas como uma das preocupações, como anteriormente exemplificado e citado nos seus escritos e nas falas, a presença dos protestantes na região era

¹⁴Era o modelo católico, portanto, que servia de parâmetro para a delimitação do que se concebia como religião. Essa centralidade do catolicismo, todavia, não se verifica apenas durante o período republicano. Antes disso podem ser identificados vários momentos que ilustram a hegemonia católica na história nacional. Lembremos do processo de colonização (séc. XVI), que foi realizado numa parceria entre o governo português e as missões de padres jesuítas (1549), de carmelitas descalços (1580), de beneditinos (1581), de franciscanos (1584), de capuchinhos (1642), entre outros. Até meados do século XVIII, o Estado controlou a atividade eclesiástica na colônia por meio do padroado. Arcava com o sustento da Igreja e impedia a entrada no Brasil de outros cultos, em troca de reconhecimento e obediência. (VITAL DA CUNHA e LOPES, 2012, p. 28)

tida como elemento primordial no contraponto das atividades que seriam desenvolvidas e pensadas para tornar a região num local que pudesse ser evangelizado, educado e saneado. O olhar para outros representantes religiosos não passou despercebido, pois os tratavam como inimigos e dessa forma estabeleceu-se alguns embates desde a chegada, conforme mencionado através de relatos feitos pelos religiosos orionitas como padre Tonini (1959):

Transcreveu alguns parágrafos do Direito Canônico e do pensamento da Igreja e estampou um “Memorandum”, que leu na igreja e difundiu pelas famílias católicas. O “memorandum” recordava aos católicos que, em se tratando de religião e de educação não poderia haver nada em comum com os protestantes. Portanto, não deveriam mais mandar os filhos para aquela escola [protestante], uma vez que já existia escola católica e do Município, na quais o Sacerdote podia entrar para ensinar religião. (TONINI, 1959, p. 160)

Como descrito anteriormente se estabelece uma disputa de poder cujos orionitas, representantes católicos, procuraram mostrar como poderiam ser mais fortes do que aquelas representações evangélicas ou, como eram chamadas por eles, protestantes, no intuito de garantir a representação desse novo grupo entre a população da região do antigo Norte Goiano e, assim, fazer parte das relações de poder que estão sendo estabelecidas a partir da chegada desses representantes católicos.

Outro exemplo que pode ser utilizado para mostrar essa disputa entre católicos e protestantes está descrita por Lôbo (2016) quando analisa as territorialidades conflitivas entre os batistas e os orionitas no antigo Norte Goiano, através das falas entre uma missionária e uma moradora da região. A partir da reprodução desse diálogo, a autora procura mostrar como se estabelece a contraposição entre esses dois grupos religiosos, na tentativa de estabelecer um monopólio da territorialidade nessa região.

O [...] relato é a forte resistência ao “culto protestante”, mesmo sem saber o que isso significaria. É interessante perceber que a atitude da população estava em sintonia com a obediência à autoridade do padre, ao que o sacerdote havia deixado explícito aos fiéis. Pecado é fazer o que foi proibido pelo pároco, por isso, ouvir “culto de protestante” é pecado [...] Essa autoridade era conferida a igreja católica justamente pelo longo período em que essa foi proclamada pelas autoridades políticas do país enquanto única religião reconhecida pelo Estado. Assim, mesmo sem uma imersão profunda no catolicismo, os sertanejos conheciam e incorporavam posturas

de hostilidade em relação a [sic] outras denominações. (LÔBO, 2016, p. 102)

Nesse sentido, cabe uma consideração em relação ao nome citado no final do parágrafo, utilizar a terminologia protestante não deveria ser um aspecto negativo, pois essa terminologia está estampada nos livros de história a partir da Reforma Protestante, iniciada na Europa no século XVI. No entanto, pode-se dizer que nessa região ela foi ressignificada, pois os padres católicos deram um sentido pejorativo ao nomearem esses representantes religiosos que não eram católicos, com o interesse em esvaziar os sentidos construídos por eles que já se encontravam na região antes da chegada dos padres orionitas.

Uma explicação sobre o uso dessa terminologia por parte dos religiosos orionitas pode ser observada quando se analisa o contato estabelecido entre esses dois grupos, reforçando as disputas territoriais que fizeram parte da chegada e estabelecimento dos orionitas, e que pode ser entendido a partir das discussões feitas por Lôbo (2016):

A apropriação [...] do termo protestante nos faz imaginar que naquela localidade já existia uma “campanha” contra a fixação destes, e uma construção pejorativa da terminologia por parte de padres e moradores. Foi nesse ambiente de disputa que as missionárias [batistas] estabeleceram [...] na região. (LÔBO, 2016, p. 100)

Para se entender um pouco mais sobre o que se discute em relação a esta disputa de poder entre os representantes religiosos que aqui se encontravam estabelecidos, nesse caso mais específico em relação aos batistas e os orionitas, religiosos católicos designados pela Santa Sé para vir para essa missão no período estudado, tomamos como base as falas analisadas nas entrevistas obtidas com o Pe. Corazza (2016) e os escritos deixados pelo padre Tonini (1959).

Durante a entrevista com o Pe. Corazza (22/06/2016) ele menciona um fato no qual acontece uma discussão entre ele e o pastor da Igreja Batista, que morava na cidade de Filadélfia. Segundo sua descrição, o pastor inicia um culto em frente à casa paroquial, situação recebida com desagrado por ele, mas através da qual afirma que a população já estava a favor dos religiosos católicos, pois ao questionar

a ação do pastor, as pessoas que estavam na região teriam se mostrado favoráveis ao sacerdote.

E eu fui lá no começo [Corazza], dei bom dia e conversei com ele. E ele disse: O Brasil é nosso! Eu disse: Não, o Brasil não é nosso. O Brasil é de quem sabe acolher. Ele disse: O Brasil é de 50 mil habitantes. [Corazza reflete] como era na Itália naquele tempo. Interferi e perguntei se não era milhões e ele confirma: 50 milhões de habitantes. Eu disse mil, não... era milhões. 50 milhões de habitantes. Próximo tinha um grupo que estava jogando baralho e [alguém] perguntou: padre não quer botar a lenha nele. "Botar a lenha neles significa bater". Não, eles já se queimaram, quando disseram que o Brasil era nosso. De fato, logo desapareceram. Já se queimaram. (CORAZZA, 2016)

No caso do padre Tonini (1959), observamos alguns episódios narrados por ele, dentre eles se destaca um no qual menciona uma situação com um dos pastores que vivia em Babaçulândia. Durante a realização de um culto, passam nas proximidades quatro navegantes que cantavam um cântico católico ao descerem pelo rio, margeando a cidade. Ao passarem próximos ao local onde o pastor realizava o culto, foram xingados por ele e, em resposta, aportaram a canoa numa região próxima, se esconderam e começaram a cantar mais alto, atrapalhando as atividades religiosas deste pastor. No dia posterior o pastor teria denunciado os rapazes à delegacia da cidade, pois haviam atrapalhado o local de culto, mostrando ao delegado em que leis estaria amparado para fazer aquela denúncia. No entanto, padre Tonini afirma ter saído em defesa dos acusados, argumentando que, ao invés dos rapazes, quem deveria ser condenado era o pastor, já que, durante a confusão iniciada por ele, havia utilizado uma arma de fogo para ameaçar os rapazes. Segundo o relato, o delegado acabaria por se ofender com a reclamação do pastor, deixando de acatar seu pedido e impondo silêncio, ameaçando algemá-lo. Este, não tendo o que fazer, teria se retirado, batendo a porta atrás de si, indignado pelo fato da autoridade ter dado ouvidos ao sacerdote (TONINI, 1959, p. 163).

Essas, entre outras histórias, marcaram a atuação desses religiosos na região. Além disso, as maneiras de se entender os sujeitos nesse contato podem ser observadas a partir do que foi apontado pelo bispo Dom Alano Maria Du Noday,

responsável pela Diocese de Porto Nacional¹⁵, que contribui com suas colocações ao expor como esperavam acontecer os embates entre católicos e protestantes. Tal elemento que colaborou para demonstrar o resultado da presença desse novo grupo de religiosos católicos na região do antigo Norte Goiano.

Um Bispo Missionário, que havia sofrido como poucos no mundo, para organizar uma Diocese, tão grande quanto a Itália, como não devia alegrar-se ao ver o triunfo do bem sobre o mal, o entusiasmo dos sacerdotes misturar-se com o dos fiéis, os protestantes antes no ataque, agora limitados na defesa? Realizava-se seu sonho: uma jovem Congregação havia colocado em primeira linha os seus soldados, cheios de vida e de entusiasmo apostólico. (TONINI, 1959, p. 29)

Para entendermos as disputas de poder que se deram na região, principalmente com a chegada dos orionitas, traremos para a discussão elementos de poder pensados conforme as proposições de Bourdieu (1989) quando menciona que “o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo” (BOURDIEU 1989, p. 09). Esse poder está representado nas mais diversas atividades e características humanas e, na discussão em particular, nos remete à percepção do poder disputado entre esses dois grupos principais, já que esse aspecto foi o “pano de fundo” para entendermos a organização desse território.

As relações de poder podem ser expressas das mais variadas formas – como resultado do poder econômico, do poder estatal, do poder religioso –, e pode ser fruto de relações advindas da prática de alguma forma de dominação exercida e que é notável quando se exprime na vida prática. Por isso, pode-se dizer que estão intimamente relacionadas com o exercício dessas relações de poder, quando podemos imaginar que vários indivíduos comungam de um mesmo pensamento, e

¹⁵ A região do antigo Norte Goiano, hoje estado do Tocantins, fazia parte da Diocese de Porto Nacional que estava sob a responsabilidade dos religiosos dominicanos até a chegada dos padres orionitas na década de 1950. A partir desse período os dominicanos dividem sua atuação missionária com os representantes da Pequena Obra da Divina Providência, pois a região era muito extensa e necessitava de mais pessoas trabalhando nessa localidade. Dessa forma, obedecendo as solicitações da Santa Sé, através do papa Pio XII e o pedido feito pelo próprio bispo dominicano da época, Dom Alano Maria Du Noday a região foi dividida, ficando sob a responsabilidade dos chegantes o que se chamou a partir de 1954, Prelazia de Tocantinópolis, hoje Diocese. Essa região era limitada ao extremo norte pelos rios Tocantins e Araguaia; a oeste, pelo estado do Pará; a leste, pelo estado do Maranhão e ao sul, pela cidade de Nova Olinda. Informações baseadas em Piagem e Sousa (2000, p. 109-110).

tal pensamento, ano após ano, corrobora com a construção de significados (quer sejam simbólicos ou materiais).

Pensar na chegada dos religiosos orionitas a partir do exercício do poder simbólico é uma maneira de se perceber como o poder exercido por um grupo se torna algo reconhecido pelos demais e entender como também se naturaliza, tornando próprio das relações desses indivíduos em sociedade e da corporeidade, sendo reproduzido e transformando através dessa construção simbólica em elementos que passam a fazer parte do cotidiano, como se fossem algo existente mesmo antes da chegada dos padres católicos. Torna-se naturalizado o poder que foi imposto e reproduzido no meio social.

Toda essa discussão em torno dos conceitos de dominação simbólica é pertinente quando nos deparamos com o que era pensado para essa população, mesmo antes da vinda dos religiosos orionitas, pois o estado de Goiás já havia convivido com as atividades missionárias dos dominicanos, que traziam a preocupação em disciplinar os ritos religiosos, já que, segundo a visão deles, as pessoas que viviam nesse interior do país não detinham o conhecimento necessário para seguir as doutrinas que a Santa Sé exigia, conforme mostra Caixeta (2014, p. 107): “O missionário reconhece que os sertanejos seguem a religião católica, porém é uma prática religiosa que se distanciava dos modelos europeus. Atribuem-se aos sertanejos o atraso religioso, o desconhecimento da doutrina, o isolamento cultural, a fé conformista”.

Refletir a partir dessas conjecturas é uma forma de trazer para a construção deste texto os aspectos vinculados à presença orionita no antigo Norte Goiano a partir de 1950, que congrega elementos peculiares, podendo ser elencados como exemplos na demonstração da territorialidade desse grupo, que se deu através da apropriação do território como mecanismo de ação social, pois, além de ofertar ações de saúde e educação para uma região desprovida do Estado, também estabelecia o domínio e controle do mesmo pelo viés religioso, que era a maneira principal para o grupo exercer as atividades que figuram no centro das nossas discussões.

Quando se questiona sobre a presença desses religiosos, uma das principais relações que foram observadas estão ligadas às áreas de atuação, como mencionou

um morador da cidade de Ananás, com 67 anos na época, ao ser entrevistado, durante uma pesquisa¹⁶ feita na cidade. Ele menciona a partir do questionamento em relação ao significado da presença dos padres orionitas na região que: “Primeiro a educação, o atendimento na questão da saúde, pois tinha um pronto-socorro aqui, onde tinha uma irmã enfermeira. Traziam religiosos da Itália pra dar atendimento às pessoas” (COSTA, 2006).

As áreas da educação e saúde, destacadas no trecho de entrevista acima, foram as escolhas feitas para que os religiosos pudessem desenvolver suas estratégias de inserção nessa região, pois utilizaram das fragilidades apresentadas na região do antigo Norte Goiano para que pudessem estabelecer um contato mais próximo da comunidade local. Cremos que as vertentes de trabalho foram importantes, porque, mesmo trazendo consigo uma concepção dominante, a partir do pensamento cristão católico, as pessoas que compunham a região até a chegada dos orionitas tinham contato bastante restrito com representantes do clero. Esse aspecto se dava pela própria distância dos grandes centros do país, pela quantidade e dificuldade em ter religiosos disponíveis para se estabelecer uma relação de proximidade, além de haver uma extensa área territorial que ainda requeria conhecimento.

Nesse sentido, teria sido considerado necessário pensar em áreas de atuação que contribuíssem para que a população pudesse vê-los mais próximos e atuantes. Assim, tomaram como propósito, nas localidades por onde atuaram (Ananás, Araguaína, Araguatins, Babaçulândia, Filadélfia, Itaguatins, Nazaré, Tocantinópolis e Xambioá), construir uma unidade de saúde, uma escola e uma igreja, elementos que

¹⁶ As entrevistas utilizadas neste trabalho e que datam do ano de 2006, fazem parte de uma gama de documentos que foram coletados e organizados sobre a região do antigo Norte Goiano, onde os orionitas atuaram no período de 1950 a 1970. Esta documentação teve a colaboração da historiadora Maristela Crestani Andrade, professora no período do Colégio Divina Providência, sediado no Rio de Janeiro, colégio pertencente a Congregação Pequena Obra da Divina Providência. Além da historiadora, Miriam Mendes Costa e da colaboradora Cleoneide Carneiro de Sá, que faziam parte, nesse período, do quadro de funcionários do Colégio Santa Cruz em Araguaína, outra unidade educativa dos orionitas. Esse trabalho foi realizado com o intuito de conseguir informações, fotografias e documentos para que a produção de materiais pelo GEO – Grupo de Estudos Orionitas no Brasil e outras produções. O material coletado também está à disposição no CDH – Centro de Documentação Histórica da UFT - Universidade Federal do Tocantins. A pesquisa foi realizada nas cidades de: Ananás, Araguatins, Itaguatins, Nazaré, Tocantinópolis e Xambioá, localidades por onde os religiosos atuaram na vinda para a missão no antigo Norte Goiano.

se propunham a congregar tanto o aspecto material quanto simbólico da população, que agora estava sendo atendida por este grupo de religiosos italianos.

A partir desse ponto de vista, podemos pensar as estruturas do pensamento religioso no mesmo âmbito em que pensamos as estruturas dos outros aspectos da vida humana, no sentido de que elas são permeáveis às mudanças como quaisquer outras áreas, pois são constituídas a partir do que os grupos humanos se revelam e entendem como sendo resultado de suas concepções simbólicas, muda-se o ser conseqüentemente suas formas de perceber o mundo e o seu entorno.

Entender essa característica dinâmica é uma forma de estarmos atentos ao espaço da percepção, pois ele se comunica de forma mais próxima do que os concebidos pelo caráter intelectual ou conceitual, já que sua base está no aspecto relacional, no qual se estabelece o processo de conexão entre o sujeito e seu espaço de realização no qual se enseja elementos das representações concretas simbólicas.

2.1. A atuação dos religiosos orionitas no antigo Norte Goiano

Em relação à temática mencionada anteriormente, e no que diz respeito à inserção nessa região por parte desse novo grupo, são necessárias algumas considerações, pois, de uma parte, temos os religiosos orionitas e, de outra parte, as comunidades junto às quais vieram interferir a partir da década de 1950, ao que até então constituía o território do antigo Norte Goiano. No olhar dos religiosos as cidades eram compostas de “cabanas pobres aterradas, onde [...] ouvia o lamento [...] de pobres mães [...] que pediam ajuda e compaixão” (TONINI, 1989, p. 24).

Na visão desse grupo, além de ver uma extensa área desabitada também como dizem expressamente, relacionavam o lugar como abandonado, principalmente pelo Estado brasileiro, pois as estruturas educacionais e de saúde pensadas para outras regiões, como Sul e Sudeste do país, por exemplo, eram praticamente inexistentes, por isso, ao chegarem na região se acharam responsáveis em transformar a realidade que se apresentava.

Todo o trabalho empreendido esteve voltado para que pudessem atender às expectativas criadas por eles e, nesse sentido, o que se pode perceber é que as suas atividades contribuíram para trazer à população dessa região a sensação de liberdade das condições materiais e espirituais que viviam, pois toda a organização na qual estavam inseridos foi vista apenas como a falta dela, não como característica daquela população, por isso seria combatida como “inimigo”: se havia falta de algo, essa deveria ser preenchida com algo que eles estavam propondo.

Em relação às comunidades, pode-se dizer que aceitar essas novas condições foi uma das maneiras entendidas de que poderiam, de alguma maneira, se beneficiar com as atividades empreendidas pelo grupo de missionários, pois as necessidades materiais eram realmente existentes e a presença desse novo grupo era a promessa de melhoria para essa região. No entanto, no momento inicial não imaginavam que teriam que se submeter as novas regras que foram ditadas a partir da chegada e instalação dessa comunidade religiosa na região.

Um destaque para essa relação pode ser observado a partir da fala do entrevistado (Silva, 2006) ao contar sobre a história da cidade de Nazaré e mencionar a importância do padre orionita Bruno Raffa: “Pe. Bruno é uma referência aqui na região [...] não só como padre, mas como homem social”. Essas características destacadas em sua fala a partir da inserção desse grupo religioso na região, mostra a construção dos discursos orionitas investidos de uma verdade religiosa que não se podia questionar. Assim passam a ser repetidos, pois a comunidade via nesses representantes um poder simbólico investido e autorizado a partir da Igreja Católica Apostólica Romana.

Essas percepções foram sendo observadas ao longo do trabalho realizado em 2006, pois entre as entrevistas feitas com os moradores das cidades de Ananás, Araguaína, Araguatins, Itaguatins, Xambioá e Tocantinópolis, algumas das localidades por onde atuaram na região do antigo Norte Goiano, as falas de uma maneira e/ou de outra se faziam repetir quando mencionavam o significado desse grupo de religiosos, como no exemplo destacado na entrevista de Feitosa (2006), “Sem os padres orionitas, isso aqui não teria vida. Em muitos lugares tem padres, mas não tem uma escola paroquial. Aonde você vê uma Escola Paroquial, pode pesquisar que teve orionitas por lá. Na área da saúde houve uma grande

contribuição [...] um posto de saúde ao lado da Casa Paroquial [...] coisa que hoje não se vê mais esse tipo de movimento”.

Utilizarmos esse exemplo como elemento do trabalho, tomado da memória das pessoas que tiveram contato com os padres orionitas, foi um exercício interessante, pois nos abriu um leque de possibilidades para a descoberta de ideias que não estavam presentes em outras fontes de pesquisa. Além do mais, trouxe outras particularidades, pois exigiu um exercício interdisciplinar próprio da área de pesquisa na qual está inserido tanto o programa quanto da própria pesquisa.

As escritas sobre os orionitas na região do antigo Norte goiano, juntamente com as entrevistas que compõem o material que está sendo utilizado ao longo deste trabalho, sinalizam que esse conjunto de elementos se torna vivo a cada nova busca e investigação, pois, mesmo que surgindo novas dúvidas e questionamentos, se torna interessante observarmos como todo esse processo é vivo e dinâmico, e como suscita novas reflexões a partir dos elementos da narrativa e da ligação com os conhecimentos ao longo desse processo, numa tentativa de exercitar esse conhecimento que é reconstruído a cada novo material produzido, na qual a construção se torna apenas um novo olhar.

Importante ainda destacarmos que os contatos entre a comunidade e os religiosos foram vias de mão dupla: de um lado e de outro haviam interesses que estavam sendo atendidos, mesmo que para a comunidade os benefícios não tenham sido na mesma proporção ou tão importantes quanto foram para o grupo dominante, nesse caso, a Igreja Católica, representada pelos padres orionitas.

Esse aspecto citado no item anterior ainda merece considerações, pois se refere ao fato de que no texto deste trabalho se discute a relação da presença desse grupo de religiosos tendo como base a utilização do poder simbólico (BOURDIEU,1989). Nesse sentido, é preciso estar atento ao significado de que, atender aos interesses de dois grupos: a comunidade local e os religiosos orionitas, não poderia acontecer em medidas iguais. Numa relação onde se que permeia o exercício de poder, nesse caso praticado pela Igreja Católica em contraposição às comunidades do antigo Norte Goiano, podemos fazer uma conexão de que aqueles que detém o poder o exercem e as comunidades são os agentes desse exercício.

Em outras palavras, estas instâncias estão intercambiadas pelo fato de que existe um poder simbólico por parte da Igreja Católica, que é reconhecido tanto pelos religiosos quanto pela comunidade. Pela comunidade, por ver nos padres orionitas os representantes do mundo do sagrado, reconhecidos por uma instituição que eles acreditam também ser sacra e, por outro lado, os próprios religiosos, que se percebem como representantes deste poder instituído, conforme menciona Bourdieu (2013):

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do *capital religioso* na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social. (BOURDIEU, 2013, p. 57)

No exercício do poder simbólico, nesse caso ligado ao campo religioso emitido a partir da Santa Sé, este grupo de representantes católicos se desloca de seu local de origem na Itália para o Brasil. A vinda tinha o intuito de desenvolver suas primeiras inserções para o aspecto da organização religiosa católica, no entanto, suas atividades não ficaram restritas a essa área, pois construíram unidades educativas para serem utilizadas como veículos nesse processo dentro das comunidades. Além de estender o atendimento à área da saúde, que foi vista também como fator principal, já que as regiões para onde foram trabalhar, como o caso da região do antigo Norte Goiano, hoje Tocantins, eram localidades insalubres, necessitadas de variados cuidados – desde a higiene aos complexos atendimentos médicos.

Com a chegada dos religiosos orionitas tem-se uma nova guinada na percepção dos aspectos religiosos, pois esse grupo passa a constituir esse aspecto de forma mais conveniente junto às comunidades que estão representadas na região, corporificando, através desses representantes quem eram os responsáveis pelo sagrado e pelas coisas sagradas católicas. As orientações, as normativas e os princípios ditados pelos orionitas, a partir da Santa Sé, passam a ter rosto, nome e

voz para a população, tornando esse aspecto um diferencial para que a presença dos religiosos pudesse ter a inferência que exerceu na região entre as décadas de 1950 a 1970.

2.2. Os primeiros passos para a territorialidade orionita

A territorialidade orionita no antigo Norte Goiano, também está ligada à área educacional e, dessa forma, merecem considerações a respeito, pois é interessante percebermos que um dos elementos primordiais para os quais foram direcionados os recursos, tanto humanos como materiais, estão ligados a esse ambiente. Isso porque se percebeu que havia a possibilidade, desde a tenra infância, de preparar as gerações futuras de tal maneira para que se pudesse dar continuidade ao processo de influência nesse grupo ou comunidade, de maneira tal que, aos poucos, fossem modificando a percepção das pessoas sobre esse grupo religioso.

Pensar no aspecto educacional é ter uma percepção a longo prazo, pois os resultados levam um determinado tempo para serem observáveis em função da própria forma como se dá o processo nessa área. Dessa maneira, utilizar esse recurso se torna mais complexo ainda, porque se busca um sentido singular para essa intencionalidade, que produz efeitos através da aprendizagem desses sujeitos a partir do seu contato com a realidade, com o meio ambiente e com as pessoas com as quais ele interage.

Esse projeto educacional se delineia a partir de 1954, quando o padre orionita, Quinto Tonini, se torna Administrador Apostólico¹⁷ da Prelazia de Tocantinópolis, e passa a sistematizar como seriam elaborados os trabalhos nas escolas, pois, segundo seu relato, “tendo sistematizado a parte jurídica [...] o primeiro ponto abordado foi o ensinamento do catecismo nas Paróquias, nas Capelas, nas Escolas privadas e públicas [...] também daquelas protestantes, quando a maioria dos alunos

¹⁷Administrador Apostólico Sé vacante, que é sempre nomeado pela Santa Sé, possuem o poder e as obrigações do Bispo diocesano, com exceção daquilo que é excluído pela própria natureza da coisa ou pelo próprio direito. (CAVALCANTE, Hugo da Silva. Vademecun do administrador diocesano. 2011. Disponível em <<http://www.infosbc.org.br/portal/index.php/povo/2019-vademecun-do-administrador-diocesano>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2017).

for católica. (TONINI, 1959, p. 182). Fazendo uso das unidades educativas para divulgar a liturgia oficial da Igreja Católica Apostólica Romana, colaborando para que este grupo se torne cada vez mais um símbolo de poder na região.

Ter como um de seus objetivos principais a construção de unidades educativas nas localidades onde eles estiveram presentes não foi algo, de alguma forma, feito de maneira despretensiosa, mas ligado a um objetivo maior, que era o de estabelecer uma organicidade em suas ações. Assim como um agricultor sabe que, para ter um resultado positivo em sua lavoura, é necessário que se cuide do terreno e plante, os padres orionitas não fizeram diferente quando atuaram na região do antigo Norte Goiano, sem perder de vista que as suas ações reverberavam na população local, atuaram em diversas frentes e delas se utilizaram para estarem cada vez mais próximos da comunidade local.

Nesse sentido, é interessante entendermos como o poder simbólico dos orionitas foi sendo exercido a partir do campo religioso e se ampliando para outros aspectos da vida social, através da área da educação, como foi detalhado em alguns momentos, já que através dela se deu o entendimento e a forma como o grupo social que compunha a comunidade que habitava essa região do antigo Norte Goiano incorporou os elementos simbólicos, e esse grupo religioso se dedicou em utilizar esse recurso em relação à comunidade, no que pode ser visto e entendido em prol da própria Igreja Católica.

A legitimidade mencionada se estabelece na relação dos orionitas, representantes de uma instituição de poder religioso, em relação à comunidade do antigo Norte Goiano e pode ser entendida por ela como um aspecto inerente nesse processo, pois, muitas vezes, mesmo não sendo visível esse exercício de poder, ele foi entendido através das atividades desenvolvidas por este grupo ou mesmo das ideias e percepções mencionadas como sendo um elemento primordial para que a atuação dos religiosos pudesse acontecer.

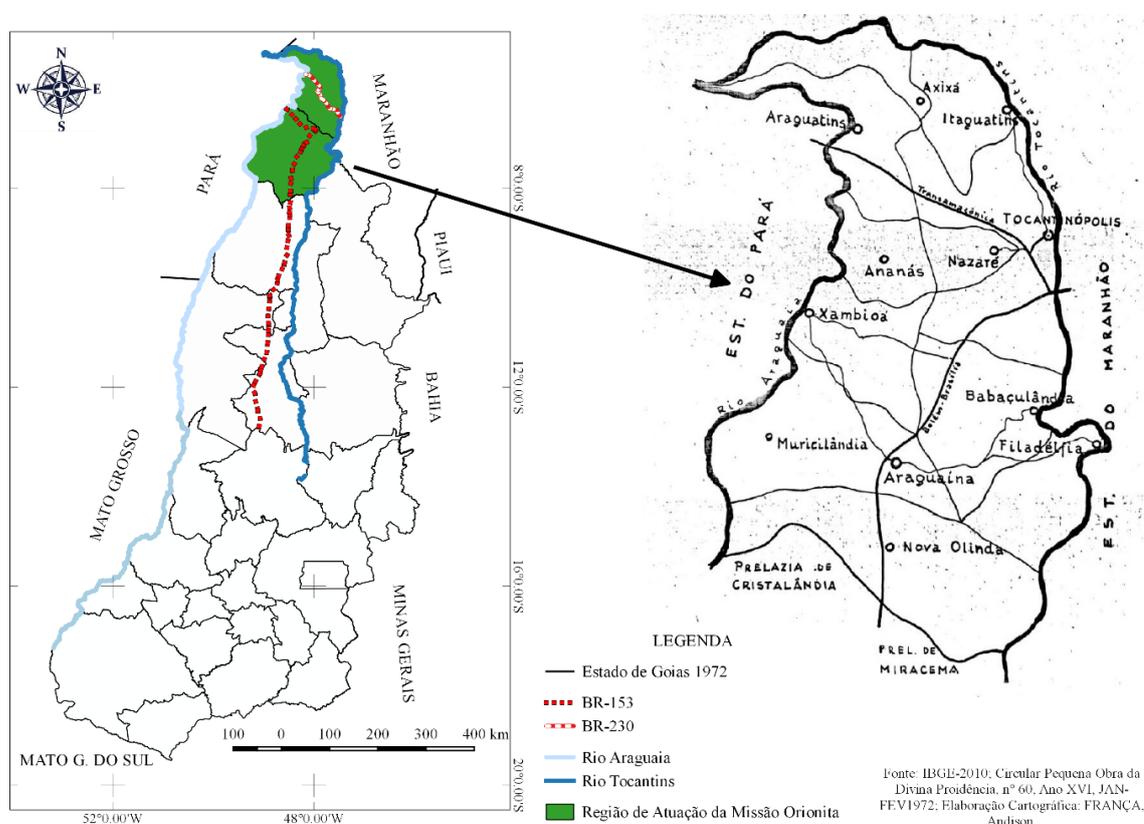
Tendo como premissa essa afirmação, é preciso refletirmos sobre o posicionamento que os sujeitos passam a ter em relação a esses chegantes, já que a percepção que se tem nessa relação é de que estão apenas atendendo às necessidades estabelecidas pelo grupo que os elegeu, perdendo a perspectiva de que essa construção se dá a partir da interação entre os religiosos e a comunidade.

Nesse processo de territorialização, será necessário entendermos como se desenhou geograficamente a região ao longo das décadas de 1950 a 1970, constituindo, assim, um pequeno panorama das cidades que formaram a missão orionita nesse período e quais atividades e produções materiais fizeram parte desse movimento, formando o que se pode chamar de delimitação da missão orionita na região Norte do Brasil, conhecida como antigo Norte Goiano, hoje pertencente ao estado do Tocantins.

Os orionitas exerceram suas atividades na região conhecida como antigo Norte Goiano, vindos através da solicitação encaminhada à Santa Sé pelo bispo dominicano Dom Alano Maria Du Noday, juntamente com o pedido para a divisão da diocese de Porto Nacional, que era extensa e que necessitava do trabalho de outros religiosos.

O trabalho destes missionários ficou circunscrito ao que se chamou, a partir de 1954, de Prelazia de Tocantinópolis, partindo da cidade de Nova Olinda (extremo sul) até a cidade Araguatins (extremo norte da Prelazia), ladeada pelos rios Tocantins e Araguaia, como está demonstrado no mapa da figura 1, que destaca a área de atuação da missão orionita. Esta figura serve de elemento ilustrativo para mostrar em que localidades se deu a presença orionita, elemento marcante na região de análise deste trabalho. Outras partes da região goiana continuaram aos cuidados dos padres dominicanos e capuchinhos que já exerciam atividades religiosas e missionárias antes da vinda dos orionitas na década de 1950.

Figura 1: Mapa da área de atuação da missão orionita - Identificação dos limites da Prelazia de Tocantinópolis



Fonte: Pequena Obra da Divina Providência, 1972

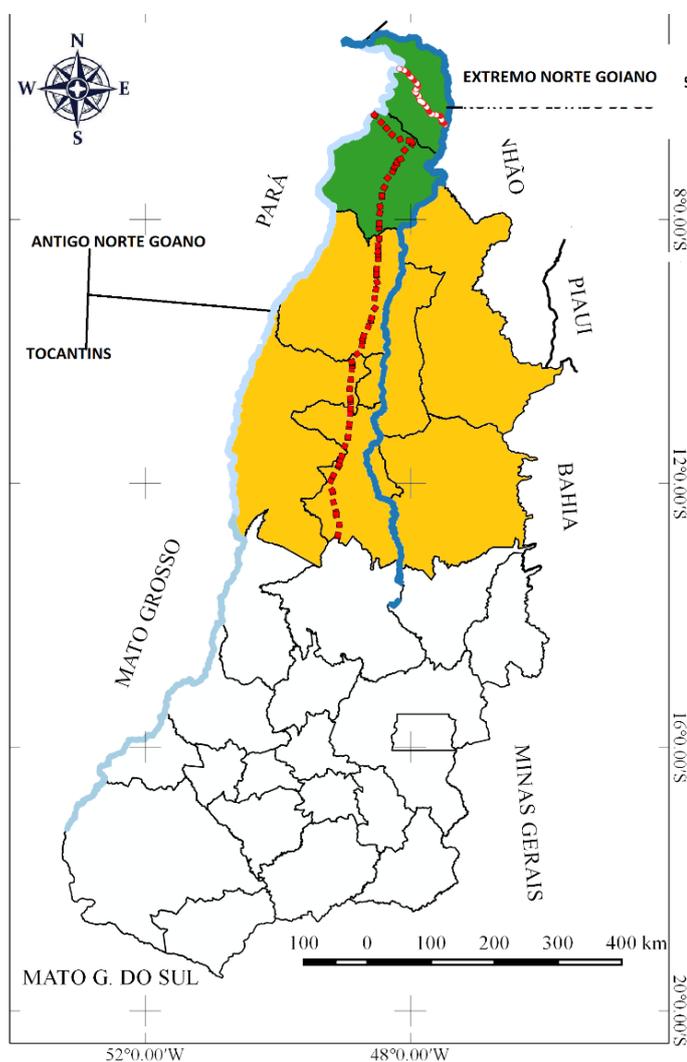
O processo de construção espaço temporal é dinâmico, resultado do exercício no processo de territorialização, em que ações humanas vão dar forma aos locais e espaços constituídos por estes grupos, pois se observada a região do antigo Norte Goiano, hoje estado do Tocantins (Cf. figura 2), e as configurações que se deram a partir da chegada dos orionitas, é possível dizer que as organizações espaço-temporais foram marcadas nas cidades por onde esse grupo de religiosos se deteve e atuou, contribuindo para o processo de territorialização.

Isso permite fazermos um desenho da missão orionita e das características que a representará, destacando vários aspectos – alguns deles materiais, como a sede que estava na cidade de Tocantinópolis, que também recebeu o título de sede de prelaia dessa região, antes de se tornar diocese¹⁸. Essa cidade serviu de

¹⁸ Diocese é a área de atuação de um bispado, localidade territorial que fica sob a administração de um bispo, no caso do antigo Norte Goiano a Prelazia teve existência entre 1954 até 1981, quando recebe o título de Diocese de Tocantinópolis. “As circunscrições eclesiásticas da Igreja Católica se

referência, pelo fato de, geograficamente, estar localizada à margem do rio Tocantins, principal meio de transporte e de comunicação no período estudado, além de ter em seu território a Igreja Matriz Nossa Senhora da Consolação, fundada em 1937, principal referência material e simbólica para a região do extremo Norte Goiano, pois a chegada dos orionitas reforça cada vez mais a presença católica nessa região através de seus templos, seus religiosos e suas ideias.

Figura 2: Mapa do antigo estado de Goiás – destaque para Norte Goiano até 1988, atual Tocantins, e extremo Norte Goiano



Fonte: Coordenação de Pastoral (1992)

dividem em Dioceses e Prelazias. A Diocese existe quando há um mínimo de estruturas próprias e de padres nativos que permitem à Igreja local certa autonomia. [...] (Voz do Norte, 1984 apud ALDIGHERI, 1993, p. 91)

Como estamos discutindo, além da importância religiosa que era dada a esse grupo de religiosos, outro elemento recorrente nas cidades por onde os padres orionitas atuaram era ligado à atuação na área educacional, como exemplo da construção de um colégio, no ano de 1954, chamado Ginásio Norte Goiano, ou mesmo na área da saúde, como a instalação de um posto de saúde, e sua atuação religiosa através da organização do seminário para formação de padres na prelazia, em Tocantinópolis, sede da missão orionita.

Tendo como exemplo do que foi feito na sede da missão, outras localidades paralelamente foram ocupadas pelas ideias e concepções que a Congregação Pequena Obra da Divina Providência tinha para a região, as quais eram sanear e transformar esses fiéis em “verdadeiros católicos”, já que estes viam as práticas realizadas na região como formas desvirtuadas da fé, diferente da qual acreditavam ser a única e correta maneira de se praticar a religiosidade católica.

Os conceitos nos quais estavam pautadas as ações dos religiosos orionitas são elementos que fazem parte de um processo chamado de romanização¹⁹, termo que não é novo no contexto da Igreja Católica Apostólica Romana, nem mesmo entre os estudiosos das Ciências Sociais, mas pode ser relacionado a partir da instalação da República no Brasil em 1889. Nesse momento de separação entre o Estado e Igreja, segundo Nogueira (2007) se articulam maneiras, por caminhos não oficiais, de se manter essa aproximação.

Esse termo, segundo Santirocchi (2010) ressurgiu na metade do século XX, para se fazer uma análise da Igreja Católica e entender os aspectos de afirmação da autoridade institucional e hierárquica em relação às manifestações e variações do catolicismo popular. Nesses procedimentos, residiam o intuito de reestruturação das práticas religiosas elaboradas pelas comunidades para torná-las pertencentes ao controle clerical, nesse caso, dos orionitas.

As características impositivas e hierárquicas, que se distinguiram como romanização do catolicismo brasileiro fizeram parte de todo o conjunto do protocolo institucional da Igreja Católica Apostólica Romana frente às modalidades laicas,

19 O processo de romanização é uma clara europeização da vida religiosa. O foco principal é Roma, dali procedem todas as ordens sacramentais e litúrgicas. Da Europa importam-se religiosos individuais ou congregações para dar cátedras teológicas e morais para o clero e estes para o povo. (TRABAJ, 1997, p. 582)

festivas ou devocionais praticadas no Brasil (AQUINO, 2011). Esse processo de modernização conservadora traz uma conformação simbólica do que é ser católico se contrapondo às práticas realizadas no antigo Norte Goiano.

Como parte dessa concepção, é importante destacarmos que a Congregação Orionita não aceitou a forma como a comunidade se organizava religiosamente. O aspecto do catolicismo popular, foi palco de combates entre os padres orionitas e a população local, pois acreditavam que essa forma de exercício do viés religioso não era a maneira adequada de se estabelecer a relação com o sagrado, tão caro aos olhos dos padres europeus, pelo próprio fato de terem sido formados e constituídos em sua terra natal, “berço da cristandade”, através das normativas estabelecidas pela Santa Sé.

Os representantes religiosos enviados para esta localidade trouxeram no olhar e nas ações maneiras de modificar as relações que a comunidade havia estabelecido com os aspectos religiosos, pois traziam o intuito de normatizar essa relação a partir do que era emitido pela Igreja Católica Apostólica Romana, já que ela estava, nesse sentido, investida de uma manutenção da ordem simbólica como menciona Bourdieu (2013).

Os elementos constituintes dos aspectos doutrinários trazidos a partir da vinda da Congregação Pequena Obra da Divina Providência afetaram as concepções que os indivíduos possuíam em torno práticas religiosas, já que estes estabeleceram uma tentativa de normatização em detrimento das práticas que faziam parte da religiosidade popular conhecida pelos indivíduos que compunham as comunidades e rechaçadas por este grupo a partir de sua instalação na região.

Por isso, é fundamental entendermos o processo institucional e religioso vivenciado pelos orionitas e pela população no antigo Norte Goiano, na chegada desse grupo na década de 1950, pois, dessa forma, podemos entender como se processou a relação entre esses dois grupos na região e como através desse contato foi sendo construída a concepção do sagrado ligado aos preceitos, normativas e capital simbólico da Igreja Católica.

Uma das principais atitudes em relação a essa concepção e o exercício do sagrado foi a tentativa de romper, ou mesmo impedir, as práticas religiosas utilizadas pela população como forma de estabelecer uma interferência na própria

experiência que a população do antigo Norte Goiano tinha em relação ao sagrado, pois vislumbrava-se uma tentativa de se racionalizar esses aspectos em relação à forma como se compreendia e às maneiras como realizavam até então, desarticulando os modos religiosos como eles acreditavam e se organizavam.

Os elementos religiosos presentes e tratados neste trabalho sofrem uma interferência significativa com a vinda dos orionitas, pois se vê através dos relatos uma tentativa de desarticular as manifestações populares que se faziam presentes na região, ou mesmo as situações que viam como representações que não pertenciam ao que acreditavam como sagrado. De acordo com a concepção dos chegantes, a forma como se manifestavam estava equivocada em relação ao que se considerava adequado ao ambiente religioso católico. Exemplos dessa situação podem ser observados através das festas populares, as quais procuraram normatizar, além das situações vistas como fanatismo por parte da população, quando acreditavam na manifestação divina de algum representante popular.

Um dos exemplos que pode ser destacado e que representa um olhar europeizante por parte dos orionitas (e uma maneira de repensar as formas de manifestação popular católica) foi descrito no livro do padre Tonini (1959), através de um diálogo que teria sido travado entre ele e o bispo Dom Alano Du Noday, ao participar da festa da padroeira, Nossa Senhora Consolação, na cidade de Tocantinópolis.

- O que é tudo isto? – perguntou o sacerdote a seu Bispo. –Aqui a festa da Padroeira dura dez dias. Toda novena é solenizada com música, jogos, foguetes, bebedeiras, que muitas vezes terminam com algum metro de intestino no chão. – Excelência, esta lhe parece uma solenidade cristã? Eu penso que os Saturnais romanos não se diferenciavam muito disso aqui. – Veja meu filho, continuou o prelado, em cem anos de ausência do sacerdote, os abusos se foram amontoando como lixo. Agora não é fácil arrancá-los de vez. (TONINI, 1959, p. 43)

Esse movimento no sentido de que as comunidades do Norte Goiano deveriam exercer o sagrado de acordo como era visto pelos religiosos orionitas é bastante interessante, pois dele fazem parte um conjunto de outros elementos que estão sendo mobilizados juntamente para que se provoquem as modificações que

eles organizaram para acontecer, pois não se pode perder de vista que a instituição católica possui um poder simbólico que foi utilizado e exercido por este grupo.

Para exemplificarmos o exercício de poder por parte dos religiosos orionitas e o posicionamento contrário às crenças e práticas populares, destacamos elementos citados tanto nas entrevistas de Corazza (2016) quanto nos escritos deixados por Tonini (1959), em que são nomeados elementos como a “feiticeira do bosque”, que é descrita como uma “velha feia como o bicho-papão, maligna como o diabo” (TONINI, 1959, p. 47), que havia inventado a história de uma cruz caída do céu lá no meio da mata. Outro exemplo ainda a ser mencionado está presente na fala do Pe. Remigio Corazza (2016) o qual disse que “a velha do Cruzeiro, que chamavam (...) Era famosa Júlia que se fazia passar por Nossa Senhora”.

Esses exemplos observados a partir das descrições foram tratados de maneira intolerante, pois a partir das qualificações mencionadas na escrita e na fala, pode-se perceber na descrição feita dessas personagens a intencionalidade de esvaziamento desses sujeitos, para tornar seus seguidores descrentes daquilo que pregavam, reforçando a ideia de que apenas os religiosos orionitas representavam o sagrado propriamente dito, e não essas pessoas que se diziam escolhidas ou enviadas, ou mesmo representantes de algo que era considerado sagrado.

Todo esse processo de se rechaçar essas manifestações populares, com as quais se depararam, e que eram chamadas de “crendices” para mostrar o posicionamento que tinham em relação a elas, além das tentativas de descaracterizar as festividades religiosas e outras práticas que aconteciam na região, fazia parte de algo que permeava as concepções que a Igreja Católica e que estava imbuída nesse período da metade do século XX através de novos controles oficiais em várias localidades.

Além disso, em períodos diferenciados a Igreja Católica se utilizou de mecanismos para exercer seu poder. Em alguns momentos esteve agregada aos elementos religiosos representativos dos grupos sociais locais, promovendo e aceitando as práticas das comunidades, desde que ela pudesse garantir sua inserção e, dessa forma, conquistar adeptos ou fiéis. No entanto, em outros momentos, essa mesma possibilidade que gerou representações nascidas a partir dessa interface foi combatida por ela com o mesmo intuito de manter conquistar ou

manter seus féis, passando a combater e tornar ilegítimas as mesmas práticas populares antes aceitas.

Durante muitos anos, uma não proclamada mas nunca interrompida luta, travada pela Igreja Católica para tornar efetiva a retomada do domínio eclesiástico sobre o trabalho religioso substantivo de produção e reprodução dos bens de salvação, resultou em um persistente exercício de ilegitimação e destruição de sujeitos e grupo leigos que sustentavam os sistemas populares de crença e culto. (BRANDÃO, 1980, p. 96)

Tem-se como destaque o posicionamento dos padres orionitas na missão que eles traziam, que se pode nomear como parte de um processo civilizatório, já que, através das ações empreendidas na região, buscavam configurar as localidades de atuação a partir das características de seu país de origem, já que eram percebidas por este grupo como exemplos para a região do antigo Norte Goiano. Além disso, uma das principais preocupações estava voltada para as normatizações religiosas, pois a Santa Sé, através de seus representantes, procurava, nesse momento histórico da metade do século XX, imprimir sua consciência de civilização, conforme discute, ELIAS (1994, p. 64):

[...] a consciência de sua própria superioridade, dessa “civilização” passa a servir pelo menos às nações que se tornaram conquistadoras de colônias e, por conseguinte, um tipo de classe superior para grandes segmentos do mundo não-europeu, como justificativa de seu domínio, no mesmo grau em que antes os ancestrais do conceito de civilização, *politesse* e *civilité*, serviram de justificação à aristocracia de corte.

Por isso, fica marcada a preocupação com as demonstrações religiosas que se apresentavam neste período da década de 1950, a qual não era por puro acaso, mas uma maneira de desarticular as formas do catolicismo popular presente na região do antigo Norte Goiano, já que as formas ritualísticas que traziam através do olhar europeu não contemplavam essas manifestações como verdadeiras ou aceitáveis pela Santa Sé, pois viam a Itália, sua terra natal, como “mestra da

civilização, berço do direito, centro do saber, arca do *non plus ultra*²⁰ (TONINI, 1959, p.46).

O lugar de onde falavam, o olhar que tinham para esta região e para as pessoas que viviam e nela habitavam, se dava por meio de uma lente colonizadora, pois passaram a utilizar elementos presentes e necessários das comunidades locais a favor desse grupo de chegantes, que traziam como ferramentas as indumentárias litúrgicas, as vestimentas cotidianas, os conhecimentos técnicos em saúde e novas estruturas para a área educacional, contrapondo e desmerecendo as dinâmicas e conhecimentos utilizados pela população local.

Além de se desfazerem das características culturais locais, principalmente em relação à saúde, mas também em relação às formas e às práticas religiosas e também inferir no aspecto educacional (pois viam a educação como elemento primordial para transformar essa região, que segundo a visão orionita estava desguarnecida). Assim, não viam condições para que essa população pudesse vislumbrar melhorias numa localidade que era penalizada pelo “pecado” cometido em tantas instâncias da vida, como mencionou o padre TONINI (1959) em seu relato a partir de um diálogo travado com o bispo Alano Maria Du Noday:

_ São um pouco como os tumores... esta cidade, sendo a sede do município [sic] mais antigo, foi o teatro das mais horríveis tragédias; ainda carrega o peso do seu passado. Serão necessários alguns decênios para recolocar as coisas em seus lugares. (TONINI, 1959, p. 43)

A maneira como os religiosos viam as pessoas e a região pode ser observada no parágrafo destacado acima, quando o bispo retrata o que ele observava na cidade de Tocantinópolis, inclusive algumas das palavras utilizadas por ele trazem o conceito e olhar que era destinado a essa localidade, já que as nossas concepções estão relacionadas à forma como emitimos nossas ideias através do recurso da fala ou da escrita, pois “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados [...] o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2009, p. 21).

20 Tradução: Não mais além. Aplica-se com referência ao que não pode ser excedido. Retirado do Dicionário de latim. Disponível em <http://www.dicionariodelatim.com.br/>. Acesso em 21 de outubro de 2016.

Esse efeito de sentido está imbuído das características de pensamento que temos e que colocamos em nossas ações ou falas, mesmo que em alguns momentos nos passem despercebidos, no entanto, “tem a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como o que não é dito” (ORLANDI, 2009, p. 30). Esse aspecto pode ser relacionado principalmente ao trecho da fala onde se menciona a ausência de um sacerdote, que pode ser entendida como se dava a dificuldade em entender a comunidade com ações e percepções tão diferentes daquelas que eram consideradas como as verdadeiras formas de religiosidade.

Quando os dois religiosos no diálogo que foi destacado, mencionam que a forma como a população compreendia a religiosidade era como tumores, destacam a ausência da religiosidade tradicional que transformou, segundo eles, a localidade num amontoado de situações que precisavam ser limpas, saneadas, pois o lixo é para ser removido, descartado.

O olhar que eles trazem estava imbuído desses conceitos, ou melhor dizendo, pré-conceitos, no sentido de que, antes mesmo de olhar para as características e representações da região, já se olhava de cima para baixo, com a perspectiva de que as concepções que traziam eram as melhores do que aquelas que as populações tinham ou se sentiam representadas, pois “o interesse religioso tem por princípio a necessidade de legitimação das propriedades materiais ou simbólicas associadas a um tipo determinado de condições de existência e de posição na estrutura social” (BOURDIEU, 2013, p. 51).

Além do mais, a linguagem utilizada estava muito próxima ao aspecto do saneamento que se pensava para estas localidades, ideia defendida desde o início do século XX, como mostra Caixeta (2014) ao longo da discussão trabalhada em seus escritos e análises sobre o relatório dos médicos sanitaristas Arthur Neiva e Belisário Penna, quando mencionam, inclusive, a forma como as casas eram construídas na região do antigo Norte Goiano, “pois acreditam na relação entre planejamento urbanístico, ordem social e saúde” (CAIXETA, 2014, p. 33), relacionando as doenças ao fato das casas não serem rebocadas e caiadas.

Além de verem a região como um lugar insalubre, também na fala destacada o bispo remete às disputas de terras vivenciadas nessa região, inclusive tendo como expoente Padre João da Boa Vista, uma das personalidades controversas e

representativas da cidade de Boa Vista, conhecida hoje por Tocantinópolis, onde residiu esse religioso até sua morte em 1947, conforme mencionado por Caixeta (2014).

Figura 3: Foto da Catedral de Tocantinópolis na década de 1970²¹



Fonte: Secretaria Paroquial da Catedral de Tocantinópolis (2006)

21 Material disponibilizado pela secretaria paroquial durante uma pesquisa feita em 2006. Sugere-se que a datação pelo fato de se ter observado outras fotos datadas deste período e com as mesmas características que esta.

Figura 4: Foto da Catedral de Tocantinópolis em 2006



Fonte: Registro elaborado pela autora (2006)

Depois de Tocantinópolis, uma das principais cidades que tiveram importância na chegada desses missionários foi Filadélfia, chamada, como mencionado anteriormente, porta de entrada das missões, pois fazia divisa através do rio Tocantins com a cidade de Carolina, no estado do Maranhão, ficando uma cidade de frente para a outra, nas margens desse rio. Com esta disposição geográfica, servia como ponto de apoio e de pouso para o traslado dos padres orionitas para a região do antigo Norte Goiano. Além delas, uma terceira cidade que teve destaque e importância nesse período foi Babaçulândia, pois serviu, como as duas anteriores, para sediar as principais bases da missão orionita.

A região foi, aos poucos, se tornando cada vez mais importante para a atuação da Igreja Católica Apostólica Romana e também para os religiosos da Pequena Obra da Divina Providência, tanto que, em 1954, dois anos após a chegada dos primeiros missionários à região, o território episcopal da região do antigo Norte Goiano passa para a responsabilidade dos orionitas. Esse momento carrega uma simbologia e características especiais para os religiosos orionitas, pois recebem, através da Santa Sé, o reconhecimento de um poder religioso que poderia

ser exercido nessa região. Para as atividades comemorativas desse momento, estiveram presentes, através de uma visita canônica, o Superior Geral da Congregação, Carlo Pensa, vindo da Itália para participar das festividades de instalação da Prelazia²² de Tocantinópolis; juntamente com o provincial responsável pelos religiosos no Brasil, Ângelo Bartoldi. Além das duas principais autoridades da Congregação, também fizeram parte desse momento, padre Quinto Tonini que passou a ser Administrador Apóstólico²³, responsável pela prelazia recém criada, e os religiosos que atuavam nesse período no antigo Norte Goiano: padres Egisto Brevigliere, Vitório Brussaterra, Remigio Corazza, Pacífico Mecozzi, Alvise Tiveron e João Porfiri, além dos irmãos Macário Piastrella e Italo Saran.

A escolha dessa foto oficial, tirada na região do antigo Norte Goiano, na cidade de Tocantinópolis, se deu pelo fato de se ter os principais representantes orionitas. Os nomes que estavam suprimidos foram identificados pelo senhor Bruno (12/09/2016), através de uma troca de mensagens intermediadas por sua filha, Gianinna Bruno. Este senhor, que também foi religioso orionita e trabalhou nesse período na região. A data apesar de estar com ponto de interrogação é possível que esteja correta, pois a visita do provincial Ângelo Bartoldi e do diretor geral da Congregação Orionita, padre Carlos Pensa somente aconteceria num momento especial. Nesse caso, o principal momento histórico ligado a esta data está relacionado à instituição da Prelazia de Tocantinópolis em 1954.

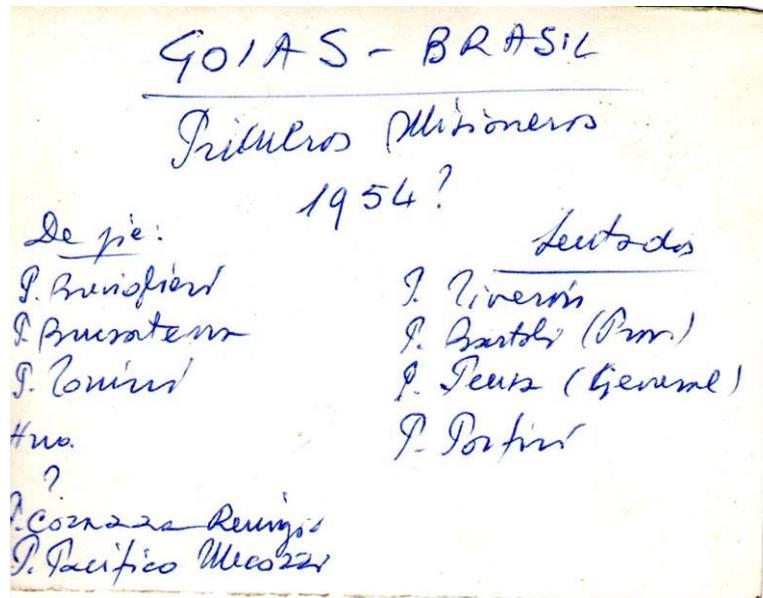
22 [...] A Prelazia é um território entregue pelo Papa à uma Congregação religiosa para que cuide da missão, até conseguir se tornar Diocese, após a ordenação de padres locais e a criação de estruturas administrativas. (Voz do Norte, 1984 apud ALDIGHERI, 1993, p. 91)

23 "Prestamos [...] a mais justa homenagem ao Monsenhor Quinto Tonini, recentemente nomeado Administrador Apostólico da Prelazia de Tocantinópolis [...] A nomeação de D. Quinto Tonini é um prêmio à Pequena Obra da Divina Providência" (A FÁTIMA BRASILEIRA, 1956, p. 13).

Figura 5: Foto da Visita Canônica de 1954²⁴

Fonte: Grupo de Estudos Orionitas da Argentina – GEO (2016)

Figura 6: Verso da foto da Visita Canônica de 1954



Fonte: Grupo de Estudos Orionitas da Argentina - GEO (2016)

24 Foto enviada por email pelos representantes do GEO – Grupo de Estudos Orionitas da Argentina em 2016. Os religiosos orionitas que estão na foto são: em pé da esquerda para a direita - padres Egisto Brevigliere, Vitorio Brussaterra, Quinto Tonini, Irmão Macário Piastrella e Italo Saran, e os padres Remigio Corazza e Pacífico Mecozzi; sentados estão os padres Alvise Tiveron, Ângelo Bartoldi, Carlo Pensa e João Porfiri.

Além da instituição da Prelazia, muitos momentos significativos para a Congregação Orionita aconteceram no antigo Norte Goiano, dentre estes, um acontecimento que se deu na cidade de Filadélfia, que figura como uma das mais emblemáticas situações ocorridas com os orionitas, revisitada a partir de uma das entrevistas feitas com o Pe. Corazza (2016), na qual se discute a propriedade das terras de Filadélfia a partir do momento que este padre assume a paróquia em sua chegada à missão norte goiana. Na narrativa observada, elaborada a partir do olhar desse religioso, há a menção de que as terras foram doadas à paróquia por uma fazendeira da região que era devota de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira da cidade. Mas, segundo seu relato, desde o início do trabalho na região discordou que essas terras tivessem sido transferidas ao governo municipal, já que, de acordo com sua fala, “Não se dá o que não lhe pertence” (CORAZZA, 2016), pois, segundo as suas explicações, as terras foram legadas através de um testamento à paróquia da cidade de Filadélfia.

O posicionamento dos padres que atuavam na região, se contrapôs às decisões tomadas pela Congregação Orionita. Já que ela havia tomado medidas junto à Diocese, transferindo para o poder público as terras nominalmente pertencentes à Paróquia de Filadélfia, criando alguns constrangimentos que ficaram sem explicações, desde a década de 1950. Esse fato colaborou para gerar silenciamentos que puderam ser percebidos nas interrupções das falas, nas negações das entrevistas, na falta de explicações nos livros, nas quebras dos textos, nas histórias que perderam o sentido, no próprio título do livro escrito por Pe. Corazza, chamado de “Silêncio Prudente” (CORAZZA, 2000).

Nesses silenciamentos também reside a própria fala observada ao longo das entrevistas, quando o Pe. Remigio Corazza (2016) repete inúmeras vezes que as informações que são buscadas em relação à história dos orionitas na região do antigo Norte Goiano estão no livro que ele escreveu, que não tinha necessidade de entrevistá-lo, pois tudo que ele teria de informações já estariam escritas. Este mesmo livro está repleto dessas interrupções que são observados em sua fala. O que se pode então considerar é que ele constrói esse discurso para deixar de falar o que pode lhe incomodar além do que ele permite, pois “a linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdo. É no corpo a corpo com a linguagem

que o sujeito (se) diz. E o faz não ficando apenas nas evidências produzidas pela ideologia” (ORLANDI, 2009, p. 53).

Essa disputa de poder observada a partir da chegada desse missionário na região, pode ser vista a partir de um exemplo citado durante as entrevistas para a dissertação, pois Pe. Remigio Corazza (2016) menciona que recebera uma visita, no dia 23 de abril de 2016, em Araguaína, de um grupo de representantes da cidade de Carolina – MA. Nessa reunião, o grupo liderado por um empresário da cidade maranhense viera para solicitar que fosse retirada a praga rogada por este religioso, na década de 1950. Segundo o grupo, ainda permanece a crença de que a cidade de Filadélfia, dividida apenas geograficamente pelo rio Tocantins de Carolina, não consegue se desenvolver economicamente devido a este ocorrido provocado pelas desavenças entre o poder público municipal e o poder religioso em relação à disputa das terras que haviam sido doadas à paróquia da cidade.

Entre as cidades que fizeram parte da missão orionita, uma delas foi Filadélfia, que era uma das principais cidades da região na década de 1950. Aliada ao fato de estar à beira do rio Tocantins e este ser utilizado como principal meio de transporte no período, a cidade servia de base para os deslocamentos na região. No entanto, com a construção da Rodovia Belém-Brasília (BR-153), aconteceu um deslocamento através dos rios para o meio rodoviário, o que, aliado a outros motivos que englobam desde elementos políticos, econômicos e estruturais, ao invés de crescimento populacional ou mesmo econômico, a cidade de Filadélfia sofreu o processo inverso: uma retração do que a cidade representava para a região.

Partindo dessas considerações, é importante dizermos que existem características concretas que levaram a cidade às condições que se encontra na atualidade. No entanto, o pressuposto relativo à dificuldade de desenvolvimento econômico da cidade de Filadélfia, seria de que em função de algumas pessoas acreditarem que existe um fator de intervenção divina que contribui para que isso aconteça: uma praga que paira sobre a cidade. Este fato é bastante interessante, pois diz respeito à influência do poder da Igreja Católica na região. A crença de que esse poder pode ser exercido da maneira como essas pessoas externaram, através de uma praga, mostra como ainda estão arraigados os aspectos religiosos nas concepções de mundo dessa comunidade.

No exemplo é perceptível o destaque que é dado para esse aspecto religioso, dotando-o como elemento principal na relação da existência (dividida com outros) que dificultariam esse desenvolvimento econômico, e essa característica foi constituída na relação com a religião, em especial a católica. Assim, a formação discursiva nessa região se deu, principalmente, a partir dos religiosos orionitas, pois “a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades arbitrárias que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe” (BOURDIEU, 2013, p. 46).

Observarmos que, em pleno século XXI, pessoas possuem a crença de que um representante religioso tem o poder investido de evitar que uma cidade cresça, se desenvolva economicamente, como no exemplo citado, não é um fato a se deixar passar despercebido, mas que demanda uma reflexão sobre como os indivíduos ainda enxergam a presença desses religiosos desde a década de 1950 e traçarmos um comparativo a partir de exemplos vivenciados entre o período de 1950 até 1970, base dessa discussão, já que se depara com outros exemplos dessa dominação simbólica, sendo exercida desde a chegada desse grupo.

O poder simbólico, muitas vezes, sequer é reconhecido pelo dominado, mas é praticado e sentido, diferentemente das situações expostas e suscetíveis a resistências, porque funciona como “poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção (sic) sobre o mundo” (BOURDIEU, 1989, p. 14). A construção desses sistemas simbólicos age a partir dos elementos característicos das classes dominantes, que se tornam representantes legítimas das esferas que compõem a população, conforme podemos ver na atuação desse grupo de religiosos orionitas durante o processo de territorialização e de construção do sagrado no antigo Norte Goiano.

De maneira peculiar, ao percebermos que existe uma crença tão forte e presente na mente desses indivíduos, que permite ainda a presença da ideia que os leva a acreditar numa concepção dita ou não dita por um representante católico a mais de meio século e que, por algum motivo, ainda permanece presente e viva como elemento participante dessa comunidade, é importante observarmos que existe algo que está além do fato de acreditarem nesta “praga”. O que pode estar

relacionado a este poder atribuído ao representante da Igreja Católica é um poder religioso, que foi exercido como fator de dominação frente a uma comunidade, e que pode ser explicado, em parte, pelo fato desse grupo religioso continuar a ser visto como dotado dessa capacidade, pois “a eficácia simbólica do discurso de autoridade depende [...] da competência linguística daquele que o emprega” (BOURDIEU, 1998, p. 63). Além do mais, essa construção está entremeada nas relações de dominação exercidas nessas comunidades, que ainda se percebem territorial e simbolicamente relacionadas a este grupo religioso.

Os religiosos orionitas, que são os sujeitos tratados nesta discussão, estão relacionados a uma instância de poder, que é a Igreja Católica. É a partir dela que se atribui e se discutem as questões pertinentes aos elementos simbólicos dos quais se trata nesta discussão, pois, se há uma crença que algo terreno, como as relações econômicas de um município, estão sendo influenciadas pela força simbólica que ela representa, mostra-se que “a Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem, pela consecução de sua função específica, qual seja a de contribuir para a manutenção da ordem simbólica” (BOURDIEU, 2013, p. 70).

Nesse processo, do uso do poder simbólico (e a dominação simbólica que daí resulta), a concepção de dominação de um grupo se estabelece sobre o outro, tornando esse aspecto tão peculiar que aqueles que estão sofrendo esse processo não o percebem, envolvidos nessa relação de dominação, passam a acreditar que essa concepção lhes representa, desde sempre, como um mito fundador. Os grupos sociais tornam o processo “naturalizado”, entendendo que, se existe daquela maneira, é porque sempre foi assim, deixando de perceber a construção social e a forma de dominação simbólica que está sendo exercida.

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas, relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e transfiguração (numa palavra, de eufemização) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de fazendo ignorar – reconhecer *a violência que elas encerram objectivamente e

transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. (BOURDIEU, 1989, p. 14)

Tendo como base as principais referências da missão orionita, também se faz necessário destacarmos alguns elementos da atuação na cidade de Babaçulândia, que também estava às margens do rio Tocantins, e foi área de atuação do Pe. Tonini, um dos principais representantes desse grupo. Nessa região, o trabalho dos orionitas se destacou nas escolas, na formação de grupos de enfermeiras para atender às necessidades na área da saúde e também pelo trabalho religioso feito na cidade, que tinha como principal contraponto os religiosos protestantes.

A foto escolhida do religioso orionita é também uma maneira de mostrar a representação do poder simbólico e material que esse grupo exercia no período, pois ser fotografado na década de 1950 (figura 7) requeria material que não estava disponível para todos os indivíduos da região, além de ser algo que despertava a atenção das pessoas, pois não era uma situação cotidiana. Também podemos mencionar o destaque para as vestimentas negras escolhidas para a foto e que representam o local de fala desses sujeitos, além da escolha do local à beira do rio, elemento comum entre as principais localidades que atuavam na chegada à região do antigo Norte Goiano.

Esse conjunto de elementos pode ser pensado como parte das produções simbólicas elaboradas pelos orionitas para a região do antigo Norte Goiano, como se pode entender a partir do que diz Bourdieu (1998, p. 133), “as produções simbólicas devem suas propriedades mais específicas às condições sociais de sua produção, e mais precisamente, à posição do produtor no campo de produção”.

Figura 7: Foto do padre Quinto Tonini às margens do rio Tocantins²⁵



Fonte: Grupo de Estudos Orionitas da Argentina – GEO (2016)

A cidade de Babaçulândia se tornou um dos lugares de importante atuação desse grupo, uma vez que esse representante católico aproveitara da influência que fora adquirindo junto à população local, e estende as suas formas de atuação para outras localidades, que passam a enxergá-la como ponto central, em que se corporificariam as características que buscavam intentar como irradiadora para as localidades da região, nas quais foi-se construindo novas capelas, outras escolas e unidades de saúde, que eram seus pontos primordiais.

Uma das principais atividades desenvolvidas nessa cidade estava relacionada à formação de socorristas para que pudessem atender aos doentes na região em que a Pequena Obra da Divina Providência estava atuando – destacamos que Pe. Tonini era formado em Enfermagem em sua terra natal, Itália, com especializações nessa área, que foram úteis tanto no atendimento aos doentes nessa região, quanto

²⁵ A descrição recebida da foto através do email enviado pelos representantes do GEO – Grupo de Estudos Orionitas da Argentina em 2016, não menciona em que cidade se localiza. Não está datada, mas pelas características do personagem principal e do local.

na formação de enfermeiras que deram continuidade a esse trabalho, realizado em diversos lugares por onde os padres orionitas passaram.

Por esse motivo em particular, havia uma preocupação mais específica, por parte do religioso, em relação ao aspecto da saúde, já que uma parte de sua formação contribuía para que tivesse um olhar mais direcionado para essa área, o que é percebido, inclusive, dentro de suas observações em relação às condições de vida em que a população vivia nessa região: “rostos cadavéricos de pobres velhos abandonados pelos filhos, rostos emaciados de mulheres, de crianças raquíticas, de faces inchadas, pálidas, deformadas” (TONINI, 1989, p. 25). Além desse exemplo citado, entre outros tantos que aparecem nos escritos do Pe. Tonini (1989) ou nas entrevistas do Pe. Corazza (2016)

É importante destacarmos que, na região e no período que tratamos, havia uma dificuldade em se conseguir assistência médica, já que não era algo com que se poderia dispor justamente por não haver hospitais ou mesmo unidades de saúde, nem pessoas com conhecimentos técnicos que pudessem atender à população. Somado a esse fato, temos também os religiosos que vinham da Europa com costumes totalmente diferentes, tendo que se adaptar a novos tipos de alimentação, sem perder de vista a diferenciação do clima e o contato com tipos de insetos que fizeram com que alguns adoecessem, em casos extremos, morressem. Esse fator também serviu como motivador para que se pensassem os cuidados médicos nessa região.

Dessa forma, ao ser transferido para a cidade de Babaçulândia, Pe. Tonini (1959), constituiu cursos de formação que orientava os primeiros grupos nas principais atividades ligadas à saúde de acordo com o que havia aprendido na Europa, mostrando um exemplo claro da concepção de saneamento que pensavam para a região Centro-Oeste do país, como demonstra Caixeta (2014) em seus escritos, que mencionam essa localidade a partir do olhar dos dominicanos até a década de 1930.

Todo o trabalho desenvolvido nessa região tinha como foco adentrar e sanear as localidades que, nesse período, viviam distantes daquelas chamadas de centrais, ou seja, principalmente afastadas do Sul e Sudeste, as quais se encontravam em “condições ‘primitivas’ de existência: sem escolas, sem estradas, sem polícia, sem

cuidados médicos, nem higiênicos” (CAIXETA, 2014, p. 27). Para esse grupo populacional que se dirigem os missionários, com o intuito de “salvar as almas e os corpos” dos indivíduos, vistos como desguarnecidos das condições primárias de vida e para os quais esses cuidados na área da saúde recebiam um cuidado em particular.

Em Babaçulândia, os trabalhos dos orionitas não se restringiram à área da saúde, mas estavam presentes também na área educacional e, sem perder o foco principal que era o aspecto religioso, no qual se depararam com uma forte atuação dos grupos protestantes (que eram representados principalmente pelos batistas), já que “a única igreja boa e bem frequentada era aquela dos protestantes batistas” (TONINI, 1959, p. 159). Além da igreja, tinham uma escola organizada na cidade, que atendia aos alunos nessa localidade. Essa organização por parte dos protestantes não passou despercebida pelos orionitas, já que passaram a vê-los como inimigos e procuraram desarticular o trabalho que era feito por este grupo, através da resistência junto ao trabalho e presença desses representantes religiosos.

Num primeiro momento, Tonini (1959) menciona que não era prudente colocar a opinião pública contra os religiosos protestantes que já estavam presentes na região antes da vinda dos orionitas, mas aos poucos foi negociando essa articulação, pois, com o trabalho dos orionitas sendo realizado, aproveitou-se dessa inserção junto à comunidade e foi minando a confiança que havia sido construída pelos protestantes na região. Como exemplo, pode-se mencionar um dos momentos que envolvem esses dois grupos (católicos e protestantes) e que é descrito nas palavras do padre responsável, na década de 1950, pela cidade de Babaçulândia, que tomou a seguinte decisão:

Se, por acaso, alguém por simpatia ou outro motivo, continuasse com os filhos ali [na escola dos protestantes batistas], esse seria considerado pela Igreja como pecador público, uma vez que estava expondo os próprios filhos ao perigo de perder a fé. E, como tal, seria excluído dos Sacramentos e de todos os atos jurídicos eclesiásticos: o Pároco não benzeria sua casa e, caso morresse sem se arrepende ser-lhe-ia negado o funeral religioso. (TONINI, 1959, p. 160)

A maneira como viam os protestantes e como se dispuseram em relação à presença desse grupo na região foi de inflexibilidade em relação ao pensamento e posicionamento desses representantes junto à população. Essa característica, mostrada na fala do padre orionita, ilustra o olhar que se tinha para a região do antigo Norte Goiano e a forma como os padres católicos foram conquistando os espaços de poder simbólico. O exemplo mostrado e as narrativas observadas no livro do padre Tonini (1959) contribuem para entendermos como as estruturas de pensamento vão sendo construídas nessa localidade a partir das vivências e proximidade que foram sendo estabelecidas entre esse grupo e a população que compunha a região.

A organização dos orionitas em Babaçulândia, como em outras cidades, se deu a partir dos três campos: saúde, educação e religião, através da constituição de um posto de saúde, de uma escola paroquial e de atividades religiosas diferenciadas, como o Apostolado da Oração, Associação dos Bons Samaritanos, Cruzada Eucarística, além do atendimento às pessoas da comunidade em qualquer hora do dia ou noite (TONINI, 1989).

Com este posicionamento, em pouco tempo a Congregação Orionita havia conquistado a confiança da comunidade dessa região e, com isso, passaram a utilizar essa conquista para testar o poder exercido por este grupo, principalmente ao questionarem a proximidade com outro grupo de religiosos que já estava na cidade antes da vinda dos orionitas, que eram os Batistas. Essa ação se deu em vários campos, pois eles passaram a concorrer com os protestantes pelo mercado dos bens da salvação e, utilizaram recursos desde a proibição de que os filhos católicos pudessem frequentar as escolas protestantes ao esvaziamento dos conceitos simbólicos desse grupo, destacando que a fé apregoada por eles não seria verdadeira.

Na cidade de Babaçulândia, a principal característica que fez parte da atuação dos orionitas está relacionada ao embate, também pelas territorialidades desta região, pois como a presença dos protestantes era mais forte, as disputas também o foram, e isso se faz sentir nas palavras mencionadas por Tonini (1989) em vários momentos de sua escrita, onde trata esse grupo como inimigo, como

elementos a serem combatidos, pois, de uma maneira ou de outra, concorriam e “disputavam as almas” dos fiéis que aqui residiam, no norte do antigo Goiás.

Conhecer e desbravar os locais que estavam sob a responsabilidade dos religiosos que se instalaram nessa região, além de utilizar a área da saúde, os meios educacionais e religiosos para contribuir com a construção do exercício do poder simbólico na região, era a maneira pela qual os religiosos orionitas entendiam como forma de contribuir para tirá-los da ignorância e torná-los verdadeiros cristãos, utilizando-se assim, de quaisquer atividades como forma de colocar em prática o intento buscado pela Igreja Católica, que era o de, cada vez mais, se inserir e tornar-se próxima destas comunidades.

Atentos à concepção que os chegantes traziam, podemos observar que em várias partes de seu discurso se “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2009, p. 31), nos quais podemos perceber as concepções e os interesses de que estavam imbuídos, pois chegaram na região Norte goiana com a percepção de que eram os “salvadores” de uma população que estava nas piores condições de vida material e espiritual. E, ainda que estivessem certos em sua interpretação, em nenhum momento foi mostrada outra preocupação com as crenças que as populações aqui apresentavam, mas com o único e próprio discurso utilizado por estes religiosos.

Convencionar as vivências a partir das formas de pensamento, descartando outras maneiras de pensar a organização religiosa, significa estabelecer um elo entre os indivíduos de um grupo, criando uma conexão entre eles, que poderão responder a uma situação de forma muito próxima. No entanto, não houve respeito a outras formas de representação, pois a atividade missionária estabelece uma maneira tida como única e verdadeira de se formatar e pensar o meio em que se vive, relegando as práticas e crenças fora desta normativa como desvios dos padrões desejáveis (especificamente aqueles estabelecidos por este grupo religioso), nesse caso pelos religiosos católicos orionitas.

Um dos elementos contributivos para que as cidades de Filadélfia, Tocantinópolis e Babaçulândia tivessem sido as principais por onde a missão orionita se estabeleceu está diretamente relacionado ao fato de que as cidades, na década de 1950, dependiam do rio, em especial do Rio Tocantins, como meio

transporte e de comunicação entre as localidades da região Norte do antigo estado de Goiás, pois as comunicações por terra ainda não permitiam as mesmas conexões que estavam estabelecidas pelos contatos da navegação.

A proximidade com o rio é um aspecto interessante de se mencionar, inclusive ao tomarmos com ponto de partida a narrativa encontrada nos escritos orionitas, sempre lembrada nos documentos comemorativos, da chegada dos primeiros religiosos. Esse grupo havia sido escolhido com as características que pudessem atender à região, na frente missionária. No entanto, o fato é que dois desses recém-chegados morreram na travessia do rio Tocantins, estabelecendo, a partir desse fato, uma ligação simbólica com o rio. Tal acontecimento, que marcou a chegada dos orionitas à cidade sede da missão, Tocantinópolis, é descrito da seguinte maneira: numa atividade corriqueira, tiveram que atravessar o rio para enviar cartas sobre a chegada na região. Ao regressar para a cidade, o tempo começa a mudar e quando estão no meio da travessia, inicia-se uma grande chuva, fazendo com que o barco no qual estavam virasse, causando o acidente. (TONINI, 1959)

Vários fatores podem ter contribuído para culminar com a morte desses orionitas. Um dos principais pode estar relacionado ao desconhecimento de como as águas do rio poderiam se tornar bravias com a chuva; e outro relacionado à própria falta de percepção do lugar onde estavam. Outro fato que pode ser citado e relacionado é o de os religiosos terem desconsiderado os conhecimentos que as pessoas do local tinham e, dessa forma, não entenderam como se processavam algumas das concepções sobre as águas do rio, que poderiam ser julgadas até fantasiosas, pois se baseavam nos conhecimentos populares da comunidade.

Esse conjunto de percepções, tanto dos orionitas como da população que aqui se encontrava, no período da chegada desse grupo de religiosos católicos, vão formando um conjunto de características peculiares que poderão ser chamadas de elementos territoriais, pois à medida que vão ocupando os espaços, as mentes e corpos, por meio da concepção católica do mundo, também se utilizam de vários recursos que vão sendo deixados à sua disposição à medida que se territorializam nesses espaços tidos como “vazios” e desguarnecidos do poder público e religioso.

Os orionitas não se fixaram apenas nessas três localidades, mas foram, sem dúvida, pontos primordiais para o contato com outras cidades, lugares e povoados do antigo Norte Goiano, tornando-se portas de entrada para que eles pudessem se estabelecer e terem bases fixadas para adentrarem para localidades de mais difícil acesso, as quais, segundo as percepções que observamos e discutimos, necessitavam de infraestrutura, atendimento médico e escolas para a população desta região.

2.3. As expressões simbólicas na construção da territorialidade orionita

Para entendermos os elementos que estruturam a territorialidade orionita, é necessário olharmos para as diversas manifestações que foram elaboradas através das desobrigas na região do antigo Norte Goiano. Essas práticas missionárias foram utilizadas como ferramenta para propiciar um conhecimento da região e de sua população, difundir os preceitos da religiosidade católica, além de permitir a manutenção e conquista de novos fiéis.

As territorialidades aqui referenciadas e relacionadas às atividades da missão orionita foram desenvolvidas na região do antigo Norte Goiano por estes religiosos na medida em que estabeleciam o conceito de que eram, realmente, os “salvadores” daquelas comunidades, esquecidas ao longo de tantas décadas. Ao longo desse contato foi sendo construída essa percepção tanto pela comunidade como aceito (e até desejado) pelos próprios religiosos, no esforço de produção de uma nova territorialidade no tocante às práticas religiosas.

Esses elementos, capazes de serem incorporados pelas comunidades da região como legítimos (em detrimento dos conhecimentos que elas já detinham como as práticas religiosas e/ou tradicionais), mediados pela simbologia à qual estavam amparados, eram uma forma de estabelecer controle e impor o ritual oficial da instituição sobre o que era praticado até então. Para Bourdieu (1998), “não há

poder simbólico sem uma simbologia do poder” (BOURDIEU, 1998, p. 63), e ela emana a partir das situações que são sentidas e aceitas por um grupo social.

As ideias de que esse novo grupo se tornava redentor desse povo e de que o estava resgatando daquela situação miserável em que viviam não é novidade. Se buscarmos exemplos, os encontraremos tanto na história do país como nas de outras regiões. No entanto, é interessante destacarmos que, nesse período de 20 anos, de 1950 a 1970, que se discute de inserção do grupo dos orionitas na região, acontece uma mudança na percepção das comunidades e esse panorama se torna interessante de se estudar, no intuito de se entender em que aspectos ou de que maneira estão relacionados ao posicionamento e à atuação dos religiosos orionitas.

Podemos destacar que foi num tempo relativamente curto que o grupo conseguiu exercer uma mudança significativa na percepção das comunidades locais, pois se pode dizer que estes passaram a entender a presença dos orionitas na região como agentes para torná-la mais próspera do que era antes da chegada dos religiosos. Esse aspecto se tornou visível através das novas construções que foram sendo feitas nas principais cidades por onde estabeleceu a missão orionita, pois mesmo com poucos recursos econômicos disponibilizados pela própria Congregação Orionita, construíram templos, escolas e postos de saúde, conforme mencionado pelos entrevistados nas pesquisas feitas em 2006, ou através dos relatos de Corazza (2016) ou escritos do padre Tonini (1989), sendo que a maior parte desses recursos eram adquiridos junto à própria comunidade da região.

A condição que permite entendermos esse fenômeno, a partir do qual a comunidade passa a ver esses indivíduos, representantes religiosos, como elementos de mudança, está relacionada também ao sentimento de gratidão e reverência que se constrói em relação a eles, juntamente com a percepção de que eles possuíam um diferencial de serem pertencentes a uma instituição que exercia um poder reconhecido por esta comunidade. Essa situação reforça o poder dominante da Igreja Católica, através dos preceitos religiosos que são os aportes do exercício do poder simbólico desta instituição e que foi exercido por meio de diversos mecanismos que foram, aos poucos, construídos nessa relação.

Um dos mecanismos utilizados estava relacionado ao capital simbólico e linguístico mediante a todo um aparato que era a estrutura e organização do ritual

religioso, pois a “manifestação pública de autoridade, a etiqueta das cerimônias, o código dos gestos e o ordenamento oficial dos ritos [...] confere [...] autoridade ao discurso autorizado” (BOURDIEU, 1998, p. 91). Além disso, o domínio e pertencimento ao universo religioso católico contribui para ocupar no imaginário da comunidade um espaço diferenciado, pois viam os orionitas como detentores de um poder que era legado a seres humanos consagrados, em momentos litúrgicos oficiais também relacionados à esta concepção, pois “quanto mais oficial é a situação, portanto, mais capaz de impor por si mesma ao reconhecimento de legitimidade do modo de expressão dominante” (BOURDIEU, 1998, p. 57).

Esse aspecto de legitimidade mencionada está relacionado às ações empreendidas pelos religiosos e às determinações que eles traziam, mediante a necessidade vista por eles em normatizar os ritos, ou mesmo, ditar de que forma poderiam cuidar da saúde ou ensinar suas crianças e jovens. Os religiosos, assim, possuíam um poder que estava respaldado por um outro maior, que era o fato de falarem e fazerem em nome da própria Igreja Católica, o que lhes transmitia um respaldo favorecendo o reconhecimento deste poder que estava sendo exercido. Além disso, a chegada dos padres orionitas, a partir da década de 1950, a essa região deu condições para que a população tivesse a possibilidade de ver, inserido no seu cotidiano, aspectos do capital simbólico e linguístico que representavam a Igreja Católica, pois os bens da salvação como: as missas, catequeses, batizados, casamentos, confissões, extrema-unções se tornaram cada vez mais presentes e passaram a fazer parte da vivência destas comunidades – em função desses representantes religiosos se fixarem e estarem à disposição dos trabalhos na localidade à qual nos referimos.

Os rituais católicos, dos quais fazem parte um conjunto de elementos, regras e formas, e que possuem o intuito de estabelecer a conexão entre os fiéis, aqui representados pela comunidade do antigo Norte Goiano, e o universo religioso, passam a compor, cada vez mais, o mundo dessa comunidade. Assim no período anterior à chegada dos padres orionitas, os contatos religiosos que estabeleciam eram muito breves, em momentos que acabavam por tornar essas atividades mais ligadas às festividades do que ao cotidiano propriamente dito. Os orionitas trazem

uma mudança nesse sentido, pois se estabelece uma relação de proximidade com esse fazer religioso, pois ele passa a compor parte da vida dessa comunidade.

A chegada dos orionitas se deu na década de 1950 e, se pensarmos em períodos históricos dessa localidade, a vinda desse grupo caracteriza um período bem recente de sua história. No entanto, é importante sabermos qual característica contribuiu para que a comunidade dessa região pudesse desenvolver o olhar de que eles foram o principal elemento formador, já que essa característica estará marcada na percepção dos indivíduos, na busca de informações e na construção de conhecimentos que pudessem mostrar como toda estrutura organizada pelos orionitas. Ainda que tal processo fosse ambicionado desde antes de sua chegada, que fazia parte do que se pensava para a região, pois a primeira providência tomada era ter um local para culto, uma escola e um espaço para saúde, de acordo com o que foi sendo observado nestes lugares e que pudesse atender às necessidades básicas da população.

É interessante pensarmos que toda essa estrutura estava assentada em algo maior e que formavam as características e os conceitos que tornaram presentes, no aspecto da construção do mundo religioso, por meio da ação dos padres orionitas na região – e uma das vertentes dessa discussão está voltada ao ponto fundamental em entender como essa comunidade, a partir dos discursos construídos nos âmbitos educacionais que foram sendo por eles constituídos com vistas a uma conformação destas condições que se apresentavam nesta realidade.

Além disso, é importante também destacarmos que, desta construção simbólica, que está no imaginário desta localidade, fazem parte algumas das vicissitudes das quais os orionitas foram alvo, sendo que a principal se deu praticamente em sua chegada, com a morte de seus principais representantes (afogados no Rio Tocantins), na primeira travessia que fizeram entre Tocantinópolis (GO) e Porto Franco (MA) ou outras, como a morte prematura por parte de religiosos com doenças adquiridas por insetos ou condições da região que eram desconhecidas por eles e que não puderam ser tratadas a tempo de se recuperarem.

Essa gama de situações e a insistência em continuar em uma localidade que não era favorável para estes religiosos católicos, provavelmente, foi um dos

aspectos que pode ter chamado a atenção da comunidade local, que desde o princípio tentava entender como esse grupo, vindo de uma realidade tão diferente, procurava se adequar e insistia em continuar mediante tantas adversidades com as quais estavam se deparando. Assim, consideramos provável que, no imaginário da comunidade local, havia o pensamento de que eles possuíam algo que era diferencial de outros religiosos católicos que já tinham estado apenas de passagem.

A comunidade não tinha o conhecimento que a Congregação Pequena Obra da Divina Providência estava na região em obediência à solicitação feita pelo Papa Pio XII, além de procurar corresponder ao carisma que esta instituição acreditava, que era a atuação junto às comunidades mais pobres ou carentes. Dessa forma, não é difícil imaginar que passaram a ver esses religiosos com um aspecto de doação, pois, mesmo tendo um início trágico, não foram capazes de deixar a região e voltar para Europa, ou mesmo concentrar suas atividades nas cidades centrais do país. Ao contrário, mantiveram o trabalho missionário no antigo Norte Goiano, que foi visto pela comunidade como elemento motivador, pois passam para além do sofrimento que tiveram com as mortes de seus religiosos, à preocupação com as pessoas que viviam na região.

A partir desse aspecto discutido em relação à comunidade local, podemos dizer que ela passou a ver nesse grupo uma preocupação diferenciada de outros religiosos que havia tido contato anteriormente com as pessoas que viviam nessa localidade, gerando, assim, uma relação cada vez maior de familiaridade, na qual os orionitas assentaram as bases de construção das percepções que se tem do antigo Norte Goiano, além da materialização do poder simbólico. Essa condição como elemento primordial das localidades por onde passaram ou fixaram moradia, templos, escolas, unidades de saúde, mostraram a maneira e os interesses que tinham para a região, e foi entendida pela comunidade como uma preocupação no cuidado e melhoria das condições existentes.

A concepção dos aspectos religiosos católicos que se deram nessa região a partir da chegada dos orionitas pode ser relacionada ao que é mencionado por Bourdieu (1998), quando se refere ao reconhecimento do poder exercido e reconhecido pela comunidade, mostrando que não é algo simplesmente imposto, mas resultante de uma conformação, melhor dizendo, de um conjunto de condições

que contribuíram para que se entendesse que a ação que esse grupo enunciava tinha legitimidade.

A partir dessa conquista, os orionitas se tornaram, cada vez mais, figuras importantes nas comunidades por onde atuaram. Mesmo com a existência de embates com outras representações religiosas, como as citadas anteriormente, em relação aos protestantes, em especial nas cidades de Babaçulândia e Filadélfia. No entanto, utilizaram essas mesmas situações, inicialmente desfavoráveis, em seu benefício, fazendo com que a população os apoiasse em relação às decisões tomadas (quando contrárias às comunidades religiosas que já se encontravam naquela localidade, mesmo antes dos orionitas).

Assim, o momento primordial da construção desse novo aspecto do sagrado, em que a população passa a ver esses religiosos como “salvadores”, que “traziam luz” para suas vidas é marcado pela instrução formal, pois instalavam novas escolas, e por cuidarem dos doentes, pois tinham formação na área. Em outro sentido, a própria presença dos padres, uma categoria considerada acima de outros seres dentre os fiéis, pois eram ungidos pelo sacramento sagrado, então só podiam possuir algum aspecto divino com tantos elementos que faziam parte da constituição desse grupo de religiosos.

De alguma maneira, surgiu e se desenvolveu o sentido de que o grupo religioso atendia às principais necessidades que a comunidade do antigo Norte Goiano vivia na década de 1950, pois, nas leituras e descrições feitas (e já mencionadas), a região era considerada desguarnecida das condições primárias de vida. Não precisamos ir muito distante para entendermos essa percepção, pois, mesmo em pleno século XXI, localidades do Norte do Brasil, como parte das cidades nortistas que estão fora do circuito das capitais, próximas de onde se discute o recorte deste trabalho, ainda existem dificuldades de comunicação e transporte, o que nos dá dimensão das experiências vivenciadas há quase setenta anos atrás.

Nesse contexto se inserem, então, os religiosos da Pequena Obra da Divina Providência, que vão aos poucos fazendo parte dessa comunidade de uma forma muito característica, pois estabelecem sua proximidade através das ações efetivadas no campo religioso, da saúde e da educação. Deixando aos poucos de serem elementos estranhos ao processo, passando pela fase de inserção e

aceitação por estas comunidades e culminando com o pensamento do entrevistado, quando imagina esse grupo e a região como partes de um só conjunto.

Entre a chegada dos orionitas, em 1950, e a percepção de que foram os condutores do processo de modificação dessa região, estão presentes os fatos históricos, juntamente com todo um procedimento pensado para essa comunidade a partir dos enunciados e das ideias elencadas por este grupo de religiosos como primordiais e que podem ser entendidas como elementos performativos, uma vez que, a partir desse grupo que fala, constituiu-se um reconhecimento desse discurso. Assim, “a eficácia do discurso performativo que pretende fazer acontecer o que enuncia no próprio ato de enunciá-lo é proporcional à autoridade daquele que o enuncia” (BOURDIEU, 1998, p. 111).

O reconhecimento do discurso emitido pelos orionitas caminha pela maneira como foi construído e fundamentado pela instituição que o respalda, a Igreja Católica Apostólica Romana, através da qual a elaboração dessa percepção acontece a partir da autoridade que ela representa. Essa particularidade se mostra quando torna a região um terreno fértil para a concepção das características que os sujeitos pertencentes às comunidades do antigo Norte Goiano foram incorporando. Elementos simbólicos e materiais que deram sentido ao mundo por meio dos significados criados através dessa linguagem, conforme exemplo mostrado em Bourdieu (1998, p. 61), quando menciona que qualquer sujeito pode berrar em praça pública pela mobilização geral, no entanto, só se tornará um ato se vier requerida de determinada autoridade, senão essa fala se reduz apenas a um clamor vazio.

A concepção sobre a linguagem autorizada, conforme discutido acima, estabelece uma relação de proximidade com a constituição do discurso que fará parte da vida dessa comunidade a partir da chegada dos orionitas, pois a relação de pertencimento vai aos poucos estabelecendo um vínculo entre a instância social e a religiosa, que delinea as bases da região do antigo Norte Goiano onde o espaço de representação do sagrado se dará através dos atendimentos voltados à área da saúde e do aspecto religioso, bem como o educacional, tripé sobre o qual se assentou a inserção dos orionitas na região.

Essas figuras representativas de poder local, também vão se constituir enquanto detentores de poder na relação e no contato com a comunidade, o que

pode ser observado a partir da análise de uma das respostas obtidas na entrevista com o Pe. Corazza (2016). Quando questionado sobre as percepções da chegada na região, ele primeiro se emociona, mostrando contentamento através da mudança de modulação da voz e menciona que:

Essa pergunta é muito bonita porque eu me senti realizado, porque finalmente era padre. Eu devo aquela cidade, não obstante a dificuldade que encontrava lá. Filadélfia para mim é a verdadeira missão. Aí sim eu comecei a ser padre. No sentido de ser padre. (CORAZZA, 2016)

Nessa resposta obtida percebemos, além das mudanças de voz e entonação, uma demonstração manifesta de alegria ao fazer memória desse momento, possibilitando perceber uma satisfação no que estava emitindo, o que não poderia ser deixado de lado durante esse processo de análise, pois além de instigar a vontade de entendermos como se deu esse processo de “se tornarem padres” na região, foi sendo instigada a vontade de que, através da pesquisa, pudéssemos descobrir novas facetas das interações desenvolvidas por este grupo de religiosos no antigo Norte Goiano. Para entendermos esse processo, tão rico em detalhes, como foi o de perceber as diversas mudanças e nuances manifestadas pelo entrevistado nas expressões, na fala e na postura, tomamos como base os elementos percebidos através da Análise de Discurso, que fornecem possibilidades de entender os significados, mesmo que não estejam tão claros.

A partir desse entendimento sobre o que pode ser percebido através dos elementos de uma entrevista, é pertinente dizermos que esses chegantes também foram sujeitos da construção que eles, em tese, eram agentes. “Entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move (ORLANDI, 2009, p. 85) e onde se desenvolve todo um conjunto de concepções que vão sendo construídas de forma dinâmica, pois mesmo trazendo para a região do Norte Goiano a percepção de poderiam ser os “salvadores” deste lugar, essa ideia só se tornou válida à medida em que deixou de ser apenas conceitual, mas quando estabeleceu uma interface com a população através do discurso utilizado por estes religiosos e reconhecido na localidade onde atuavam.

3. AS RELAÇÕES DE PODER E A TERRITORIALIDADE ORIONITA

Para entendermos a construção das relações de poder no processo de territorialização orionita no antigo Norte Goiano, temos que voltar um pouco antes no tempo, pois essa ideia nasce ao longo do século XIX, atrelada à preocupação, cada vez mais presente dos católicos com a secularização brasileira – a partir da República, das ideias positivistas e iluministas, além do pluralismo religioso como “ameaças” ao poder constituído da Igreja Católica Apostólica Romana. Na concepção dessa instituição religiosa, era necessário que o Brasil se tornasse cada vez mais católico e outras representações religiosas fossem combatidas como inimigas.

[...] a Igreja Católica considera-se uma força espiritual que está acima do Estado. Os prelados por sua vez, consideram-se representantes do papa e, portanto, de Jesus Cristo. Sentem-se assim, responsáveis na transformação do Brasil em um país tipicamente (sic) católico. Toma força nesse período o ‘combate’ aos protestantes e aos espíritas principalmente, sendo este os alvos principais das pastorais dos bispos e de outros escritos católicos. (GRUPO DE ESTUDOS ORIONITAS, 2000, p. 33)

Estas “ameaças” ganham sentido se considerarmos que, no início do século XX, sobretudo no ano de 1911, se deu a instalação da Igreja Assembleia de Deus em Belém (PA) por Gunnar Vingren e Daniel Berg, vindos dos Estados Unidos. No início, os jovens suecos congregaram na Igreja Batista, mas logo se separaram e fundaram a Igreja “Missão de Fé Apostólica” que, somente em 1917, teria seu nome alterado para Igreja Assembleia de Deus (FREESTON, 1996).

Segundo Rodrigues (2003), “a Igreja Assembleia de Deus se instalou em Belém, no Pará, se expandindo rapidamente pelos estados da região Norte do país. Nesses, o protestantismo chegou a se reduzir a essa denominação” (p. 82). Isto porque, ao longo de 40 anos, as igrejas Assembleia de Deus (PA) e Congregação Cristã no Brasil (SP) atuaram como que exclusivas no campo protestante em virtude de outras igrejas vindas do exterior (Igreja de Deus) ou outras, como a Igreja de

Cristo (cisma da Assembleia de Deus), não possuíam expressão na sociedade naquele período (RODRIGUES, 2003, p. 82).

A preocupação por parte dos religiosos católicos com os protestantes na região do antigo Norte Goiano baseava-se no fato de que eles estavam se expandindo por esta localidade. A presença desses religiosos se dava desde “1927, na cidade de São Vicente do Araguaia, hoje Araguaatins” (SANTANA et al, 2010, p. 83), ampliando num período de dez anos sua atuação tanto na construção de igrejas quanto de escolas, tarefa entendida como principal dentro do movimento missionário batista.

A organização desse grupo se destaca, pois a presença em várias localidades do Vale do Tocantins, nome dado à região nas proximidades dos rios Araguaia e Tocantins, por onde se observa o trabalho desse grupo, foi criada uma coligação das igrejas em 1936, para dinamizar o trabalho que estava em franca expansão. Além do mais, no período subsequente, o trabalho feito na região, tanto no aspecto religioso quanto educacional, se tornaram cada vez mais robustos, mostrando um crescimento que se deu na obra missionária batista no final de 1950 e na década de 1960, conforme mencionam Santana et al (2010).

Neste contexto, se fazer presente nos estados do Norte do país tornou-se uma estratégia da Igreja Católica Apostólica Romana para garantir um domínio territorial e religioso sobre a região, por isso, os religiosos orionitas se deslocaram para a região do antigo Norte Goiano do Brasil, imbuídos do conceito de reafirmação desse poder. A vinda desses missionários em 1952 trouxe uma nova e maior quantidade de religiosos católicos para o trabalho nessas cidades que não tinham representação fixa de padres e nem de paróquias e que foram sendo construídas a partir da chegada desses representantes religiosos.

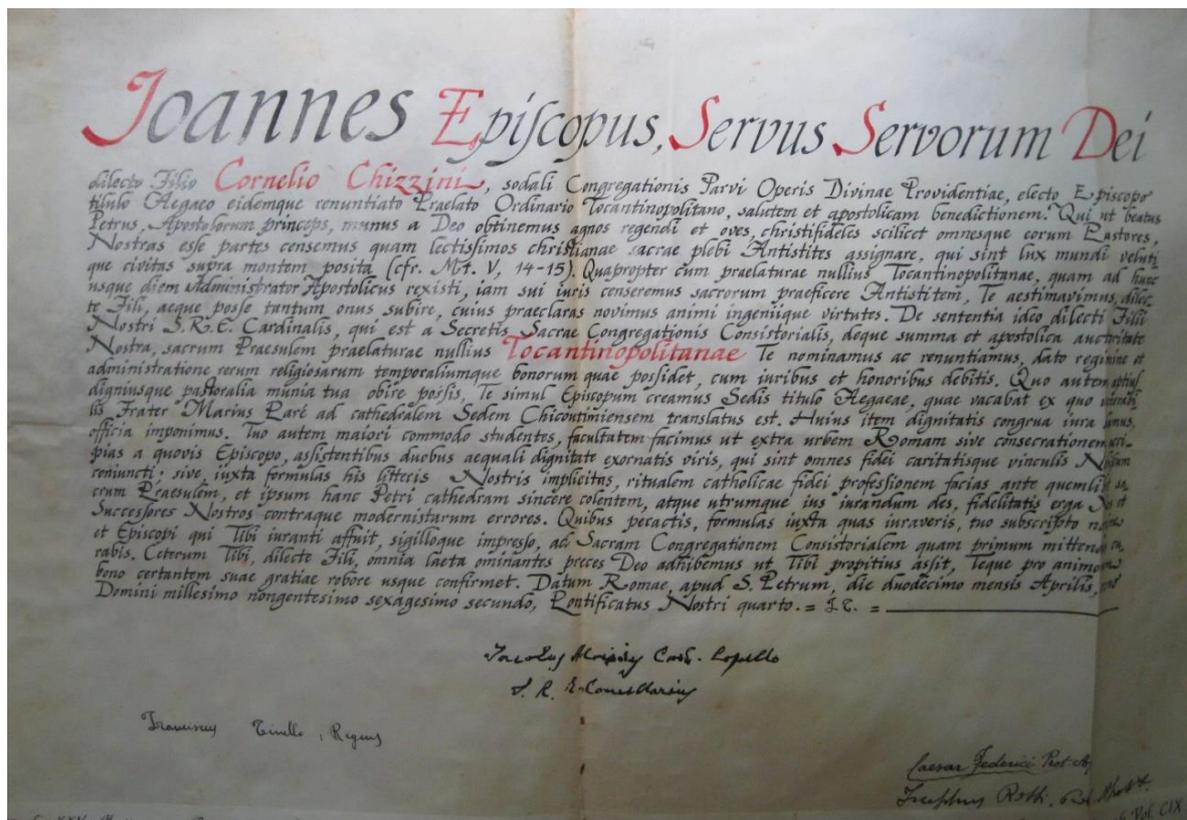
A discussão que se faz sobre a preocupação que a Igreja Católica demonstrava nesse momento, através da qual impulsiona a vinda de uma nova congregação religiosa para a região do antigo Norte Goiano, pode ser observada através das análises que Gil Filho (2002), quando elabora sua tese ao discutir a expansão e o reforço das estruturas tradicionais do poder da Igreja Católica no Brasil:

Com a estruturação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), EM 1952, e o Conselho do Episcopado latino-americano (CELAM) nas décadas de 1950 e 1960, o enfoque é puramente voltado à hierarquia, e a herança do movimento de Restauração começa a se definir. Um efeito evidente da Reforma Católica fora o processo de apropriação da religiosidade popular e um fortalecimento da hierarquia. A nova feição da Igreja tem como fiel da balança o Concílio Vaticano II. (GIL FILHO, 2002, p. 141)

Esse conceito tinha como propósito combater outras demonstrações religiosas nos locais onde se instalavam, utilizando como recursos a construção de escolas, unidades de saúde e igrejas, na perspectiva de atender às necessidades que julgavam básicas para uma população que estava desguarnecida do poder público e, dessa forma, atingir o objetivo de transformar a região numa localidade cada vez mais pautada nos preceitos da Igreja Católica Apostólica Romana.

A região do antigo Norte Goiano estava submetida à Diocese de Porto Nacional até a criação da área de atuação dos padres orionitas, que ficou vinculada à Prelazia de Tocantinópolis, em 1954, quando o papa Pio XII assinou a bula papal estabelecendo os limites da missão e a configuração geográfica de atuação desse grupo religioso. “Prelazia” foi o domínio constituído pela Igreja Católica que, no futuro, se tornaria a diocese de Tocantinópolis. Essa configuração delineou os primeiros contornos que contribuiram para a formação do antigo Norte Goiano, já que, a partir da chegada dos padres orionitas, várias edificações foram feitas para representar as características simbólicas, materiais e sociais pensadas na atuação dos religiosos orionitas, que conseqüentemente passam a compor as características territoriais vistas nessa região.

A criação da Prelazia de Tocantinópolis, em 1954, foi uma das formas de demonstração de como essa ação estabeleceu os contornos do antigo Norte Goiano, que não deixa de ser físico, pois há um documento de criação que delimitava a área de atuação orionita, mas vai além desse aspecto, pois novas expressões passam a ser vistas nessas comunidades, que vão, aos poucos, constituindo os aspectos da territorialidade que constituem esse local.

Figura 8: Foto da Bula Papal da criação da Prelazia de Tocantinópolis²⁶

Fonte: Registro elaborado pela autora (2013)

Os primeiros missionários a chegarem na região, em 1952, que depois foi denominada de Prelazia de Tocantinópolis (em 1954), foram Quinto Tonini e Egisto Breviglieri. Porém, é interessante destacarmos que, antes desses padres comporem as primeiras expedições para a região, especificamente em Tocantinópolis, estiveram presentes na região os padres André Alice, Egídio Addobati e o irmão José Serra, que sofreram um acidente nas águas do rio Tocantins nos primeiros dias que estavam morando na região, do qual sobreviveu apenas o padre André Alice. Além desses nomes citados, outros nomes fizeram parte dessa primeira leva de missionários que chegaram um ano após, em 1953: os padres Luiz Bettiol, Remigio Corazza, Pacífico Mecozzi e o irmão Pedro Renaudo.

²⁶ Foto tirada do documento que se encontra no acervo da diocese num trabalho de pesquisa realizado em 2013 com a professora Vera Lúcia Caixeta e que compõe a documentação do CDH – Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Tocantins – UFT

Esta chegada significava um atendimento ao convite feito pelo Papa Pio XII para que a Congregação Orionita pudesse construir suas unidades em locais interioranos e, dessa forma, fazer frente à crescente influência de grupos protestantes, espíritas, entre outros cultos religiosos, pois “continuava ainda vivo o empenho da Igreja em catequizar os fiéis procurando superar as formas de religiosidade popular tão ao agrado do estilo tradicional lusitano e eliminar as influências dos cultos de origem africana e indígena” (PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA, 2003, p. 58).

O convite recebido através da Santa Sé para a Congregação Pequena Obra da Divina Providência havia nascido como uma das preocupações do bispo responsável na época, Dom Alano Maria Du Noday, que procurava descobrir alguma congregação religiosa que pudesse assumir parte do trabalho na região, que era muito extensa e que não conseguia ser atendida adequadamente pela falta de padres na diocese. Por isso, o bispo, ao saber da disponibilidade da Pequena Obra da Divina Providência, teria comemorado o resultado, pois “depois de muitos pedidos, visitas e correspondências, conseguiu os missionários italianos orionitas” (PIAGEM & SOUSA, 2000, p. 109).

Uma das principais preocupações era fazer frente à presença e organização dos protestantes na região do antigo Norte Goiano, que no período que se seguiu à chegada dos primeiros padres orionitas, e requereu da Congregação Orionita empenho para estimular a vinda de religiosos para trabalhar na missão do norte do Brasil. Para alcançar esse intento, a Congregação Orionita utilizou, como elemento motivador, o fato de que o fundador se preocuparia com as pessoas mais carentes e, nesse caso em específico, desprovida de todos os recursos (fossem eles de ordem econômica, educacional e/ou religiosa) e que, por mais dificuldades que pudessem enfrentar numa localidade tão diferente dos locais onde viviam, tinham em mente que a “Divina Providência” contribuiria para que as coisas se encaminhassem e este grupo de religiosos pudesse atender às demandas apresentadas na região.

É interessante observarmos que a constituição desse discurso, no qual se baseiam os religiosos orionitas, nasce juntamente com o nome e as características impressas na Congregação Orionita, nomeada de Divina Providência. Assim sendo,

a vinda para essa a região do antigo Norte Goiano e o impulso que foi dado para que outros representantes pudessem fazer parte da atividade empreendida, são resultantes das características de formação desse grupo de religiosos e da obediência devido à escolha por esta instituição, já que fazer parte da missão que foi delegada a esta Congregação Orionita era uma maneira concreta de atender às concepções pensadas pelo fundador.

Essa concepção utilizada pelos orionitas e que se percebe em suas falas, discursos ou escritas, como foi exemplificado, vinha desde a concepção da própria Congregação Orionita, pois, ao enfrentar dificuldades, sejam elas quais fossem, uma das respostas observadas é que as situações se resolveriam porque eram filhos da “Divina Providência”. Retomamos a fala que dá início a esta Congregação Orionita e observamos que fora repetida na região do antigo Norte Goiano, tanto pelos religiosos quanto pelas pessoas da comunidade que interagem com este grupo. Tal observação nos remete à observação de que o discurso construído se expande num processo contínuo, pois não é apenas uma repetição do que foi constituído como ideia ou processo, mas como resultado da construção do discurso, conforme aponta Orlandi (1988):

[...] todo discurso nasce em outro (sua matéria-prima) e aponta para outro (seu futuro discursivo). Por isso, na realidade, não se trata de um discurso, mas de um *continuum*. Fala-se de um estado de processo discursivo e esse estado deve ser compreendido como resultando de processos discursivos sedimentados. (ORLANDI, 1988, p. 18)

A explicação, tomada a partir das percepções trazidas por Orlandi (1988), procura estabelecer um paralelo entre uma explicação de formação desse grupo de religiosos e com os modos como ele vai delinear as características que formaram a região do antigo Norte Goiano, através da presença que estabeleceram desde 1952. Uma das explicações para a vinda desse grupo não era propriamente baseada em “fatos”, mas a explicação de que a “Divina Providência” havia contribuído para que eles viessem a atuar nessa localidade e contribuir para que essa população pudesse estar mais próxima dos preceitos católicos.

As primeiras decisões tomadas pelos padres que vieram para o antigo Norte Goiano foram conhecer as cidades, lugarejos, vilas, fazendas, sítios e chácaras que

pertenciam aos limites da missão orionita, uma maneira de mostrar que estavam presentes naquelas regiões e também uma forma de entender de que maneira poderiam dar materialidade à sua presença nos locais que estavam sob sua responsabilidade. Essa atividade realizada foi chamada de “desobriga”, que não era uma atividade nova no contexto brasileiro, nem da Igreja Católica, mas se utilizava de uma prática pastoral, que dava possibilidades ao fiel cumprir os preceitos pascais. (CAIXETA, 2014, p. 109)

Através delas aconteceram os primeiros contatos na região, que contribuíram para que os orionitas pudessem entender de que forma poderiam atuar material e simbolicamente, pois tinham em mente a necessidade de dar sentido à vinda desse grupo para a região e este sentido também deveria ser percebido pelos grupos sociais que aqui estavam estabelecidos, pois nesse processo se deram as principais atividades realizadas pelos religiosos católicos através do que pode ser chamado de tríade orionita: atuar na saúde, educação e religião.

A vinda dos orionitas, além de ser um fator estratégico, como foi mencionado, também mostrou como o poder simbólico da Igreja Católica se fazia presente nesta localidade tão distante dos locais considerados centros do país, como as regiões Sul e Sudeste. Portanto, mesmo com uma presença física pouco significativa até a vinda desse grupo de religiosos, a chegada na região demonstrou uma mudança na perspectiva dos moradores, principalmente dos que se acreditavam católicos. Um dos exemplos que podemos citar está relacionado a um diálogo reproduzido a partir de um trecho mencionado no livro de autoria de Corazza (2000), que também fez parte das entrevistas utilizadas para este trabalho, ele descreve um dos embates ocorridos com um pastor da Igreja Batista que, segundo sua descrição, iniciou um conflito ao realizar um culto em frente à casa paroquial de Filadélfia:

De repente, numa tarde de domingo, os Batistas começaram um clamoroso culto (sic) na frente do casebre do padre. Terminando o culto o pároco (sic) aproximou-se do pastor (sic) propondo respeito recíproco. Este começou a berrar “O Brasil é nosso”. “Estou sabendo” – respondi-lhe. “O Brasil é representado por sessenta milhões de habitantes. Em termos religiosos, noventa por cento deles são católicos”. (CORAZZA, 2000, p. 36)

Utilizando esse diálogo como exemplo, podemos refletir como as relações de poder estão imbuídas e de que forma contribuem para entender as organizações do território e as concepções simbólicas nessa localidade tão dispersa territorialmente, pois mostra de uma situação corriqueira como essa, a relação pendia de forma favorável para os padres católicos, mostrando que, mesmo tendo tão pouco tempo de contato na região, os aspectos da religiosidade católica estavam presentes no cotidiano, resultando no posicionamento da comunidade em favor desses religiosos católicos.

Essas relações estatais, religiosas e econômicas farão parte da realidade dos orionitas, pois, desde a vinda desse grupo para a região, já estava imbuída a ideia de atender às expectativas de grupos dominantes. Um deles, o próprio Estado brasileiro, que se mostrava interessado em conhecer com detalhes as localidades do Brasil, especialmente por onde ainda não havia conseguido adentrar com a mesma capacidade das regiões centrais do país.

A fixação na cidade de Filadélfia, antes de se dirigirem para Tocantinópolis, centro da missão orionita, ou para outras regiões, por exemplo, se deu pelo fato dela estar à beira do Rio Tocantins, utilizado como principal meio de transporte na época. Além disso, estava na margem oposta à cidade de Carolina (MA), na qual havia uma pista para pouso de aviões que foram utilizados para a vinda de alguns dos missionários em função da proximidade e interesses entre o poder público e o poder religioso (Estado e Igreja Católica) no que se refere a este caso em estudo.

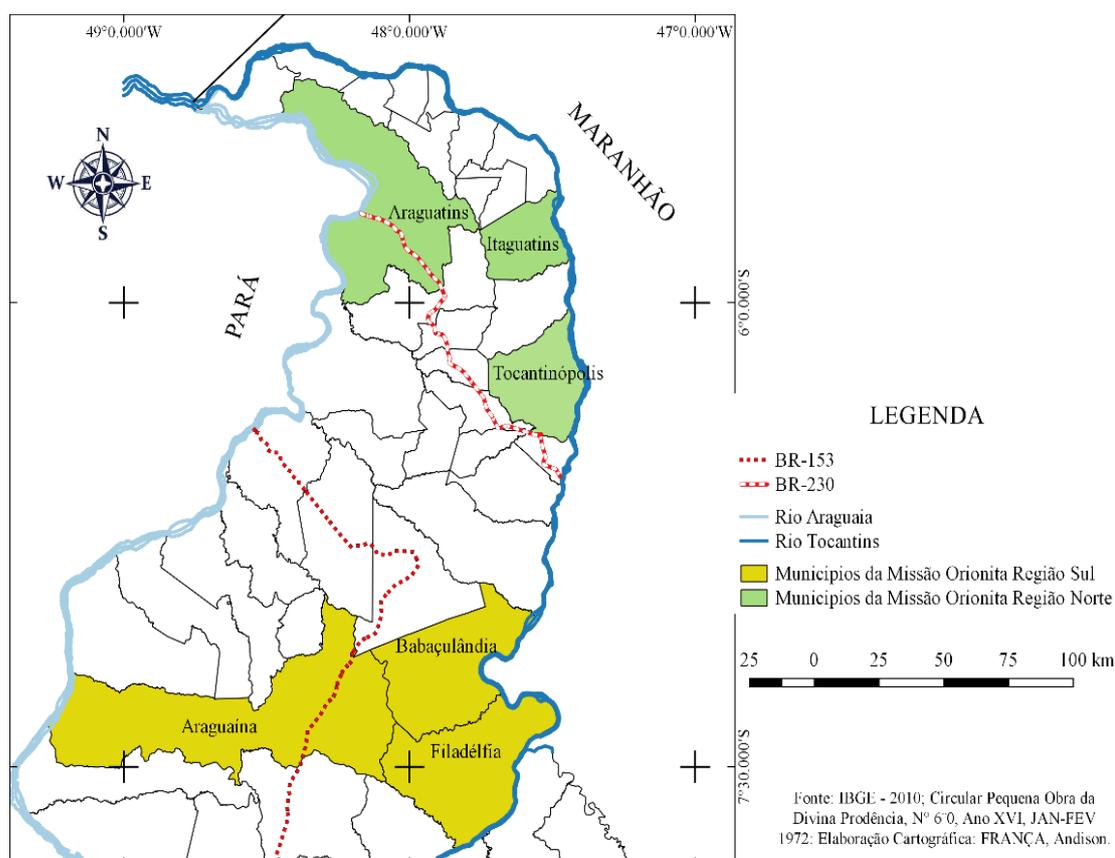
Nos locais por onde passaram, a partir do ano de 1953, os orionitas empreenderam a construção de capelas e igrejas, além de outros exemplos de interferências que colaboraram nas produções territoriais, como as ocorridas em Tocantinópolis, onde foi aberta uma escola primária, um posto de saúde e locais para atividades esportivas; em Itaguatins, na construção de uma escola paroquial; em Babaçulândia, na organização de cursos para socorristas que pudessem ter conhecimentos nos cuidados com doentes da região; em Filadélfia, na preocupação voltada para a escola, para o ambulatório e os cursos de corte e costura (COORDENAÇÃO DE PASTORAL, 1992).

Outras formas para dar materialidade ao que estava sendo proposto para a região tomou corpo um ano depois da instituição da Prelazia de Tocantinópolis, em

1955, quando o diretor geral da Congregação Orionita determinou a divisão da missão em duas regiões: norte e sul. Na parte norte estavam congregadas como principais locais as cidades de Tocantinópolis, Araguatins e Itaguatins e, na parte Sul, as localidades conhecidas hoje como Babaçulândia, Araguaina e Filadélfia. O intuito dessa mudança estava atrelado à preocupação em facilitar os trabalhos que estavam sendo realizados, se preparar para o crescimento das atividades, entender a inserção desse grupo na região Norte do estado de Goiás e dar celeridade ao processo de mudança da região onde estavam estabelecidos.

Em agosto de 1955 chega o Diretor Geral D. Pensa com o Provincial Pe. Angelo Bartoli. [...] Nesta visita [...] divide a Prelazia em duas regiões nomeando Pe. Tiveron da região Norte com sede em Tocantinópolis [...]; e para a região sul Pe. Tonini com sede [sic] em Babaçulândia. (COORDENAÇÃO PASTORAL, 1992, p. 10)

Figura 9: Mapa da divisão da missão orionita - região do antigo Norte Goiano



Fonte: Pequena Obra da Divina Providência (1972)

Não é de se estranhar que, a partir desse período, o que pudemos perceber é que, no espaço de tempo de pouco mais de uma década, observou-se uma crescente inserção dos religiosos orionitas em várias frentes de atuação, colaborando com a construção de templos católicos, passando pela instituição de seminários, casas de saúde, escolas paroquiais, ginásio, colégio, quadras esportivas, um leprosário e um pequeno hospital em Filadélfia.

Dentre os locais de atuação e presença desse grupo de religiosos, o lugarejo que hoje é conhecido como a cidade de Araguaína passou a se destacar como uma das áreas com um diferencial de crescimento econômico e populacional, especialmente a partir do final da década de 1960. Uma das principais explicações para esse fato reside na construção da Rodovia Belém-Brasília (BR-153), que margeou a cidade e contribuiu para que ela fosse inserida em uma nova modalidade de transporte (o rodoviário) e a favoreceu pela proximidade estratégica com os estados do Pará e Maranhão. Dessa forma, a cidade que era apenas mais uma das que compunham a missão orionita passou a ter maior importância no cenário, pois ganhava destaque econômico e, conseqüentemente, político e social.

A construção da rodovia Transbrasiliana (BR-153), houve uma mudança do eixo de circulação regional – anteriormente feito através dos rios Araguaia e Tocantins -, pelo transporte rodoviário, opção mais rápida e de menor custo financeiro. As transformações espaciais seriam definitivamente marcadas em seu território. As cidades às margens dos rios, que antes serviam para dar suporte à circulação de pessoas e mercadorias, ficaram praticamente isoladas, e as cidades que surgiam ao longo da rodovia passaram a exercer essa função. Araguaína, por exemplo, deixa de ser o antigo e isolado povoado de “Livra-nos-Deus” e assume a função de cidade de importância econômica dentro da região Norte do Tocantins. (MORAIS, 2014, p. 39)

Araguaína se destacou como local de atuação desses religiosos desde a sua chegada, em especial a partir da década de 1960, porque, em paralelo às necessidades que a região apresentava, a interferência do Estado, efetivada pela construção da BR-153, marca uma diferenciação na ocupação desse território, pois contribui para que os olhares se voltassem para esse lugarejo que despontava a partir desse período. Esse núcleo de poder também contribuiu para as mudanças dessa região, pois seu posicionamento responde aos interesses então existentes em relação à região do antigo Norte Goiano. Conforme Raffestin (1993),

Na sua vontade de atingir o mar, de preservar o acesso às rodovias, de implantar cidades, de fazer coincidir uma fronteira com uma linha de cristas ou um rio, os Estados modularam suas políticas segundo uma axiomática não claramente assumida, mas bem presente e real. (RAFFESTIN, 1993, p. 146)

A cidade de Araguaína, além de estar numa posição estratégica pela proximidade com os estados do Pará e Maranhão, foi beneficiada com o fluxo migratório provocado pela construção da rodovia. As localidades que estavam à beira dos rios, e que eram importantes economicamente para a região do antigo Norte Goiano, perderam parte dessa importância para aquelas que foram beneficiadas por esta construção. Esse aspecto também traz um impacto na região atendida pelos orionitas, já que as cidades bases (Tocantinópolis, Filadélfia e Babaculândia) estavam à beira do rio Tocantins.

Esse fator de mudança pode ser observado a partir do olhar de uma entrevistada na cidade de Itaguatins, quando a senhora Araújo (2006) conta um pouco da trajetória de vida na localidade, a mesma menciona que, durante o período no qual o rio era utilizado, a cidade tinha bastante movimento, pois servia de entreposto das embarcações por causa da cachoeira que provocava uma interrupção nas viagens. Esse dinamismo existente na cidade foi interrompido, pois segundo ela: “depois da construção da rodovia a cidade quase acabou” (ARAÚJO, 2006).

A participação dos padres orionitas nas localidades do antigo Norte Goiano contribuiu para que elas também se tornassem centros de interesse econômico, político e/ou social, pois, ao atuar em frentes que estavam desguarnecidas da presença do Estado, como nas áreas da saúde e educação, colaborou para que se tornassem figuras representativas de poder local, convergindo para essa região os interesses privados e do Estado. No entanto, em paralelo a esta atuação, também percebemos o exercício do poder simbólico através das atividades paroquiais e de catequese, desenvolvidas a partir das orientações próprias da Igreja Católica, já que não podemos perder de vista que um dos elementos primordiais para que as ordens religiosas ocupassem as regiões mais distantes do Centro-Sul do Brasil eram as preocupações em reconquistar os fiéis que estavam nessa região.

Essa concepção, para a qual são vistas as regiões que estão fora do eixo Centro-Sul do Brasil, além de fazer parte de um processo civilizador, conforme discutido por Elias (1994), também comporta as características territoriais que “realiza uma diferenciação funcional [...] comandada pelo princípio hierárquico, que contribui para ordenar o território segundo a importância dada pelos indivíduos e/ou grupos às suas diversas ações” (RAFFESTIN, 1993, p. 151), capaz de integrar regiões mais distantes, como o Norte Goiano, na década de 1950 a 1970, ao processo de desenvolvimento pensado para o país.

Nesse caso, tendo como exemplo a análise da cidade de Araguaína, na qual se observa alguns elementos da paisagem e características simbólicas, sociais e econômicas resultantes da presença dos padres orionitas na região do antigo Norte Goiano, além do destaque em áreas como a educação, onde atuam em creches, escolas e faculdades; na saúde através da construção e gestão do principal hospital da região; na assistência social com a casa de albergados e casa de idosos; e dezenas de comunidades religiosas gerenciadas por este grupo.

As construções e atividades nas quais se observa a atuação dos padres orionitas são resultantes de todo um processo histórico, que contribuiu para que esse grupo se tornasse conhecido na região. O nome “Orione”, resultante de sua atuação, estampa ambientes, logradouros, capelas, bairro, praça, além de estar relacionado a várias construções que podem ser observadas na cidade de Araguaína, pois “os nomes dos lugares e das categorias de paisagem permitem falar do mundo e discorrer sobre ele. Eles transformam o universo físico em um universo socializado” (CLAVAL, 2014, p. 214), mostrando como um grupo expressa as ações num determinado território, numa região que no presente, mostra os resultados do que se constitui do passado.

3.1 A territorialização orionita através das desobrigas

As relações que foram estabelecidas na região do antigo Norte Goiano e organizadas a partir de diversos campos. O conceito utilizado por Bourdieu (2013)

nos permite entender a partir de quais aspectos vão se constituir as relações de poder observadas nessa região. Esse processo esteve assentado principalmente nas desobrigas, atividades realizadas pelos padres orionitas, e que foram elementos que contribuíram para o processo de territorialização desse grupo de religiosos.

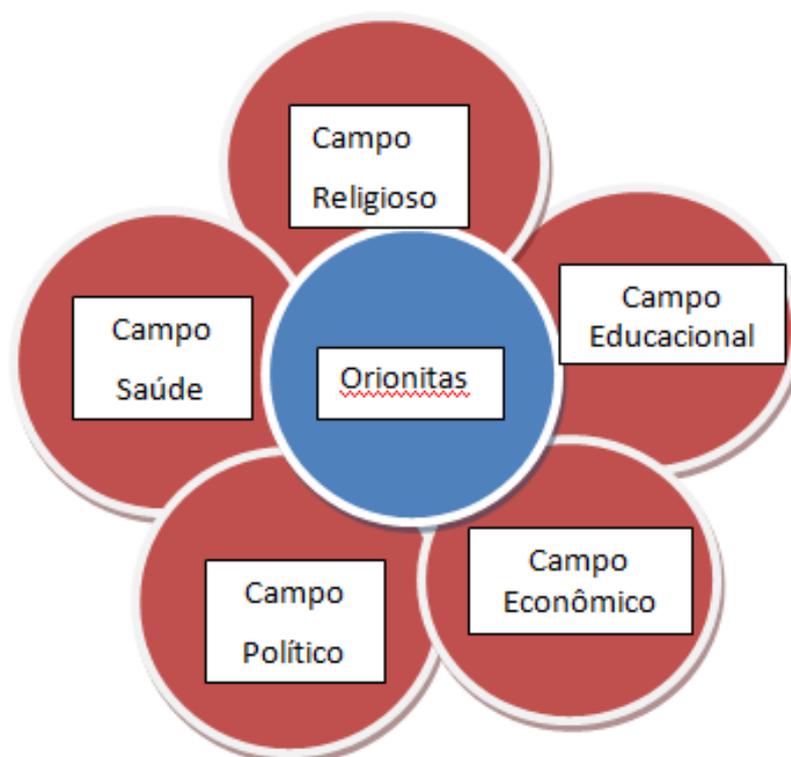
Esses campos são constituídos a partir das relações objetivas que os orionitas organizam nesta região, pois, mesmo sendo representantes religiosos, sua atuação não se restringe apenas a esta esfera, mas vai além dela, criando uma interlocução a partir do religioso com os meios: político, econômico, da saúde e educacional. Assim, criaram a partir de sua chegada novas elaborações simbólicas e novas relações de poder, pois assumem essa posição se constituindo como representantes legítimos, donos do capital simbólico que se organiza na região do antigo Norte Goiano, conforme podemos observar quando pensamos sobre essa dinâmica discutida por Bourdieu (2004):

A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada. [...]. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. (BOURDIEU, 2004, p. 20)

Esses campos da sociedade, que são unidades autônomas, ao mesmo tempo estão inter-relacionados. No caso da região do antigo Norte Goiano, em que a atuação dos religiosos da Pequena Obra da Divina Providência faz parte das relações que passaram a ser mediadas a partir da visão desse grupo, tendo como base os conceitos trazidos de seu universo social e de conhecimento, que era a Itália. Além das concepções religiosas católicas, ponto primordial de atuação dos padres orionitas, mas não único, como foi mencionado em entrevistas coletadas sobre a região.

O ponto de entendimento sobre essa noção pode ser apresentado através do diagrama abaixo (figura 10), que destaca este grupo no centro dessa organização social influenciando os outros campos nos quais estão assentados, representando as principais áreas que compõem o aspecto simbólico e de poder.

Figura 10: Diagrama dos campos sociais - interpretação segundo Bourdieu (2004) para ilustrar a dinâmica da região do antigo Norte Goiano



Fonte: Diagrama elaborado pela autora (2017)

No antigo Norte Goiano, a articulação entre os campos e as relações objetivas estabelecidas na região se deram a partir das ações dos orionitas e dos processos estabelecidos através das desobrigas, que criam ambientes propícios para interações entre os religiosos orionitas e as populações locais. Essas atividades foram sendo percebidas como os principais momentos nos quais se constituíam situações de troca de informações entre os atores desse processo: religiosos e população local, além de propiciar para os dois lados os conhecimentos e a proximidade necessária para que se acontecesse esse processo de interação.

Essa atividade, chamada de desobriga, desperta a atenção, pois pode ser percebida na fala dos entrevistados em 2006, que fazem parte de uma pesquisa sobre as localidades por onde os orionitas atuaram, e também nas falas atuais, coletadas a partir das conversas e entrevistas feitas com um dos padres, Remigio Corazza, que fez parte das primeiras levadas de religiosos que estiveram presentes no período nomeado de missionário entre 1950 a 1970.

Durante as entrevistas feitas com este religioso, um dos momentos de maior descontração durante a sua fala foi ao comentar sobre as desobrigas, pois se percebeu uma modificação na frequência da fala. Além disso, observou-se modificação na voz que se mostrou mais leve, esboçou sorrisos durante os comentários, demonstrou satisfação no que estava emitindo e despertou bastante atenção nas oportunidades que conversamos sobre essa temática, mostrando como essa mudança de comportamento estava relacionada às suas percepções desse momento vivenciado junto às comunidades da região.

Dentre as entrevistas feitas, uma em especial mostra o quanto essa temática chamava a atenção, pois mesmo em idade avançada como possui o entrevistado, 97 anos no período das entrevistas, não deixou de mencionar com detalhes sobre essa atividade, da qual ele também participou:

Perto da meia noite era a missa da despedida para fazer a missão, a desobriga. Todos na beira do rio... tinha o cântico, e se partia, com o rio todo cheio. Era algo fora do comum [...] viajava-se com número diferenciados de pessoas, dependendo do lugar onde era a desobriga. Na desobriga de Inhuma viajava com mais de cem elementos, [...] na chegada tinha o cântico, o encontro, o almoço, a janta e tinha coisas que não acabavam nunca. Era a Páscoa do lugar. O encontro da gente que não se encontrava há muito tempo [...] porque tinha 20 anos que não passava padre, [...] então tudo que era feito numa paróquia se fazia na desobriga. Por isso era a Páscoa do lugar. (CORAZZA, 2016)

A reprodução de parte da fala desse sujeito mostra um pouco do funcionamento dessa atividade, mas ficar apenas na fala é pouco para se compreender o processo de interação entre os padres orionitas e a comunidade, pois, a partir da fala desse entrevistado, se percebe que aos poucos foram sendo constituídos os conceitos para a região do antigo Norte Goiano. O sentido da fala desse religioso resulta das percepções do local desde o momento em que se deu o contato com a comunidade e propiciou uma proximidade e interação entre esses sujeitos, por isso, marcam seu discurso e posicionamento, já que “é a formação discursiva que determina o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (ORLANDI, 1988, p. 108). No caso do padre Corazza (2016) mostra seu lugar de poder simbólico, o posicionamento institucional e seu discurso autorizado pela Igreja Católica.

As desobrigas foram vistas pelos orionitas, e também pelas pessoas que foram contemporâneas do início dos trabalhos destes religiosos, como uma mudança na dinâmica dos lugares por onde atuaram. Percebemos através dessas pessoas entrevistadas que a lembrança destas atividades é algo tratado como fora das atividades cotidianas, por isso, um elemento em especial, conforme se pode observar a partir dos fragmentos extraídos das entrevistas com moradores do antigo Norte Goiano:

Uma das grandes dificuldades que eu observava eram as desobrigas. Pe. Bruno ia montado numa burrinha, por exemplo, lá de Nazaré a Piaçaba. Vinha até aqui, em Ananás, celebrar um festejo. Na volta passava pelo Angico até chegar a Nazaré de novo. Eu não sei como ele aguentava! (COSTA, 2006)

Sei que naquela época para ir de animal quando viajava de um local para outro, não tinha estrada, não tinha transporte. Depois que ele deixou a burrona dele, ele tinha um jipe velho que ele andava pelo sertão, mas tinham muitos tombadores onde atolavam e se andava mais fora do que dentro do jipe. (SILVA, 2006)

Os padres faziam a desobriga na região e também pelo rio Araguaia usavam a canoa. Inclusive contam que o padre Stanislao [sic] vinha de canoa e soltava o remo e dormia e descia o rio abaixo e quando estava perto que acordava. (ALVES, 2006)

Esses dias eu encontrei um colega [...] que ele dizia assim [...] no tempo do padre Antônio nós viajávamos: ele montado num cavalo e eu atrás, ou à frente, montado num burro, carregando a carga. Ele rezava uma Ave Maria e o padre respondia. E isso pela estrada toda. (MATIAS, 2006)

A partir das falas destacadas acima, o que percebemos é que, aos poucos, o que era uma atividade vista de forma diferenciada passa a fazer parte da realidade e das histórias dessa região, pois foi destacado nas entrevistas que as desobrigas passaram a ser parte integrante das atividades desenvolvidas na região do antigo Norte Goiano e da vida das pessoas que residiam nela. Visto que se torna um exercício no dia-a-dia dos religiosos orionitas, passa a fazer parte do trabalho religioso, constituindo um calendário das desobrigas para que pudessem atender a um número cada vez maior de pessoas que viviam nessa região.

Além disso, também era reconhecida como uma atividade festiva tanto pelos padres, que as realizavam, quanto pela população que estava envolvida nesse processo, pois movimentava uma grande quantidade de pessoas das localidades, o

que não era comum naquele período e contribuía para o “reconhecimento” do território que os orionitas estavam adentrando nas décadas de 1950 a 1970. “Aquele viagem tinha como finalidade colocar o sacerdote em contato com o povo do sertão, sem cansá-lo demais” (TONINI, 1959, p. 37).

Não podemos perder de vista que, pelo viés institucional, era uma maneira de a Igreja Católica estabelecer uma proximidade com as comunidades que estavam afastadas das cidades, em localidades que, de outras maneiras não teriam acesso, pois os contatos eram bastante difíceis pela falta de estradas e meios de comunicação. Muitas pessoas viviam distanciadas uma das outras (em fazendas, sítios e chácaras) e, mais ainda, distantes das cidades ou lugarejos que, na década de 1950, abrigavam os representantes religiosos, então poucos e raros.

Além de ser um momento festivo, as desobrigas também possuíam certa diferenciação, pois durante suas realizações, além das atividades religiosas, como os sacramentos (batizados, confissões, casamentos) e as missas, também se havia a catequese, realizada por meio do teatro ou feita em uma máquina antiga de projeção, na qual se mostravam passagens bíblicas e ensinamentos para a comunidade, de acordo com a descrição feita por Corazza (2016).

Para uma população que vivia uma realidade diferente da qual estava sendo apresentada através das atividades desses religiosos, era de se imaginar que essa relação acontecesse através do poder simbólico, representativo desse grupo, que detinha conhecimentos diferentes daqueles que caracterizavam as populações dessa região. Essa percepção vai sendo entendida à medida que os padres, juntamente com as comunidades locais, passam a fazer essa interlocução, num contexto que trouxe cada vez mais proximidade entre estes dois grupos, naturalizando o que era emitido por parte dos religiosos deveria ser aceito como realidade, já que apresentavam as novas formas de se relacionar com o sagrado, inclusive utilizando aparato tecnológico desconhecido até aquele momento, mas usado para contribuir com esta construção.

Terminado tudo, haveria o “cinema”; assim costumavam chamar às suas projeções [...] Todos se imprensaram em torno da máquina. Ao invés de olhar para a tela, enfiavam os olhos no objetivo da máquina que os encandeava. Finalmente viram as figuras sucederem-se. Primeira parte [...]

a técnica utilizada pelo demônio para se apossar das almas [...] O diabo era tido mesmo como mau de verdade; a impressão foi enorme. A segunda parte era Santa Maria Goretti. Agradou muito a todos. No outro dia, várias meninas, na hora do Batismo assumiram o nome de Maria Goretti. À uma da madrugada, tudo terminou. O povo dormia. Nas redes, as crianças se agitavam como gatos no saco. Talvez a fantasia delas encarregava-se de repetir o espetáculo. (TONINI, 1959, p. 63)

A descrição realizada pelo padre Quinto Tonini (1959), a partir de suas observações feitas durante as desobrigas, nos permite perceber um pouco de como se deu essa interação entre os padres da Pequena Obra da Divina Providência e a comunidade do antigo Norte Goiano. Tendo como exemplo o uso dessa máquina de projeção, que provoca nas pessoas um misto de curiosidade e admiração, além das projeções que são escolhidas e utilizadas para contribuir de uma forma lúdica e disseminar os preceitos religiosos católicos, também era criada uma certa mudança na perspectiva das pessoas, tanto que, segundo o relato, os nomes passam ser escolhidos a partir do que assistiram e vivenciaram.

Tomando esse exemplo dado e a análise das falas dos entrevistados, é possível elaborarmos uma interpretação de como esse grupo foi conferindo a essa localidade uma nova percepção simbólica, pois o contato desses dois mundos tão diferentes vai, aos poucos, desvendando as características peculiares então existentes e, ao mesmo, tempo construindo possibilidades de uma nova estruturação da realidade mediante o exercício de poder simbólico por parte dos religiosos orionitas.

Esse poder exercido pelos religiosos tinha características específicas para ser aceito como representativo por parte das comunidades locais, pois não é qualquer fala que é incorporada à vida ou ao cotidiano de um grupo. Para que isso possa acontecer, ela tem que ser percebida como legítima. Conforme descreve Bourdieu (1998), “tanto a maneira como a matéria do discurso, depende da posição social do locutor que, [...] comanda o acesso que se lhe abre à língua da instituição, à palavra oficial, ortodoxa, legítima” (p. 87).

As formas de discurso emitidas por este grupo foram sendo reconhecidas como constituintes da realidade do antigo Norte Goiano, pois tinham como respaldo uma instituição, a Igreja Católica Apostólica Romana, de onde evocavam o uso

dessa manifestação e transformavam suas ações e emissões discursivas como representativas dessa autoridade.

Figura 11: Foto do Pe. José Vicente e o maquinário de projeção²⁷



Fonte: Registro elaborado pela autora (2013)

Assim, durante a realização das desobrigas havia a oportunidade para reafirmarem algumas concepções da doutrina católica, pois a ação dos padres na região visava mostrar como deveriam ser feitos os ritos pertencentes à instituição católica, através de seu representante, que nesse caso era um padre orionita, numa busca por “consagrar, ou seja, sancionar e santificar um estado de coisas, uma ordem estabelecida” (BOURDIEU, 1998, p. 99). Assim, reforçavam o poder que ela

²⁷ Pe. José Vicente, residente em Tocantinópolis em 2013, apresentando esse maquinário utilizado durante as desobrigas para a projeção de passagens bíblicas. Foto tirada durante um trabalho de pesquisa na documentação da diocese de Tocantinópolis, realizado em 2013 com a professora Vera Lúcia Caixeta e que compõe a documentação do CDH – Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

exercia através de todo esse simbolismo presente nas atividades que se contrapunham a outras formas existentes até a chegada desses religiosos, marcando a diferença entre o período anterior e esse, no qual estavam atuando na região, como forma de legitimar suas ações, conforme se discute Bourdieu (1998):

Falar em rito de instituição é indicar que qualquer rito tende a consagrar ou a legitimar, isto é, a fazer desconhecer como arbitrário e a reconhecer com legítimo e natural um limite arbitrário, ou melhor, a operar solenemente, de maneira lícita e extraordinária, uma transgressão dos limites constitutivos da ordem social e da ordem mental a serem salvaguardadas a qualquer preço. (BOURDIEU, 1998, p. 98)

Para as comunidades do antigo Norte Goiano, as desobrigas eram momentos nos quais podiam se confraternizar, onde tinham a oportunidade de aproximação com outros indivíduos, além de ser um momento que congregavam várias atividades festivas, tornando estas atividades bastante animadas, tanto por parte da fala dos padres, quanto da leitura observada desse momento. “Com a chegada dos missionários haveria ajuntamento de muita gente dos arredores. Portanto, jogos, disparos, corrida de cavalo; animava-se como uma metrópole para as Olimpíadas” (TONINI, 1959, p. 126).

Através dos exemplos trazidos até o momento, percebemos a alegria na realização desses momentos. Se fizermos um exercício de imaginação, não será difícil pensarmos o quanto tais momentos poderiam mobilizar as pessoas em torno de uma atividade desse porte. No entanto, não podemos perder de vista que, em paralelo a todas estas festividades coexistiam os interesses em entender e agregar os indivíduos que compunham as comunidades da região do antigo Norte Goiano, ao longo das décadas de 1950 a 1970.

Essa atividade também era tida como marco por parte dos religiosos, pois Tonini (1959) aponta que “a partida do missionário significava para o povo do sertão a volta às [...] ocupações. [...] Sentiam a perda de alguma coisa querida, que talvez por um ano não haveriam de encontrar” (p. 126). A leitura que se pode fazer é que não era apenas a vida da comunidade que ficava monótona ao término das desobrigas, mas a desses representantes religiosos também, pois esse momento

era a expressão maior, inclusive enquanto padre, no qual se fazia sentir o poder que se exercia na região.

Para realizarmos a análise acima, foi importante entendermos como o conceito mostrado por Orlandi (2009), no que se refere ao aspecto metafórico, consegue dar elementos para percebermos os emaranhados na produção de sentidos que afetam a interpretação e a escrita mostrada por Tonini (1959) a partir de sua vivência na região e nas desobrigas, dando condições para percebermos como “a metáfora é constitutiva do processo mesmo de produção de sentido e da constituição do sujeito. Falamos da metáfora não vista como desvio, mas como transferência” (ORLANDI, 2009, p. 79).

Esse aspecto metafórico se relaciona com a produção de sentidos que foi sendo constituída pelos orionitas, principalmente durante as desobrigas, e que não está diretamente apontada em suas falas ou ações. Se encontra percebida nas condições de formação dos discursos religiosos, principalmente quando buscam dar sentido ao meio que estão atuando e aos grupos com os quais partilham suas concepções religiosas católicas.

Como já mencionado em outros momentos, a realização das desobrigas propiciou aos religiosos o conhecimento das diversas localidades e das pessoas que estavam distribuídas pela região do antigo Norte Goiano, pelas quais os orionitas passaram a ser responsáveis. Depois desses primeiros contatos, os religiosos passaram a organizar e construir nos locais uma igreja, uma escola e um posto de saúde, espaços em que se deram as principais ações destes religiosos.

Esses elementos, que também são nomeados de “tríade de atuação dos orionitas”, ficaram em destaque durante as entrevistas na região, pois, em sua fala, Lima (2006) menciona sobre a atuação dos padres dizendo que:

A importância foi muito grande, pois construíram a escola, a igreja, o pronto-socorro, a casa paroquial. Isso foi muito bom para o lugar, porque faziam os trabalhos pastorais, reuniões com as famílias e isso foi conscientizando o povo e aconchegando mais a religião. Favoreceu para que as pessoas se voltassem para a Igreja [...] Nós podemos ver que os padres têm um coração muito bom, em nenhum momento pensam em prejudicar, mas sempre fazer o bem para a comunidade.

Essa concepção, observada no trecho extraído de uma das entrevistas feitas durante o trabalho de pesquisa, em 2006, sinaliza que o entrevistado concebe como uma percepção individual. No entanto, ao nos depararmos com a repetição desse discurso por parte de outras pessoas, não pudemos deixar de notar como esses discursos foram sendo incorporados pelas comunidades da região do antigo Norte Goiano – concepções inicialmente emitidas por um grupo em particular, os padres orionitas.

Esse resultado são respostas ao que Bourdieu (1998) nomeia de dominação simbólica, pois reproduzem como autônomas e legítimas as idéias que inicialmente não pertenciam a esse grupo de indivíduos, nesse caso, moradores do antigo Norte Goiano, porque “toda dominação simbólica supõe, por parte daqueles que sofrem seu impacto, uma forma de cumplicidade que não é submissão passiva a uma coerção externa nem livre adesão a valores” (BOURDIEU, 1998, p. 37).

Tomando como base o que foi mencionado na entrevista por Lima (2006), o contraponto que se pode fazer não se resume à questão de que existiram ou não as unidades constituídas por este grupo de religiosos, mas sim como elas são vistas por esta comunidade que está, em todas as instâncias, distante das áreas consideradas mais importantes para o país, bem como das preocupações e olhares do Estado. Nesse sentido, esse grupo de religiosos corporifica o que eles precisam na região e se tornam seus legítimos interlocutores, pois entendem as necessidades que eram consideradas mais urgentes. Diferentemente de outros representantes, os orionitas se apresentavam como dispostos a contribuir para a superação de questões então consideradas vitais para esse grupo populacional.

Essa concepção pode ser observada na entrevista de Alves (2006), quando responde sobre o significado da presença dos orionitas em Xambioá. “Foram os desbravadores [...] os primeiros que chegaram por aqui, [...] para os xambioaenses foi um marco na evangelização, na área da educação, na área da saúde, na área social” (ALVES, 2006). O conceito utilizado na fala é resultado da formação discursiva que foi sendo permeada nessa região e, dessa forma, corresponde à apropriação de um discurso, pois, segundo Orlandi (1988, p. 19), “o sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual. A forma dessa apropriação é social”. Nesse meio social onde os conceitos são produzidos a partir de um grupo

que detém um determinado poder simbólico, nesse caso os orionitas, e que, a partir de um discurso desse grupo, os conceitos e valores por eles propostos são incorporados para dar sentido àquilo que se vivenciava.

A construção dos elementos simbólicos que dão corpo aos aspectos da formação do discurso que se observa como sendo utilizado por esta região está constituída na formação ideológica, através da qual se incorporam ideias e as tornam legítimas e naturalizadas como próprias de quem as emite, sem reconhecer os traços de dominação simbólica que as incorpora, e nem mesmo se aperceber de que “os discursos não são apenas [...] signos destinados a serem compreendidos, decifrados; são também signos de riqueza a serem avaliados, apreciados, e signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos” (BOURDIEU, 1998, p. 53).

Essa percepção se torna mais clara quando nos deparamos com elementos emitidos no discurso de uma das entrevistadas, que destaca características da localidade onde vivia a partir de quando o grupo que se inseriu nela, apontando que antes não havia elementos naquela sociedade que pudessem ser considerados importantes, pois menciona o significado da presença desses religiosos com a existência da vida na região, comentando da seguinte maneira:

Na minha opinião sem os padres orionitas, isso aqui não teria vida. Em muitos lugares tem padres, mas não tem uma escola paroquial. Aonde você vê uma Escola Paroquial, pode pesquisar que teve orionitas por lá. Na área da saúde houve uma grande contribuição. [...] Os padres que aqui passaram com sua garra, com seu trabalho, com os frutos que eles aqui deixaram, sementes que aqui plantaram, cresceu e virou essa árvore enorme, que a gente vê por aí o trabalho dos orionitas. (FEITOSA, 2006)

Ao falarmos da visão mostrada por Feitosa (2006), não podemos deixar de imaginar que as figuras representativas de poder religioso, estivessem simplesmente sendo aceitas e inseridas como componentes desse meio social porque pensavam a melhoria da região. Esse aspecto também estava acontecendo, mas em paralelo a ele havia o exercício de um poder que respaldava as suas inserções nessa região e o posicionamento que detinham, que foram aos poucos sendo incorporados pela comunidade do antigo Norte Goiano. Após essa incorporação os padres passaram a ser vistos como componentes dessa região e contribuem para constituir as esferas que são destacadas nas entrevistas que permeiam principalmente o campo

religioso, educacional e da saúde, mas que também se estendem para as esferas econômicas e políticas conforme destacado na figura 10.

A atuação dos religiosos orionitas na esfera política é algo que também foi se construindo à medida que a comunidade enxergou nesses representantes um grupo que tinha interesse na melhoria da região, já que através deles estavam vivenciando mudanças que não se via anteriormente. Dessa forma, foi estabelecida uma aproximação dos indivíduos que representavam o poder público local, como prefeitos, delegados, juízes, secretários, junto aos religiosos orionitas e, a partir do momento em que perceberam como esse novo grupo inserido na região, passaram a conquistar espaços em outras esferas de poder.

Em relação a este aspecto, no livro do Tonini (1959), há uma discussão acerca da diversidade de acontecimentos e situações vivenciadas na região, em que destaca exemplos de como os religiosos começam a estreitar os laços com as várias instâncias de poder local para dar continuidade ao projeto de territorialização pensado para a região do antigo Norte Goiano. Seus relatos apontam para como se deram as soluções encontradas para os problemas então enfrentados a partir da influência e decisão de famílias mais ricas ou pessoas que ocupavam cargos de poder da região.

Nesse sentido se faz necessário comentarmos que se estabeleceu uma via de mão dupla, pois os padres orionitas, através de sua atuação na região, passaram a conhecer detalhes dos lugares e das pessoas que eram desconhecidos pelo poder público, ocasionando que houvesse também uma proximidade dos interesses pelo que se tinha na região e que, através desses religiosos, foram sendo identificados e apresentados.

A partir de tal aproximação dos orionitas, também vão se exibindo os interesses territoriais que irão desembocar numa contraposição, especialmente por parte dos protestantes. A disputa entre esses dois grupos resultou em muitos embates, inclusive relatados pelos próprios orionitas, que, à medida em que estruturavam suas igrejas, postos de saúde e escolas, impunham a esses “inimigos” uma influência cada vez menor, já que parte da população passou a considerar esse novo grupo como o principal representante do poder religioso.

Por isso, ao mencionarmos o aspecto territorial como um elemento de poder, é preciso ter em mente que essa construção foi resultado de uma apropriação inicialmente simbólica e, depois, propriamente territorial, no sentido físico de ocupação das cidades pelas construções que esses religiosos empreenderam. O aspecto territorial responde por essas duas categorias: tanto física como simbólica, que foram constituídas no antigo Norte Goiano, dando os contornos que a missão orionita teve nas décadas de 1950 a 1970.

Destacando como um dos principais religiosos que atuou na região, Tonini (1959) menciona em seus escritos que as frentes de trabalhos desenvolvidos, nos quais ele também tomou parte, eram vistas para além de sua atuação. Ele sinaliza para a preocupação com a mudança de olhar dessa comunidade a partir das características de pensamento dos religiosos católicos orionitas – que traziam para essa localidade a ideia de que este deveria se tornar, cada vez mais, um espaço de atuação dessa instituição que tomava como nome, norte e estrutura os preceitos da Igreja Católica Apostólica Romana. Por isso, destacamos, no trecho abaixo, um breve resumo do que havia sido realizado, além da projeção de elementos que se imaginava necessários para que a região caminhasse para outras mudanças.

Três anos já se haviam passado desde que os primeiros se agitavam naquelas terras. Pe. Tonini tinha estudado bem o ambiente e então podia dizer que o conhecia a fundo. Dominava bem a língua. Havia se adaptado às exigências do lugar e isso não era pouca vantagem. A nova igreja de Babaçulândia [...] estava terminada. No mesmo mês foi aberta uma Escola Paroquial [...] em poucas semanas, tornou-se a mais frequentada e melhor organizada da cidade. Um Posto de Pronto Socorro havia sempre funcionado [...] a religião era vivida na superfície [...] Os contatos semanais, através da Missa [...] eram muito pouco para um povo na puberdade espiritual. (TONINI, 1959, p. 105)

Como já foi mencionado, o processo de territorialização se assentou nas questões de ordem religiosa, educacional e na saúde. No entanto, pensar esse processo a partir do território, como um eixo que o considera um campo de poder, é entender que essa unidade permeia as outras mencionadas, tornando-se uma das bases principais para compreensão de como se construiu um território orionita, através do qual podemos destacar que “a relação com o território é uma relação que

mediatiza em seguida as relações com os homens, com os outros” (RAFFESTIN, 1993, p. 160).

Essa forma de pensar o território e as intervenções que foram sendo implementadas na região do antigo Norte Goiano nos permite entender que as ações colocadas em prática e as atividades desenvolvidas pelos orionitas foram causa e efeito de um processo de apreensão da realidade mediada pelos aspectos institucionais dos quais eram representantes, além de sua interface com as características locais, ou seja, o que foi utilizado na região respondia aos anseios e interesses que eram construídos e/ou identificados no período de 1950 a 1970.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos as discussões deste trabalho, havia duas principais preocupações: uma delas era a questão de que existem poucos materiais produzidos sobre a presença dos religiosos orionitas e isso poderia trazer dificuldades para elaborar uma dissertação, já que a maioria dos materiais existentes são produções oficiais; e a questão de existir uma proximidade entre a estudiosa com o grupo de religiosos estudado por mais de vinte anos.

Para entendermos como essas duas características, inicialmente pensadas como obstáculos, poderiam ser trabalhadas em prol da pesquisa e dessa produção textual, nosso primeiro plano foi ampliar a investigação para outras fontes, em especial as orais, já que uma parte desse material já estava em acervo desde 2006, quando foi coletado para mapear as características e localidades por onde os orionitas estiveram no antigo Norte Goiano, desde sua chegada em 1952.

Além desse acervo, as entrevistas feitas com um dos religiosos orionitas, Pe. Remigio Corazza, também foi importante, já que fez parte de uma das primeiras levadas de padres que vieram para a região. No entanto, a dificuldade que observamos foi o fato de o religioso estar com 97 anos no momento das entrevistas e, por isso, nem sempre estava em boas condições físicas ou disposto para conversar.

No tocante à proximidade, acabamos por utilizá-la a favor no sentido de ter maior facilidade em conseguir informações, documentos e fotografias, como por exemplo, materiais enviados pelo GEO – Grupo de Estudos Orionitas da Argentina e, além das publicações deste grupo no Brasil, também conseguimos livros publicados na Argentina e documentos da Província Nossa Senhora de Fátima sobre os orionitas no antigo Norte Goiano (disponibilizados por e-mail).

Outro elemento contributivo nesse processo ocorreu durante o Exame de Qualificação da pesquisa, através dos comentários do professor Gil Filho (08/03/2017), membro externo da banca, que mencionou sobre os diversos momentos no texto, onde havia comentários nos quais procurava manter distanciamento ou receio em relação ao posicionamento sobre o trabalho. Sua fala

nesse sentido procurou mostrar, ou melhor, lembrar que o trabalho do pesquisador não é neutro, elemento que não desperta nenhuma novidade, mas que volta e meia no texto podia ser observada essa tentativa de apropriação dessa pretensa neutralidade, com receio de estar mais próxima aos sujeitos e não conseguir realizar uma discussão pertinente. No entanto, as colocações realizadas por Gil Filho mostraram que um dos caminhos que se poderia seguir era discutir a temática deixando as possibilidades de interpretação por conta do leitor, lembrando que o sujeito da pesquisa não é o pesquisador, e sim, os padres orionitas.

Tendo essa percepção em mente, a construção da discussão elaborada neste trabalho buscou trazer elementos que pudessem contribuir para o entendimento de algumas características relacionadas ao processo de territorialização, conforme discutimos, que foi construído a partir das relações de poder constituídas com a chegada dos padres pertencentes à Congregação Pequena Obra da Divina Providência, no período de 1950 a 1970, na localidade conhecida como antigo Norte Goiano, hoje denominada de Tocantins.

O contato dos religiosos orionitas com a população do antigo Norte Goiano foi mediado pelas conformações simbólicas, nas quais estavam compostos esses dois grupos. Os padres, a partir dos preceitos e normativas da Igreja Católica Apostólica Romana, e a comunidade local, a partir das crenças populares, que atendiam às suas necessidades de explicação de mundo. A percepção dos orionitas partia de um viés religioso, católico e europeu para uma população desguarnecida do poder estatal e com profundas necessidades materiais, conforme observado por este grupo de religiosos. Esse contato também possibilitou aos orionitas se perceberem simbolicamente e, apesar de não terem as condições materiais que desejavam, acreditavam que a “Divina Providência” contribuiria para auxiliar no trabalho que estavam exercendo nessa região.

Esse aspecto observado a partir das explicações e experiências narradas durante as atividades desenvolvidas na região contribuem para mostrar como, através das desobrigas, que era o principal momento de catolização das práticas religiosas, foram se constituindo os discursos que eram próprios desses religiosos, mas que passaram a fazer parte dessa comunidade, pois estavam em conformidade

com os conceitos da existência da própria Congregação Orionita, nomeada de “Divina Providência”.

Os orionitas acreditavam que sua vinda para o antigo Norte Goiano era uma maneira de atender tanto à solicitação feita pela Santa Sé (mostrando a obediência que dedicavam ao Papa Pio XII, representante da Igreja Católica Apostólica Romana no período) quanto aos preceitos da Congregação Orionita à qual pertenciam, pois seu fundador, Luís Orione, tratava em suas falas sobre essa escolha pelas pessoas e lugares mais pobres: “minha missão prática será ao lado do Papa, a serviço dos homens, dentro e fora da Igreja, começando pelos pobres mais pobres, os primeiros escolhidos por Cristo a serem evangelizados”. (PATTARELLO, 1996, p. 278)

A escolha feita por esta região era justamente para atender aos preceitos que acreditavam. No entanto, procuramos não restringir nossa investigação apenas ao olhar dos religiosos ou das bases de suas crenças, mas pensarmos quais outros interesses estavam presentes juntamente com a vinda desse grupo, e que marcaram os sentidos e as ações realizadas, principalmente a partir das construções dos templos religiosos, escolas e unidades de saúde, elementos que contribuíram para que eles se tornassem cada vez mais conhecidos no antigo Norte Goiano.

Essas ações deixaram marcas na região, onde são encontradas construções e atividades nas quais a atuação dos padres orionitas estão representadas, como por exemplo, o maior hospital que atende além das cidades próximas a Araguaína, os estados circunvizinhos. Nos deparamos também, nessa cidade, com umas maiores instituições de Educação Básica que está ligada através de uma passarela a outra de Ensino Superior, mostrando um projeto arquitetônico que ocupa o espaço público e marca as relações de poder nessa região, pois o nome “Orione”, estampa ambientes, logradouros, capelas, bairro, praça, mostrando como esse grupo materializou o processo de territorialização.

Os interesses que vão sendo observados a partir da chegada dos religiosos da “Pequena Obra da Divina Providência” estão respondendo ao lugar de onde se emitem os discursos utilizados – lugar de poder simbólico – que será empregado para mostrar a comunidade local como deveria ser católica. Esse processo apesar de impositivo, obteve uma efetividade simbólica, porque através dele se prevaleceu

o discurso que os orionitas emitiam, já que o poder que emanavam era reconhecido a partir da Igreja Católica Apostólica Romana.

A medida que os orionitas foram ocupando os espaços que antes eram de atuação dos protestantes, foi se estabelecendo uma fronteira simbólica, na qual se constituiu uma nova territorialidade. Esse processo observado ao longo do estudo, se deu através das interações entre os sujeitos dessa região e os chegantes, numa relação de poder, investida de um discurso religioso que não se podia questionar. Esse processo contribuiu para a constituição da territorialidade orionita, além de mostrar as características que marcaram a ocupação dos espaços simbólicos dessa região.

Os lugares, as comunidades, as pessoas foram sendo conhecidas à medida que aconteciam as desobrigas e, por meio delas, os padres orionitas se utilizavam das formas litúrgicas oficiais, acreditando ser a maneira mais adequada para a população se relacionar com o universo religioso católico. Através da catequese, batizados, casamentos, entre outras atividades realizadas nesse período, se esvaziaram os conceitos e as concepções das práticas populares católicas, destacando as categorias que demonstravam o que era “ser católico”.

Refletindo sobre essa nova configuração dos lugares e a presença orionita, na qual se estruturavam as novas condições da realidade no antigo Norte Goiano, foi se percebendo que os discursos observados, emitidos, mostrados ou criados na fala dos padres, se repetiam nas entrevistas obtidas das pessoas da comunidade, principalmente quando deram destaque para a importância desse grupo no cuidado com a saúde da população, na construção de escolas e de igrejas, tríade da atuação dos religiosos.

O que percebemos é que a atuação dos padres orionitas não se restringiu apenas essa tríade, conforme visto ao longo do trabalho (escola, igreja e saúde), mas acabou por inserir em outras instâncias de poder como econômico e político, já que a atuação dos orionitas na região do antigo Norte Goiano contou com o incentivo do Estado para que essa região se tornasse conhecida e atendida onde ele não conseguia realizar essa função. Além disso, atuar nessa região vinha de encontro às necessidades da Igreja Católica Apostólica Romana com as localidades que se pretendia “ocupar” e fazer frente a outras representações religiosas, que no

caso específico, eram os protestantes, grupo que disputava os espaços de poder simbólico no antigo Norte Goiano.

REFERÊNCIAS

ALDIGHERI, Mário. **Josimo**: a terra, a vida. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

AQUINO, Maurício de. Romanização, historiografia e tensões sociais: o catolicismo em Botucatu - 1909-1923. **Fênix: revista de História e Estudos Culturais**. Jacarezinho, v. 8, ano VIII, nº2, p. 1-15, 2011. Disponível em <<http://www.revistafenix.pro.br/vol26mauricio.php>>. Acesso em 05 de outubro de 2017.

A SANTA SÉ. **Homilia do Santo Padre**. 14 de maio de 2004. Disponível em <http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20040516_orione_po.html>. Acesso em 05 de agosto de 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia crítica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

_____. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRANDÃO, Carlos R. **Os deuses do povo**: um estudo sobre religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRASIL. **Atos das Disposições Constitucionais Transitórias**. Brasília, Senado Federal, 1987. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/constfed.nsf/16adba33b2e5149e032568f60071600f/92ab4c78dad402c803256562007270ed?OpenDocument>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

CAIXETA, Vera Lúcia. **Médicos, frades e intelectuais**: leituras sobre os sertões do Brasil central (1882-1935). Curitiba: CRV, 2014.

CAVALCANTE, Hugo da Silva. **Vademecun do administrador diocesano**. 2011. Disponível em: <<http://www.infosbc.org.br/portal/index.php/povo/2019-vademecun-do-administrador-diocesano>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2014.

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA "SACRAE DISCIPLINAE LEGES". **Código de Direito Canônico**. 4 ed. Lisboa: Editorial Apostolado da Oração, 1983.

DICIONÁRIO DE LATIM. Disponível em: <<http://www.dicionariodelatim.com.br>>. Acesso em: 21 de outubro de 2016.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

GIL FILHO, Fausto Sylvio. **Igreja Católica Romana: fronteiras do discurso e territorialidade do sagrado**. 2002. 244f. Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27152/T%20-%20GIL%20FILHO%2C%20SYLVIO%20FAUSTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 04 de julho de 2017.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 67-159.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy; ORLANDI, Eni Puccinelli (Orgs.). **Discurso e Textualidade**. 3.ed. Campinas: Pontes, 2015.

LÔBO, Maiza Pereira. O sagrado como elementos de territorialização das Missionárias batistas na educação escolar no antigo norte Goiano. **Mnemosine Revista**, Campina Grande, v. 7, n.3, p. 96-112, jul./set. 2016.

MORAIS, Itamar Araújo. **Araguaína (TO):** enquanto cidade média no contexto regional. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília. Brasília, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17339/1/2014_ItamarAraujoMorais.pdf>. Acesso em 12 de julho de 2017.

NOGUEIRA, Alex Oliveira. Igreja Católica e os ideais de romanização: uma reflexão das posições de Frei Carlos Maria, diante do quadro religioso e político-social da Paróquia de Tomazina, entre os anos de 1970 a 1979. **I Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades - ANPUH**, 2007, Maringá. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Nogueira,%20Alex%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em 05 de outubro de 2017.

NUNES, José Manuel Valente da Silva. **Teologia da missão:** notas e perspectivas. 2.ed. Lisboa, OMP, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. **Discurso e leitura.** Campinas: Cortez, 1988.

PIAGEM, Pedro Pereira; SOUSA, Cícero José de. **Dom Alano:** o missionário do Tocantins. Goiânia: Gráfica Nacional, 2000.

PORTO, Sérgio Dayrell. **Análise de discurso:** o caminho das seis leituras interpretativas em massa folhada. Brasília: Casa das Musas, 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, Jean Carlos. **A articulação de escalas geográficas para a interpretação do contexto religioso evangélico pentecostal:** o caso de Londrina (PR). Presidente Prudente, 2003. 147f. Dissertação (Mestrado em Geografia) –

Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP). Presidente Prudente, 2003.

SALVADOR, Carlos Corral e EMBIL, José Maria Urteaga. **Dicionário de Direito Canônico**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SANTANA, Jocyléia, et al. **História da educação em instituições escolares confessionais no Tocantins (1871 – 2003)**. In.: Instituições Educativas, Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.

SCHIMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP – espaço e tempo**. São Paulo, N°32, pp. 89-109, 2012. Disponível em <http://citrus.uspnet.usp.br/geousp/ojs-2.2.4/index.php/geousp/article/view/306/338>. Acesso em 08 de julho de 2016.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização - Ultramontanismo – Reforma. **Temporalidades – Revista de História**. Belo Horizonte, v. 2, n. 2, pp. 24-33, ago-dez, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/temporalidades/issue/view/275/showToc>>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

TABRAJ, Marcelo Barzola. **A romanização da Igreja Católica no Brasil**. Anais do IV Seminário de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”. Campinas, 1997. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos.htm>. Acesso em 05 de outubro de 2017.

VITAL DA CUNHA, Christina. LOPES, Paulo Victor Leite. **Religião e política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ORIONITAS

COORDENAÇÃO DE PASTORAL. **Os filhos de Dom Orione na diocese de Tocantinópolis**. Tocantinópolis: Diocese, 1992.

CORAZZA, REMIGIO. **Antologia de memórias**: um passeio no tempo. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2004.

_____. **Silêncio Prudente**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2000.

FORNEROD, Fernando Héctor. **La iglesia es caridad**: la experiencia eclesiológica de San Luis Orione. Buenos Aires: Agape Libros, 2011.

GRUPO DE ESTUDOS ORIONITAS. **A grande pescaria**: a família orionita no Brasil. Caderno III. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GRUPO DE ESTUDOS ORIONITAS. **O século Orione**: um relato do pensamento, trajetórias e práticas de Dom Orione. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

OLIVEIRA, Bernadeth Martins de Oliveira (PIMC). **A face feminina de Dom Orione**: jubileu de ouro das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Maria Priscila. **A herança de um carisma na ótica feminina**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PAPÀSOGLI, Giorgio. **Vida de Dom Orione**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

PATTARELLO, Valdástico. **Perfil de Dom Orione**. 6.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA. **Constituições e normas**. Cúria Generalícia: Roma, 1988 (Reedição 2007).

_____. **Projeto Educativo Orionita**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PEREIRA, Geovani dos Santos. **Canonização de São Luís Orione**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <miriammendes@catolicaorine.edu.br> 25 de maio de 2017.

RIGO, José. **Dom Luís Orione**: uma vida em imagens. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SCANO, Renato. **D. Luís Orione**: O homem dos impossíveis. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

TONINI, Quinto. **Dom Orione**: entre diamantes e cristais. Fortaleza: Expressão, 1959.

CIRCULARES ORIONITAS

DOM ORIONE: número comemorativo do vigésimo aniversário da chegada dos missionários orionitas no norte de Goiás. São Paulo: Pequena Obra da Divina Providência, nº 60, ano XVI, janeiro-fevereiro, 1972.

A PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA: Rio de Janeiro: Obra de Dom Orione, nº 37, ano VI, junho, 1972.

A FATIMA BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Escola Tipográfica Pio X, nº 91, ano XIII, novembro, 1956.

_____. Rio de Janeiro: Santuário Nossa Senhora de Fátima, nº 3, ano I, agosto-setembro, 1954.

ENTREVISTAS

ALVES, Maria José Assunção. **Relatos de História de Vida**. Entrevista feita em 24 de outubro de 2006. Xambioá, 2006. Entrevista concedida a Miriam Mendes Costa e Cleoneide Carneiro de Sá para um trabalho de pesquisa sobre a região do antigo Norte Goiano, local de atuação missionária dos orionitas - Grupo de Estudos Orionitas – BR.

ARAÚJO, Ana Maria Rodrigues . **Relatos de História de Vida**. Entrevista feita em 24 de agosto de 2006. Itaguatins, 2006. Entrevista concedida a Miriam Mendes Costa e Maristela Crestani de Andrade para um trabalho de pesquisa sobre a região do antigo Norte Goiano, local de atuação missionária dos orionitas - Grupo de Estudos Orionitas – BR.

BRUNO, Ângelo. **Fotografia Visita Canônica de 1954**. Informações recebidas em 12 de setembro de 2016, através de Whatsapp de sua filha Giannina Bruno para compor os nomes faltantes da fotografia recebida do GEO – Grupo de Estudos Orionitas – Argentina, que mostra a visita canônica em 1954. Araguaína, 2016.

CORAZZA, REMIGIO. **Desobrigas**. Entrevista feita em 20 de julho de 2016. Araguaína, 2016. Entrevista concedida a Miriam Mendes Costa para o trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território - UFT.

_____. **Relatos de História de Vida**. Entrevista feita em 22 de junho de 2016. Araguaína, 2016. Entrevista concedida a Miriam Mendes Costa para o trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território - UFT.

_____. **Praga em Filadélfia**. Entrevista feita em 18 de maio de 2016. Araguaína, 2016. Entrevista concedida a Miriam Mendes Costa para o trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território - UFT.

COSTA, Teodorico Castro. **Relatos de História de Vida**. Entrevista feita em 25 de outubro de 2006. Ananás, 2006. Entrevista concedida a Miriam Mendes Costa e Cleoneide Carneiro de Sá para um trabalho de pesquisa sobre a região do antigo Norte Goiano, local de atuação missionária dos orionitas - Grupo de Estudos Orionitas – BR.

FEITOSA, Maria de França. **Relatos de História de Vida**. Entrevista feita em 24 de outubro de 2006. Xambioá, 2006. Entrevista concedida a Miriam Mendes Costa e Cleoneide Carneiro de Sá para um trabalho de pesquisa sobre a região do antigo Norte Goiano, local de atuação missionária dos orionitas - Grupo de Estudos Orionitas – BR.

LIMA, João Francisco. **Relatos de História de Vida**. Entrevista feita em 25 de outubro de 2006. Ananás, 2006. Entrevista concedida a Miriam Mendes Costa e Cleoneide Carneiro de Sá para um trabalho de pesquisa sobre a região do antigo Norte Goiano, local de atuação missionária dos orionitas - Grupo de Estudos Orionitas – BR

MATIAS, Inês Oliveira. **Relatos de História de Vida**. Entrevista feita em 25 de outubro de 2006. Ananás, 2006. Entrevista concedida a Miriam Mendes Costa e Cleoneide Carneiro de Sá para um trabalho de pesquisa sobre a região do antigo Norte Goiano, local de atuação missionária dos orionitas - Grupo de Estudos Orionitas – BR.

SILVA, Joana Torres da. **Relatos de História de Vida**. Entrevista feita em 25 de agosto de 2006. Nazaré, 2006. Entrevista concedida a Miriam Mendes Costa e Maristela Crestani Andrade para um trabalho de pesquisa sobre a região do antigo Norte Goiano, local de atuação missionária dos orionitas - Grupo de Estudos Orionitas – BR.